

+ Portfólio

arquitetura e urbanismo

TRABALHOS DESENVOLVIDOS POR
ALUNOS DO CURSO DE ARQUITETURA
E URBANISMO DA UFPI





+Portfólio
arquitetura e urbanismo

Coordenadoras

Ana Rosa Negreiros, Anna Karina Alencar

Editoração e diagramação

Carla Ohana, Edilson Melo,
Rewlysom Leite, Tomaz Neto Medeiros

Projeto gráfico

Edilson Melo, Rewlysom Leite

Edição

Nº 03, Novembro, 2021
Periodicidade anual | Distribuição digital

Fotografias:

Ministério da Fazenda

capa / Foto: Ronne W. L. Cruz

Igreja Matriz de N. Sra. do Amparo

p. 5/ Foto: Isabela Sipaubá;

Palácio da Cidade

p. 8-9/ Foto: Rômulo Piauilino;

Paróquia São Benedito e entorno

p. 48-49/ Foto: Valdeci Ribeiro;

Canteiro central Av. Frei Serafim

p. 76-77/ Foto: Renato Bezerra;

Av. Frei Serafim

p. 90-91/ Foto: Renato Bezerra;

Ponte Metálica João Luís Ferreira

p. 100-101/ Foto: Poliana Oliveira;

Edifício D. Antonieta Araújo

p. 114-115/ Foto: Rua 2 Produtora;

Paróquia São Benedito

p. 84-85/ Foto: karla Brandão;

Colaboradores nesta edição:

Alexandre Honório Silva • Alexia Silva • Ana Isabel Costa • Andressa Oliveira • Antônio Rubens • Ariel Larissa Silva • Arthur Rocha • Carla Ohana Araújo • Cássia Guimarães • Dennys Esrom • Edilson Silva • Emmanuelle Araripe • Fernanda Eduarda Lima • Gianluca Gomes • Gracylene Moreira • Guilherme Abreu • Hannah Rossi Oliveira • Isaac Moretz-Sohn • Isabel cristina Eustorgio • Isabela Figueirêdo • Isabela Maria Nunes • Joana Beatriz Carvalho • João Pedro Melo • José Mário Pacheco • Júlia Basílio • Julie-Ane Santos • Lara Sobrinho • Larissa Mesquita • Larissa Rafaella Sousa • Letícia Fé • Luana Andrade • Lucas Campos • Lucas Santos • Luis Eduardo Moura • Lys Marina Sousa • Marcos Antonio Filho • Marcus Vinicus Reis • Maria Juliane Conceição • Maria Letícia Oliveira • Maria Paula Laurentino • Maria Vitória Freitas • Mariana Lima • Mateus Moura • Nayra Lustosa • Paulo Augusto Sousa • Pedro Marcelo Ferreira • Pedro Vítor Costa • Ramon Araújo • Raniel Lima • Rewlysom Leite • Ruth Faustino • Sarah Caroline Freitas • Sílvia Lima • Tainah Sammya Barbosa • Tiago Marques • Valério Augusto • Victor Israel Silva • Vinícius Feitosa • Vitória Naelle • Viviane Amorim • Wellington Amorim • Yara Maria Feitosa • Yuri Silva

Professores contribuintes nessa edição:

Amanda Moreira • Ana Rosa Negreiros • Anna Karina Alencar • Eduardo Bezerra • Fritz Miguel Moura • Jose Ricardo Dias • Juliana Aragão • Karenina Matos • Marcelo Furtini • Nadja Rocha • Nayane Costa • Nícia Leite • Roberto Montenegro • Sandra Selma Saraiva • Wilza Lopes

+Portfólio [Recurso eletrônico]/ Universidade Federal do Piauí,
Projeto de Extensão MaisPortfólio. - ano 03, n. 01 (nov. 2021) — .
— Teresina: UFPI, 2021.

Anual

Disponível em: <http://revistas.ufpi.br/index.php/maisportfolio>
ano 03, n. 01 (nov. 2021)

ISSN: 2674-6107

1. Arquitetura, 2. Urbanismo, 3. Paisagismo.

4. Resumos publicações científicas, 5. Galeria artística

EDITORIAL

Prezado Leitor,

o projeto de extensão MaisPortfólio teve início em 2016, ainda como evento de extensão, com o desenvolvimento de exposição e apresentações de trabalhos. Em 2019 se tornou projeto de extensão, subdividindo-se em várias vertentes, buscando atingir uma maior abrangência na divulgação do que é produzido pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPI.

Um das suas vertentes é a Revista +Portfólio que tem como principal objetivo divulgar as produções dos alunos com um trabalho colaborativo que envolve o corpo discente, com a contribuição do que é desenvolvido em sala de aula, e o corpo docente, com as indicações do material que irá compor esse acervo. Busca-se sempre a elaboração e divulgação desse conhecimento, permitindo que os demais alunos, assim como a comunidade, possam ter acesso ao que é produzido em sala e entendam um pouco do processo de formação de um(a) arquiteto(a) e urbanista.

A 3ª edição da Revista +Portfólio traz um compilado de projetos produzidos durante os períodos 2020.1, 2020.2 e 2020.3, abrangendo as disciplinas de projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, a partir do 5º período; além disso, também traz uma seção com resumos expandidos de artigos científicos e exposição com produções artísticas elaboradas pelos alunos. Um dos objetivos da 3ª edição é mostrar um pouco da diversidade de trabalhos e do conhecimento que é produzido no curso, para além dos projetos mais tradicionais.

Organizadores



SUMÁRIO

projeto | arquitetura _____ 08

- | | | | | | |
|----|--------------------------|----|--------------------------------------------------|----|---------------------|
| 10 | casa cena | 14 | condomínio village people | | |
| 20 | residencial lótus | 24 | hotel meridiano | | |
| 28 | centro beira rio | 32 | centro comercial e cultural
"cores de nonato" | | |
| 36 | vila poty | 40 | co.hab. piçarreira | | |
| 44 | muim - museu da imprensa | 48 | cozinha luz | 50 | reforma quarto laçj |

projeto | urbanismo _____ 52

- | | | | |
|----|------------------------------------------|----|-----------------------------------------|
| 54 | análise urbana do bairro poti velho | 58 | bairro sací: proposta de requalificação |
| 62 | diagnóstico propositivo zona norte | 68 | plano diretor distrital - poti sul |
| 72 | requalificação urbana do bairro satélite | 76 | projeto são cristóvão |

projeto | paisagismo _____ 80

- | | | | |
|----|----------------------------|----|---------------|
| 82 | praça rodolfo teófilo | 86 | praça pelagus |
| 90 | parque universitário unitá | | |

tfg | trabalho final de graduação _____ 94

- | | | | |
|----|---------------------------------------------------------------------|-----|------------|
| 96 | plano de requalificação urbana do centro histórico de pedro II - pi | 100 | re habitar |
|----|---------------------------------------------------------------------|-----|------------|

resumos | publicações científicas _____ 104

- | | | | |
|-----|------------------------------------------------------------------------------|-----|-----------------------------------------------------------------------------|
| 106 | a descaract. do centro hist. de teresina para implantação de estacionamentos | 108 | planejamento e ordenamento territ. urbano no cenário pós pandemia |
| 110 | territórios negros brasileiros: o urban. de matriz africana em codó (ma) | 112 | assentamentos informais em áreas de preservação permanente em teresina (pi) |
| 114 | aplicação da infraestrutura verde no tratam. da interface urbano-ambiental | 116 | aspectos qualitativos da forma urbana e uso dos espaços públicos |

exposição | galeria artística _____ 118

- | | | | |
|-----|----------------|-----|-------------------|
| 120 | viss | 124 | arruassa |
| 128 | afroplantinhas | 132 | o olhar pela arte |

agradecimentos _____ 136



projeto
arquitetura





Perspectiva lateral fachada norte

CASA CENA

Lucas Santos

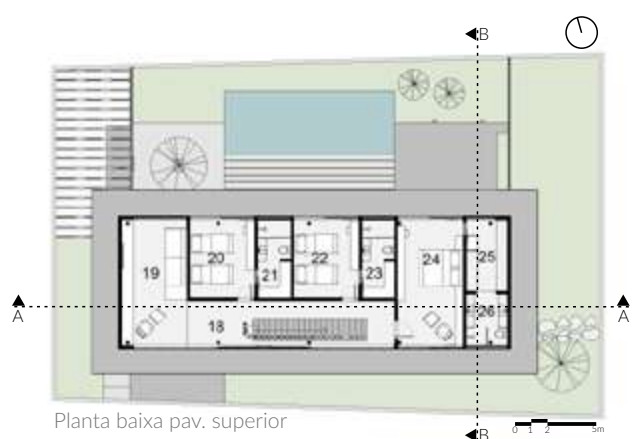
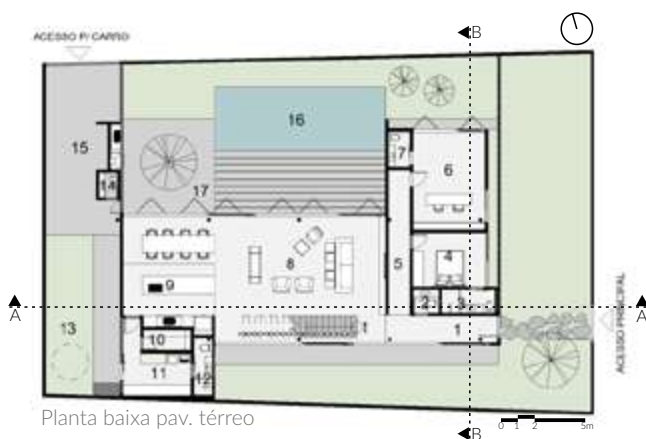
Com o objetivo de sempre enquadrar a paisagem, criando cenas a partir da perspectiva do observador por meio de grandes vãos abertos e livres nasce a casa cena. que enquadra a cena arquitetônica com elemento bruto, o concreto, mas forma simples e pura, a reta.

O perfil familiar, a análise do entorno e o clima influenciaram diretamente na necessidade de um segundo setor íntimo, a circulação posicionada ao sul, e grandes beirais respectivamente. toma-se como partido um casa de dois pavimentos onde as áreas externas de integração com a natureza e lazer, também desejadas pela família, não fossem sub dimensionadas e a volumetria pudesse respirar no terreno. Dessa forma, um volume central composto por duas lajes apoiadas sobre uma sequência de 10 pilares, organizados em duas linhas, estabelece o eixo da construção, recebendo entre suas lajes o setor íntimo principal e delimitando no térreo o vão social. Nesse vão, duas outras caixas programáticas perpendiculares ao eixo central abrigam o segundo setor íntimo e o setor de serviços.



FICHA TÉCNICA

Título: Casa Cena
 Orientador: Sandra Saraiva
 Tipologia: Residencial
 Localização: Entre as ruas
 Desemb. Robert Wall de Carvalho e
 Rua Prof. Machado Lopes / Ininga, Teresina
 Área: 352,78m²



- 1. Hall 9 m²
- 2. Lavabo 2 m²
- 3. Banho01 4 m²
- 4. Suíte01 12 m²
- 5. Circulação 10 m²
- 6. Escritório/estúdio 22 m²
- 7. Lavabo escritório 2 m²

- 8. Sala de estar/jantar 79 m²
- 9. Cozinha 17 m²
- 10. Despensa 3 m²
- 11. Lavanderia 11 m²
- 12. Banho02 3 m²
- 13. Horta 23 m²
- 14. Lavabo piscina 2 m²

- 15. Garagem 34 m²
- 16. Piscina 33 m²
- 17. Área gourmet 26 m²
- 18. Hall da escada 28 m²
- 19. Estar íntimo 25 m²
- 20. Suíte02 15 m²

- 21. Banho/closet01 8 m²
- 22. Suíte03 15 m²
- 23. Banho/closet02 8 m²
- 24. Suíte master 25 m²
- 25. Closet master 9 m²
- 26. Banho master 7 m²

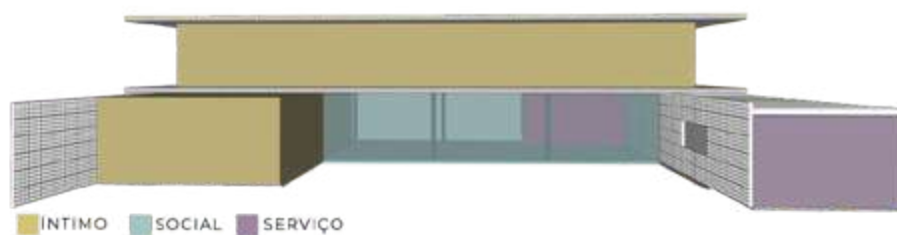


Fachada principal



VOLUMETRIA

A volumetria é alongada no eixo leste/oeste para que suas menores fachadas estejam expostas ao nascente e poente e as maiores para norte e sul. Além disso, as lajes de cobertura avançam 1,5m e associadas os painéis muxarabis garantem a proteção das fachada.



SETORIZAÇÃO

O setor íntimo superior compartilha três suítes e um estar íntimo voltados para o norte, e tem sua circulação posicionada na a fachada sul, todo o volume e envolto em painéis muxarabis fixos e móveis em portas articuladas, que garantem um permeabilidade interior/exterior controlada, o mesmo sistema se repete na fachada norte do setor social. O setor social integra-se a cozinha e é o eixo de ligação de todos os volumes, um vão livre de mais de 14m sob pilares espaçados de 5 em 5 metros, com janelas de vidro de piso a teto que enquadram a cena exterior e suavizam os limites.

Há uma simplificação na organização conceitual e programática, bem como na estrutura, que faz referência a ideais modernista de Le Corbusier da planta livre e fachada livre, permitindo uma organização livre e racionalizada dos espaços internos.

A permeabilidade da composição arquitetônica permite que de seus ambientes internos haja sempre um enquadramento da cena exterior, e os seus limites interior/exterior sejam suavizados. como soluções de sustentabilidade, é utilizado placas solares, captação de água da chuva e teto verde.

Por fim, observa-se um projeto harmônico de linhas puras que respeitando as proporções se inseri na paisagem de forma discreta, mas autêntica, em uma volumetria contemporânea.



Perspectiva externa sala de estar/jantar

CONDOMÍNIO VILLAGE PEOPLE

Gianluca Spíndola, Gracylene Moreira,
João Pedro Melo e Mariana Rodrigues

FICHA TÉCNICA

Título: Condomínio Village People
Orientador: Eduardo Aguiar Bezerra
Tipologia: Edifício Multifamiliar
Localização: Rua Visconde da Parnaíba/ Ininga, Teresina - PI
Área do Terreno: 4.385,00m²
Área da Construção: 1.283,76m²

Um dos grandes desafios da contemporaneidade é poder observar as transformações sociais presentes a cada dia de uma maneira impressionantemente rápida. As pessoas são impulsionadas para mudanças, as comunidades, cada dia mais tecnológicas, passam a serem globais, e isso reflete em todos os âmbitos da sociedade, nos modos como ela vive, come, dorme, se diverte, trabalha e habita.

Entender e analisar as transformações ocorridas no espaço físico da habitação hoje é de extrema necessidade. O lar, acaba por ser um símbolo de subjetividade, intimidade, memória, refletindo as particularidades dos seus habitantes. A casa, não tem se mostra apenas uma simples construção com paredes, mas sim a representação construída de seus moradores.

A consideração dos novos hábitos tanto da sociedade brasileira, quanto da global deveria ser parte fundamental no estudo sobre a habitação atualmente.

O arquiteto possui o grande desafio de projetar almejando a satisfação das necessidades humanas e suas subjetividades. Logo, se a família e seus hábitos acabaram por mudar, os espaços de morar devem acompanhar essas transformações.

Nota-se, também, a necessidade da elaboração de um projeto que constrói pontes, passagens acessíveis e locais de encontro, que facilitam a comunicação e integração das pessoas diferentes. É de suma importância a individualização dos módulos unitários, mas é dever dos projetistas procurar a disposição de espaços para a convivência para esses habitantes, fugindo da estética da segurança modelada, que impõe uma lógica de vigilância e distância, que acaba por não agregar uma boa urbanidade para a cidade.



Fachada Principal do Condomínio. Fonte: Render Autoral



Entrada Principal. Fonte: Render Autoral

Propôs-se então a elaboração de um conceito para um condomínio de edifícios que apresenta a união das necessidades individuais e coletivas, propondo uma nova relação de urbanidade para com o bairro e cidade inserida, como também o reconhecimento do papel de codesigner para os futuros moradores.

Projetou-se um condomínio de duas torres que se integram a uma grande praça central, com a disposição de pontos comerciais, ideais para o convite da frequência e convívio de toda a comunidade do entorno. As torres isolam-se no andar térreo por grades que permitem uma grande permeabilidade visual, agregada a um amplo e diverso jardim, que promove a conexão com o meio ambiente, somando uma estética agradável à paisagem construída.

Em ambas as torres procurou-se dispor de várias áreas de convivência para os moradores, com a presença de espaços de lazer (piscina, salões de jogos, cinemas, playground), espaços fitness e salões de festas. Essas áreas se distribuem no térreo, no 13º andar e na cobertura, buscando quebrar o individualismo vertical apresentado nos edifícios contemporâneos.

Os andares de apartamentos apresentam uma diversidade de tamanhos buscando a integração de diferentes perfis familiares e um convívio de vizinhança mais diversos. Os apartamentos são modulados, com planta livre e colunas hidráulicas, que permitem o morador adaptar suas áreas de acordo com as suas necessidades de uso, para isso foram desenhadas módulos de divisórias que visam uma melhor solução para os problemas, sem necessidade de grandes obras, visto que são painéis totalmente vedados, seguros, resistentes e removíveis, que também podem funcionar como portas “camarões”, logo apresenta grande adaptabilidade com a economia de custos.

Os módulos de apartamentos também foram pensados buscando o máximo de conforto ambiental, com ventilação cruzada presente em todas as unidades, através do distanciamento do módulo da torre de escadas e elevadores. Também com a disponibilização de áreas para jardins e uma enorme varanda que pode ganhar vários usos. Suas grandes janelas e portas de vidro são responsáveis pela sensação de ambientes amplos, iluminados, mas também protegidos pela varanda da grande incidência solar da capital piauiense.



Playground. Fonte: Render Autoral



Área da Piscina . Fonte: Render Autoral

No edifício buscou-se aplicar elementos de fachada que remetessem a uma temática do “industrial” em fusão ao sofisticado atual, como forma de inovar na estética construtiva vernacular e apresentar um ambiente propício à dinamização dos espaços. Com a utilização de uma paleta de cores propícia para tanto, o edifício apresenta em sua fachada diversos elementos através de utilização da própria estrutura (vigas, pilares, lajes e blocos de paredes).

Aproveitando as características locais da obra, as torres são implantadas de modo a aproveitar a direção dos ventos locais e tornar os espaços ventilados, com elementos de vedação dispostos de forma a propiciar a ventilação cruzada. Uma edificação com elementos contemporâneos – como, por exemplo, esquadrias em vidro - dispostas de maneira regular em conjunto com formas, em cheios e vazios, que remetem a estética “industrial” do modernismo.












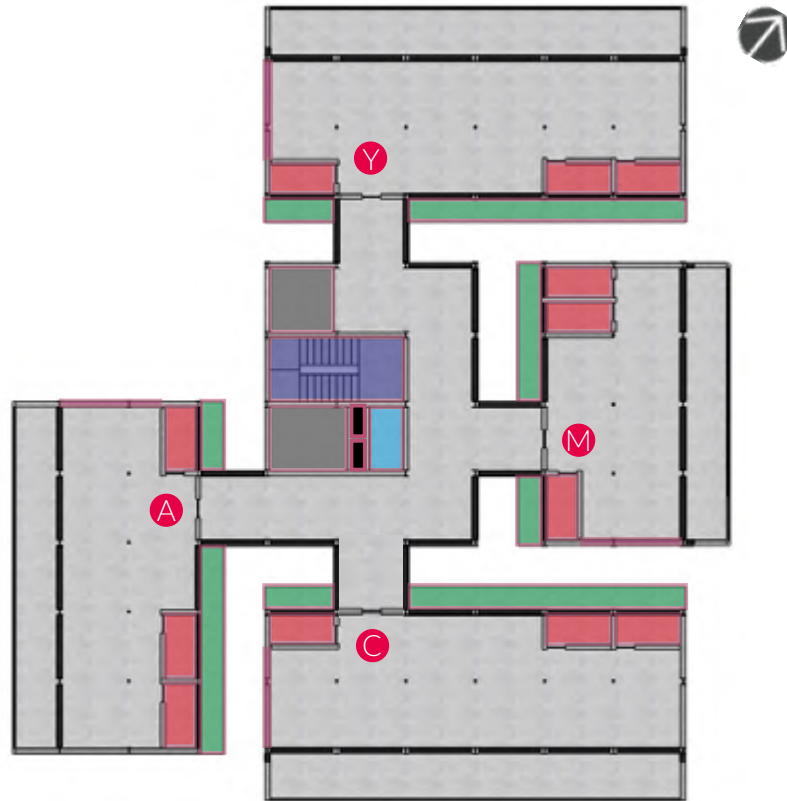
Fachada Principal. Fonte: Render Autoral



Planta de Implantação

LEGENDAS:

- | | |
|------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. entrada principal |  área para lazer ou eventos ao ar livre |
| 2. portaria torre 1 |  administração do condomínio |
| 3. portaria torre 2 |  pontos comerciais |
| 4. praça central |  pontos disponíveis para alugueis de escritórios |
| 5. estacionamentos |  grama |
| 6. playground |  piso de concreto intertravado com bege |
| 7. rampa de acesso subsolo 1 |  piso de concreto intertravado cinza |
| 8. academia ao ar livre |  piso cimentício |
| 9. rampa de acesso subsolo 2 |  cerca |



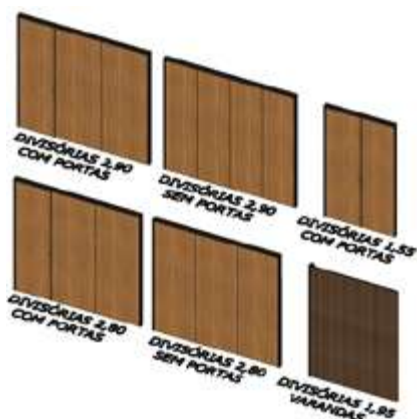
Planta Geral do Pavimento Tipo

LEGENDAS:

- elevadores
- escadas
- antecâmara das escadas
- previsão de banheiros
- área técnica e/ou jardins individuais
- parede com pontos hidráulicos

Os andares de apartamentos apresentam diversos tamanhos buscando a integração de diferentes perfis familiares e um convívio de vizinhança mais diversos. Os apartamentos são modulados, com planta livre e colunas hidráulicas, que permitem o morador adaptar suas áreas de acordo com as suas necessidades de uso, para isso foram desenhadas módulos de divisórias que

visam uma melhor solução para os problemas, sem necessidade de grandes obras, visto que são painéis vedados, seguros, resistentes e removíveis, que também podem funcionar como portas camarões, logo apresenta grande adaptabilidade com a economia de custos.



Tipos de Divisórias Disponíveis



Detalhamento das Divisórias

Por se tratar de um edifício multifamiliar que tem por proposta levar em consideração os diversos usos, atividades e necessidades de cada indivíduo, o programa básico do projeto apresenta ambientes aos quais podem sofrer modificações, com a possibilidade de diferentes ambientações, acréscimo e retirada de cômodos, e principalmente diversas possibilidades de layout.

Então para o melhor entendimento, elaborou-se dois tipos diferentes de layout para cada apartamento tipo, com programas de necessidade para pessoas/famílias de diferentes estilos e necessidades para ilustrar a versatilidade do espaço. O módulo unitário é entregue como uma tela em branco para que os futuros moradores possam aplicar toda a sua identidade no ambiente.

TIPO M - 84,50 m²



Planta de Layout 1 - Apartamento Tipo M



Planta de Layout 2 - Apartamento Tipo M



Diferentes Ambientações do Apt. Tipo M. Fonte: Renders autorais

TIPO A - 103 m²



Planta de Layout 1 - Apartamento Tipo A



Diferentes Ambientações do Apt. Tipo A. Fonte: Renders autorais



Planta de Layout 2 - Apartamento Tipo A



Diferentes Ambientações do Apt. Tipo A. Fonte: Renders autorais

TIPO Y/C - 127 m²



Planta de Layout 1 - Apartamento Tipo Y/C



Diferentes Ambientações do Apt. Tipo Y/C. Fonte: Renders autorais



Planta de Layout 2 - Apartamento Tipo Y/C



Diferentes Ambientações do Apt. Tipo Y/C. Fonte: Renders autorais

RESIDENCIAL LÓTUS

Fernanda Eduarda, Hannah Rossi, Joana Beatriz

FICHA TÉCNICA

Título: Residencial Lótus
Orientador: Eduardo Aguiar e Roberto Montenegro
Tipologia: Residência Multifamiliar Vertical
Localização: R. Aviador Irapuan Rocha/Jóquei, Teresina
Área: 13948.76m²

O Residencial Lótus tem como proposta principal oferecer conforto aos seus habitantes e preservar a relação com o entorno, conferindo integração e coerência entre o volume e a urbe. A edificação situa-se no Jockey, bairro considerado de alto padrão, bastante verticalizado e de tipologia voltada para moradia e lazer.

Por estar próximo a uma das principais avenidas da cidade, a Av. João XXIII, o projeto conta com fachadas livres, visualmente permeáveis às amplas áreas de convivência e adornadas por extensas sacadas, criando vistas panorâmicas que entrelaçam uma forte relação interior-exterior.

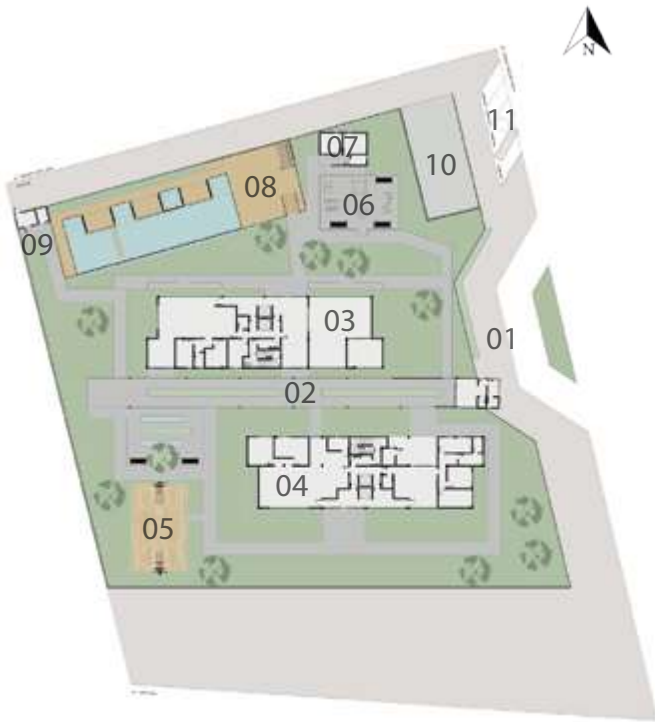
A volumetria, fortemente influenciada pelos ideais brutalistas e modernistas de Le Corbusier, consiste em blocos sólidos e lineares em concreto aparente que conferem simplicidade, harmonia e funcionalidade às torres, enquanto que brises verticais em ACM amadeirado adicionam toques pontuais de sofisticação, além de garantir a privacidade e conforto que uma residência deve ter.



Perspectiva Externa - Fachada Sul/ Render: Fernanda Eduarda



Perspectiva Externa - Área de Lazer/ Render: Fernanda Eduarda



Planta de Implantação e Pavimento Térreo/ 1 - Acesso Guarita; 2 - Circulação Central; 3 - Torre I (Salão de festas e Sala de Jogos); 4 - Torre II (Acadêmia e Administração); 5 - Quadra Poliesportiva; 6 - Parquinho; 7 - Banheiros; 8 - Piscina; 9 - Lixo; 10 - Acesso Garagem Subterrânea; 11 - Estacionamento Visitas;



Perspectiva Externa - Circulação Central/
Render: Fernanda Eduarda

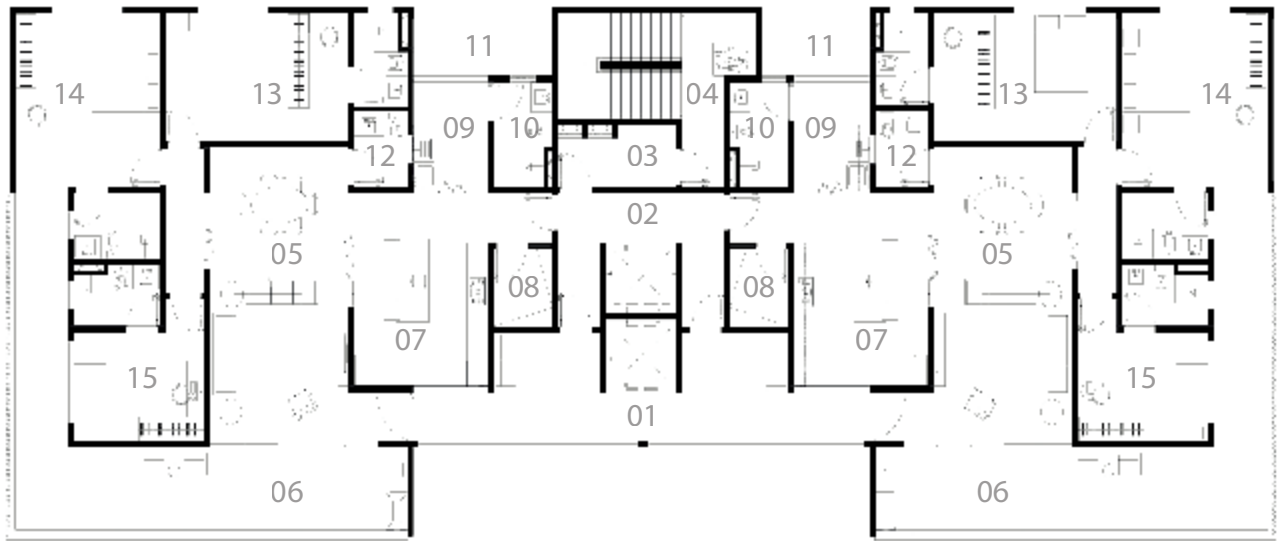
Na implantação, cada elemento foi cuidadosamente pensado a fim de otimizar os fluxos e criar áreas de permanência agradáveis e para todas as famílias. Elaborou-se um projeto paisagístico que se adequa ao clima quente de Teresina, contribui para um maior conforto térmico e confere harmonia estética ao espaço.

O Residencial Lótus dispõe de uma variedade de árvores de médio e pequeno porte, herbáceas e vegetação arbustiva criando um misto de cores e cheiros. Ao optar pela fachada ativa, fazendo uso de muros em vidro, permitimos que aquele ambiente, embora continue sendo privado, tenha um maior contato com o exterior, reduzindo a sensação de isolamento dos moradores e tornando as ruas mais agradáveis.

Quando se trata dos ambientes coletivos, contamos com a clássica área de lazer com piscina em borda infinita, além de um parquinho e uma quadra poliesportiva, buscando adaptar-se à qualquer faixa etária e incentivar a circulação dos moradores pelo condomínio, visto que em todos os espaços houve preocupação em atender às normas de acessibilidade e segurança.

A circulação central, emoldurada por um belo pergolado em madeira, cria acesso sombreado entre a guarita e as duas torres, tendo acesso para os espaços sociais no térreo, como academia, salão de festas, sala de jogos, banheiros e o setor administrativo.

O intuito principal de integração dos ambientes internos são ainda mais reforçados com os locais externos, que além de apresentar um fundo adequado para os moradores, induz os mesmos a conviverem mais entre si, com o exterior do condomínio e com a cidade.



Planta do Pavimento Tipo / 1 - Hall Social; 2 - Hall de Serviços; 3 - Antecâmara; 4 - Escada; 5 - Estar/Jantar; 6 - Varanda Gourmet; 7 - Cozinha; 8 - Despensa; 9 - Área de Serviços; 10- W.B.C. Serviços; 11 - Área Técnica/Coradouro; 12 - Lavabo; 13 - Suíte I; 14 - Suíte II; 15 - Suíte III

PAVIMENTO TIPO

No pavimento tipo, o principal objetivo foi atender ao programa, edifício habitacional multifamiliar, preservando o conforto e privacidade dos habitantes. O resultado, partiu da análise das condicionantes do lugar, das possíveis vistas da paisagem, da área disponível para edificação, orientação do sol e direção dos ventos.

Foram dispostos 2 apartamentos por pavimento, ambos possuem sacada social para a frente, permitindo melhor vista da Avenida João XXIII e do Rio Poti para todas as unidades. As suítes de cada unidade ficam em formato de L, tendo uma vista de todo o entorno, também com agradável vista da cidade.

A decisão projetual de dar um maior destaque aos setores sociais partiu da crença de que um lar se faz por meio da partilha de momentos especiais entre você e seus entes queridos. Desse modo, oferecemos conceito aberto, onde o living se integra à sala de jantar e à varanda gourmet. Já a cozinha é separada apenas por uma porta camarão, tornando a integração flexível,

e conta com uma ilha pensada para receber convidados mais íntimos ou fazer refeições em família, criando uma atmosfera mais intimista e informal.

No setor íntimo temos três suítes, em tamanhos e formatos diferentes, que podem se adequar às demandas e rotinas de cada família. Na suíte principal há acesso à sacada do apartamento que contorna o apartamento até o living.

Nas circulações externas aos apartamentos, optou-se por criar circulações distintas entre social e serviços, locando um dos elevadores próximo ao setor de serviços do apartamento a fim de potencializar os fluxos.

Quanto a estrutura independente do edifício, consiste em pilares, vigas e lajes nervuradas. Os principais pontos do projeto foram a integração dos ambientes e a funcionalidade dos espaços e elementos de forma simples.

INTERIORES

No interior, foi de suma importância que a área social do apartamento fosse generosa e aconchegante, todavia sem perder a essência estética brutalista do exterior. Optou-se pelo uso de revestimentos em madeira, porcelanatos com textura em mármore e concreto aparente.

A adoção de porta camarão na composição permite o aproveitamento da boa ventilação cruzada e iluminação natural. Todo o conjunto, a permeabilidade visual e a simplicidade no desenho trazem uma agradável sensação de amplitude e leveza.

Uma delas integra a cozinha com sala de jantar, permitindo utilizar os dois ambientes unificados, mas também isolados. A cozinha toma, então, função de área social, de encontros e confraternização. A mesa de jantar entre o living e a cozinha se torna um elo de ligação entre ambientes.

Já a outra porta camarão que leva as suítes serve como forma de deixar o espaço íntimo mais separado da casa, dando maior privacidade aos moradores.



Interiores/ Render: Fernanda Eduarda



Interiores/ Render: Fernanda Eduarda

HOTEL MERIDIANO

Luana Soares e Andrade,
Luis Eduardo Carvalho de Moura

FICHA TÉCNICA

Título: Hotel Meridiano
Orientadora: Msc Nadja Marcella Soares da Rocha
Tipologia: Hotel 3 Estrelas
Localização: Rua Monsenhor Gil, 2620 - Frei Serafim
Cidade: Teresina, Piauí
Área Construída: 7 901,17 m²

O movimento literário modernista no Piauí teve influência de grandes escritores, e culminou na criação da revista Caderno de letras Meridiano. Esse movimento buscava trazer uma vertente mais moderna para a literatura piauiense, sem negar a regionalidade. Nesse sentido, a escolha do nome para o Hotel sintetiza essa influência das inovações construtivas, no setor hoteleiro e as necessidades de adaptação de ambientes às recomendações sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19, sem, no entanto, perder a conexão com o cenário cultural e local.

O Hotel Meridiano é resultado da necessidade de inovação no atual cenário hoteleiro, aliando tecnologias sustentáveis e ágeis métodos construtivos, que permitem rapidez na execução do projeto e fácil adaptação em necessidade de retrofit. Destaca-se o uso de lajes alveolares, estrutura metálica e paredes internas em drywall, tornando a estrutura mais leve e possibilitando maiores vãos livres. Esquadrias moduladas permitem máxima área útil de iluminação e ventilação natural, potencializadas pela implantação do edifício, com as maiores fachadas positivas orientadas para sudeste.



Perspectiva da Esquina



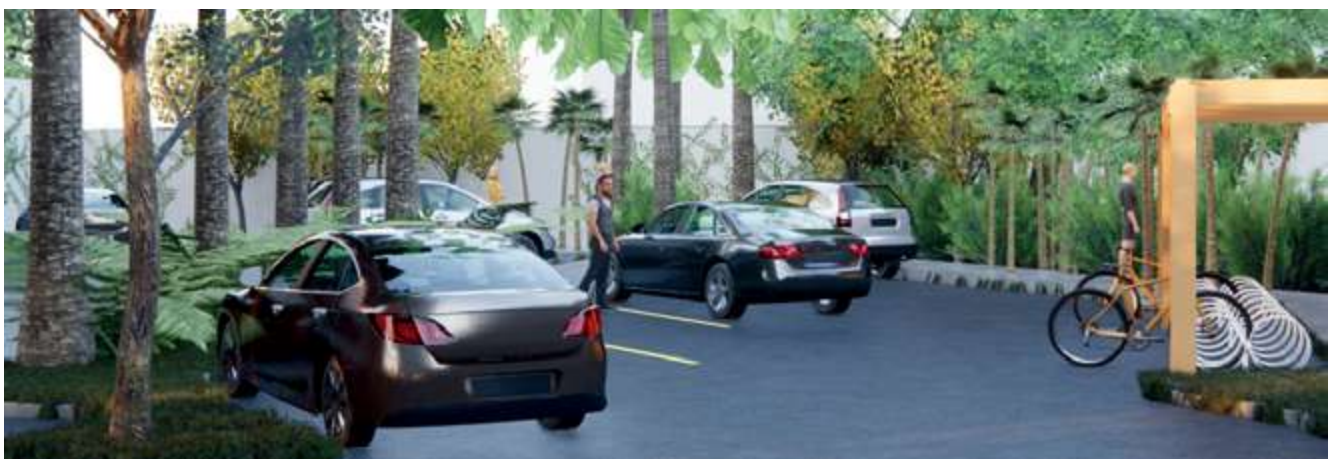
Adotou-se o partido em L chanfrado, para aumentar a visibilidade ao nível da rua e garantir maiores fachadas ativas voltadas para sudeste. O térreo foi recuado para melhor adequação à escala humana. Não há muros e a edificação se integra com seu entorno. As varandas, todas em balanço, foram concebidas em zigue-zague, alternando entre pavimentos pares e ímpares, trazendo movimento à fachada, sem implicar em maiores custos e/ou dificuldades estruturais.

No térreo localizam-se o lobby e as dependências de serviço (salvo a cozinha), além das lojas, que se voltam para a R Goiás, totalmente independentes do Hotel. O estacionamento foi alocado internamente ao terreno, recebendo tratamento paisagístico a fim de criar um “oásis”, reduzindo a impermeabilização do solo. No segundo pavimento, situaram-se as dependências administrativas, facilitando o contato com o setor de hospedagem quanto o de serviço. Restaurante e cozinha foram posicionadas no 3º pavimento, sendo este conectado ao primeiro tanto por um elevador panorâmico quanto por uma escada escultural, ambos situados no lobby.

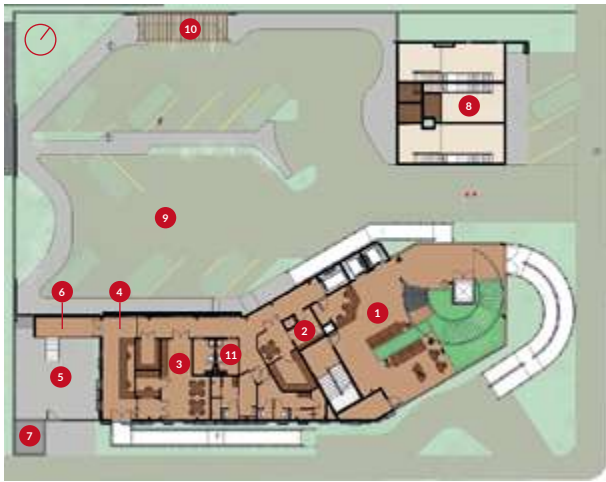
Do 4º ao 14º pavimento distribuem-se 77 apartamentos, totalizando 130 leitos. A circulação vertical interna é vencida por elevadores e escada de incêndio, centralizados em relação aos setores de administração e serviço. Na cobertura está a área de lazer do hotel, também conectada ao elevador panorâmico, contando com lounge, bar e piscina. O pavimento térreo foi elevado a 1,10m do nível do terreno, para abrigar a parte técnica da edificação. Para sustentabilidade e conforto utilizaram-se a captação e reuso de água das chuvas, ventilação cruzada nos ambientes de longa permanência, placas fotovoltaicas e de aquecimento de água.



Perspectiva Sudeste



Perspectiva do Estacionamento



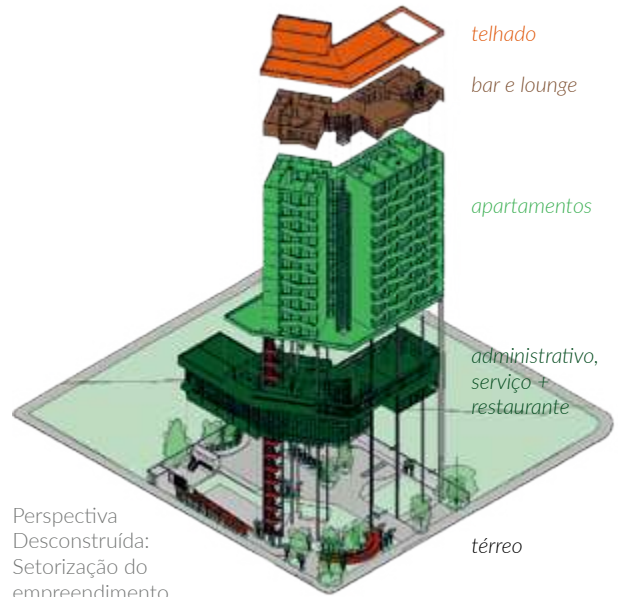
Rua Monsenhor Gil

Rua Goiás

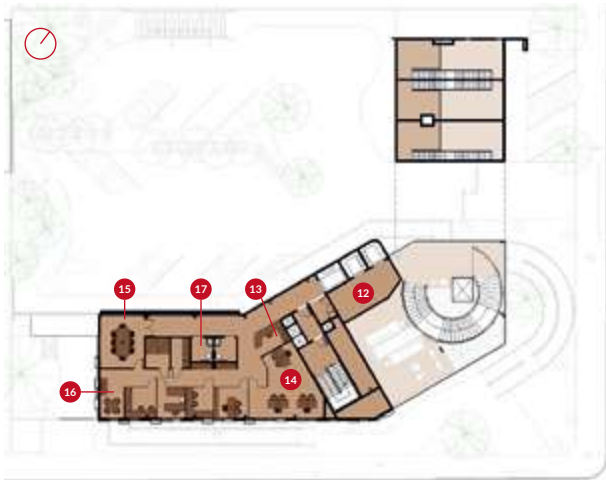
Planta do 1º Pavimento (Térreo)

5m

1. Lobby e Recepção; 2. Rouparia e Governança; 3. Copa Funcionários; 4. Controle e Protocolo; 5. Pátio de Serviço; 6. Doca; 7. Lixeira; 8. Lojas; 9. Estacionamento; 10. Bicletário; 11. Banheiros.



Perspectiva
Desconstruída:
Setorização do
empreendimento



Planta do 2º Pavimento

5m

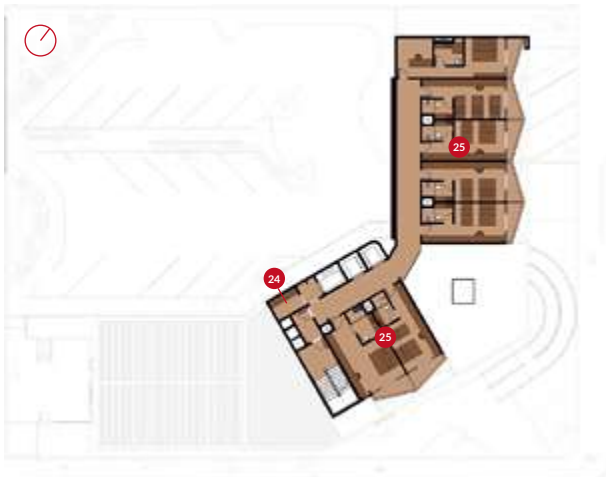
12. Mezanino; 13. Secretaria; 14. Gerências; 15. Sala de Reuniões e Treinamento; 16. Copa; 17. Banheiros.



Planta do 3º Pavimento

5m

18. Cozinha; 19. Despensa/Depósitos; 20. Louçaria; 21. Câmara de lixo refrigerada; 22. Salão do Restaurante; 23. Lavabos.



Planta do 4º ao 14º Pavimento (Tipo)

5m

24. Rouparia; 25. Apartamentos (3 tipos de planta, com seis diferentes possibilidades de acomodações, com dois ou três leitos).



Planta do 15º Pavimento (Cobertura)

5m

26. Bar Meridiano; 27. Lounge e espaço para coquetéis e eventos; 28. Vestiários; 29. Piscina e Deck.



Perspectiva do Restaurante, no 3º Pavimento

A escolha por tons terrosos remete ao clima quente do Piauí, equilibrando rústico x contemporâneo, economia, praticidade e durabilidade. Desse modo, para a composição das fachadas, foram escolhidos: porcelanato com textura aço corten; textura grafiato branca e vermelha, que garante durabilidade e economia; concreto aparente para reduzir a necessidade do uso de revestimentos, ressaltando a verdade material, e pele de vidro.

O paisagismo é uma parte importante da composição dos ambientes externos e internos do hotel. Os canteiros entre a edificação e a calçada tornam a caminhabilidade mais agradável aos pedestres, e, ao mesmo tempo - devido o acesso de pedestres por uma rampa e às grandes fachadas permeáveis - integrando esses jardins ao lobby. Houve também o aproveitamento da laje acima do lobby como um teto jardim, que pode ser visualizado do elevador panorâmico e do restaurante (3º pavimento). Abaixo apresentam-se dois QR Codes para o passeio virtual no Hotel Meridiano.



Perspectiva do Bar Meridiano, na cobertura



360°
lobby



360°
restaurante



Perspectiva do Lobby, ao nível do térreo

CENTRO BEIRA-RIO

Maria Paula S. Laurentino, Mateus Felipe O.Moura, Yuri dos Reis Nepomuceno R. e Silva

FICHA TÉCNICA

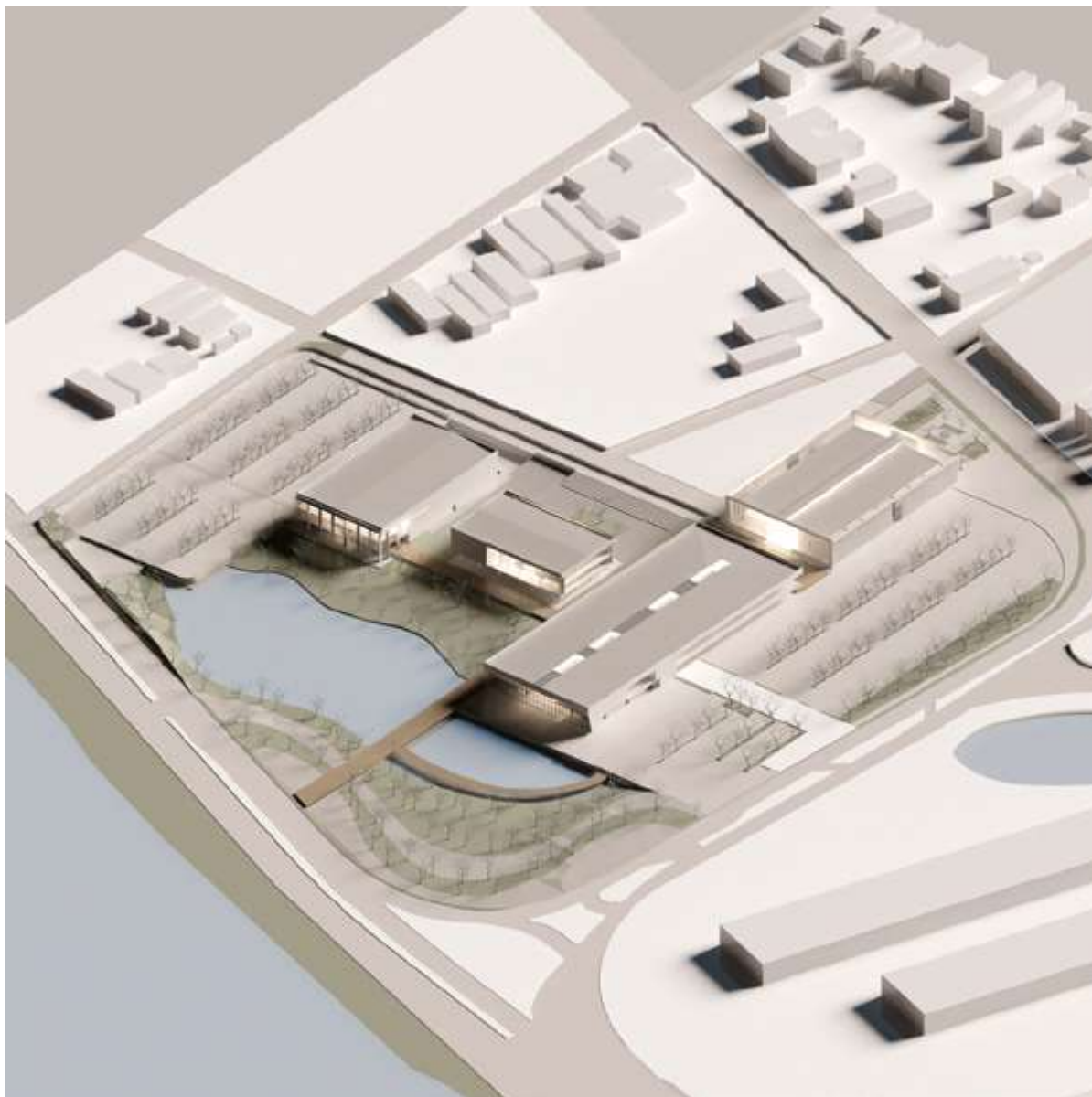
Título: Centro Beira-Rio

Orientador: Prof. Roberto Alves de L. Montenegro Filho

Tipologia: Comercial; Cultural

Localização: Avenida Maranhão / Vermelha, Teresina

Área: 17.371,78 m²



Perspectiva volumétrica do projeto

O terreno de implantação do projeto está situada no bairro Vermelha, predominante residencial e com vocação comercial em importantes avenidas, como Pedro Freitas, Nações Unidas e Maranhão. No encontro destas, está localizado o Centro Administrativo, amplo equipamento público que marca a paisagem do local e o rio Parnaíba, potencial paisagístico da cidade.

Por ser um complexo que abriga várias funções, desde atividades comerciais a espetáculos e eu entretenimento, as áreas livres entre blocos, além de conectar as diferentes atividades e tornar o espaço convidativo, complementam o entorno como um equipamento urbano diverso e tiram partido do lago existente com reserva de áreas para piquenique e descanso adequados à escala humana, além de quiosques e restaurantes implantados na área externa para proporcionar maior vitalidade ao espaço.



- 01. bloco cultural
- 02. casa da cultura
- 03. biblioteca
- 04. teatro

Implantação do projeto



Corte perspectivado dos blocos

O projeto consiste em tornar o Centro Cultural e Comercial uma área convidativa e acessível que conecta a cidade em um grande espaço público equipado. Entre pátios, o desenho proposto mantém os fluxos existentes e se distribui contíguo ao eixo da rua João Virgílio, que cruza a avenida Pedro Freitas, e ao eixo do Centro Administrativo, formando amplos percursos arborizados que conectam os blocos e percorrem todo o programa e estimulando o encontro e atividades de convivência.

A inserção dos blocos no terreno foi pensada de forma a evitar maiores impactos no extrato vegetativo existente e na topografia em si. Por se abrir para o terreno e para o entorno, a arquitetura do centro tira partido do contexto espacial prévio e qualifica a área para complementar de melhor forma possível os espaços que viriam a existir em um novo cenário paisagístico. Como o lago, que viria a ser revitalizado e desempenhar papel fundamental como aliado ao programa arquitetônico previsto.



Vista da passarela sobre o lago



Vista do pátio coberto da biblioteca

CASA DA CULTURA

- O setor cultural possui mezanino que permite a união de ambos os pavimentos e cria um amplo espaço para exposições e convivência;
- As brises permitem a iluminação e ventilação do bloco e protege contra a incidência solar, além de criar privacidade para os espaços de sala de aula, projetadas com grandes esquadrias que permitem permeabilidade com o espaço externo;

BIBLIOTECA

- Bloco sobre pilotis permite usos diversos no térreo;
- Posicionado no sentido norte-sul: permite maior contato visual criando relações com o lago, rio e a cidade;
- No interior, o espaço é visualmente aberto e iluminado por luz natural e protegido por um sistema de brises.



Vista da passarela de entrada pela Avenida Maranhão

TEATRO

- Segue a orientação dos demais blocos e localiza-se ao norte do terreno, por ser mais recluso e necessitar de maior facilidade de acesso/mobilidade durante grandes espetáculos;
- Foyer amplo e aberto que dá continuidade ao eixo do Centro Administrativo até a rua Pires Rebelo;
- Estacionamento próprio que facilita os fluxos dentro e fora do centro.



Vista interna da área de lojas

BLOCO COMERCIAL

- No térreo, a oeste estão os restaurantes e boxes de alimentação, com uma praça de alimentação que se estende por um deck até o lago e a leste, as lojas comerciais;
- No piso superior encontram-se todos os espaços de apoio como salas técnicas e administração e as demais lojas;

CENTRO COMERCIAL E CULTURAL “CORES DE NONATO”

Ana Isabel Alvares, Letícia Moura Fé,
Luis Eduardo Carvalho, Tainah Sammya Barbosa

FICHA TÉCNICA

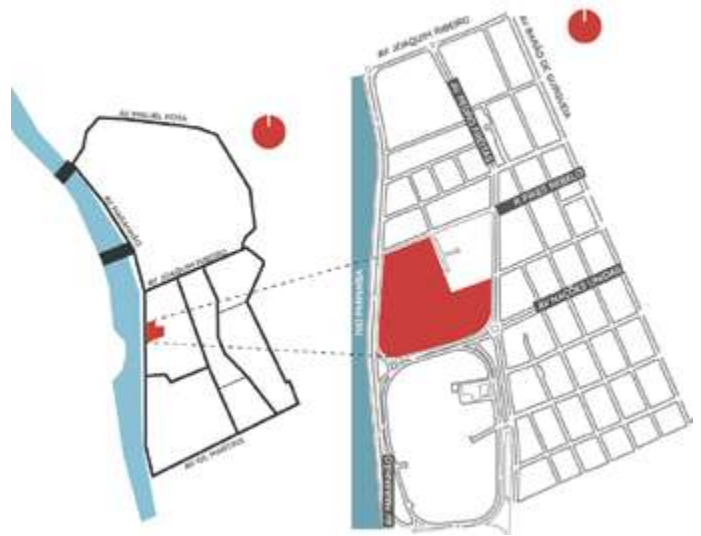
Título: Centro Comercial e Cultural “Cores de Nonato”

Orientador: Prof. Msc. José Ricardo de Freitas Dias

Tipologia: Comercial e Institucional

Localização: Avenida Maranhão, s/n - Vermelha, Teresina, PI

Área: 21.120,90 m²



Macrolocalização e Situação do Empreendimento na cidade e no Bairro, respectivamente

O terreno escolhido para o projeto localiza-se no bairro Vermelha, na zona sul de Teresina, delimitado pela Avenida Maranhão, Avenida Pedro Freitas, Rua Pires Rebelo, Rua Lúcia e Avenida Nações Unidas, conforme observado na ilustração acima, totalizando uma área de 59,039,13 m². Posicionado próximo ao rio Parnaíba, ao Centro de Teresina e ao Centro Administrativo do Estado do Piauí, com acesso facilitado a diferentes áreas da cidade, a implantação de um centro comercial e cultural traria grandes benefícios às pessoas que moram, trabalham e estudam no entorno, além de solucionar algumas questões ambientais inerentes à localidade.

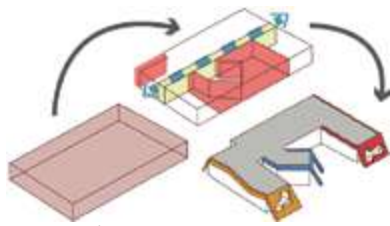
O centro cultural e comercial “Cores de Nonato” homenageia o artista popular local Nonato Oliveira e em suas obras, marcadas, principalmente, pelas cores vibrantes e formas geométricas bem definidas. Logo, adotamos como partido para o projeto uma volumetria com formas prismáticas, que se destaca, e o uso de cores vivas na edificação. Também, buscou-se integrar todas os componentes do programa de forma



Imagem Aérea do Terreno
Fonte: Google Earth, 2021



Perspectiva do lago sazonal pré-existente, ampliado para o projeto



Croqui Volumétrico

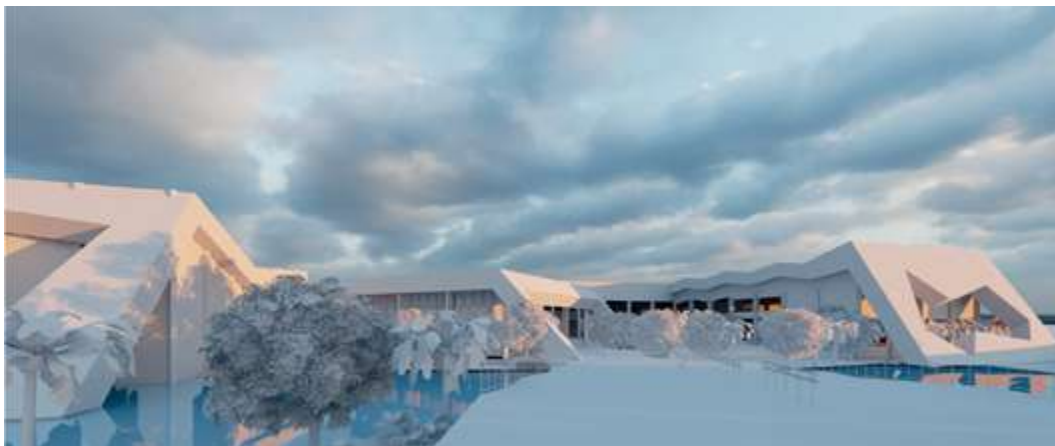
O volume foi obtido a partir de um eixo central, a espinha do projeto, que se alinha com o Centro Administrativo, em seguida criou-se dois volumes prismáticos retangulares nos sentidos leste e oeste, posteriormente subtraíram-se volumes formando uma massa inclinada e gerando maior dinamismo para a fachada. Por fim, foram acrescentadas capas, com cores vibrantes, nos volumes que saltam do eixo da fachada, obtendo o resultado final.



Perspectiva Nordeste



Perspectiva Sudoeste



Perspectiva do lago sazonal pré-existente, ampliado para o projeto

O programa do centro cultural e comercial “Cores de Nonato” é bastante abrangente. A parte cultural é bastante extensa, começando pelo teatro com capacidade para 534 pessoas, uma ampla biblioteca, 8 salas para cursos, como de instrumentos musicais, pintura, dança e teatro, com possibilidade de integração entre elas aumentando sua capacidade, além de salas para oficinas, auditório com 180 lugares e uma sala de exibição que atende 136 pessoas. Além disso, dispõe de um gracioso museu e casa da cultura, e uma arena de eventos.

Já a parte comercial é composta por 30 lojas satélite, possibilidade de instalação de quiosques de diversos tipos, e uma espaçosa praça de alimentação com 5 restaurantes e 8 boxes. Além disso, também foram dispostos cafés, e as salas administrativas, que podem ser ajustadas de acordo com a necessidade das funções, locadas em áreas diferentes para melhor gerência dos setores.

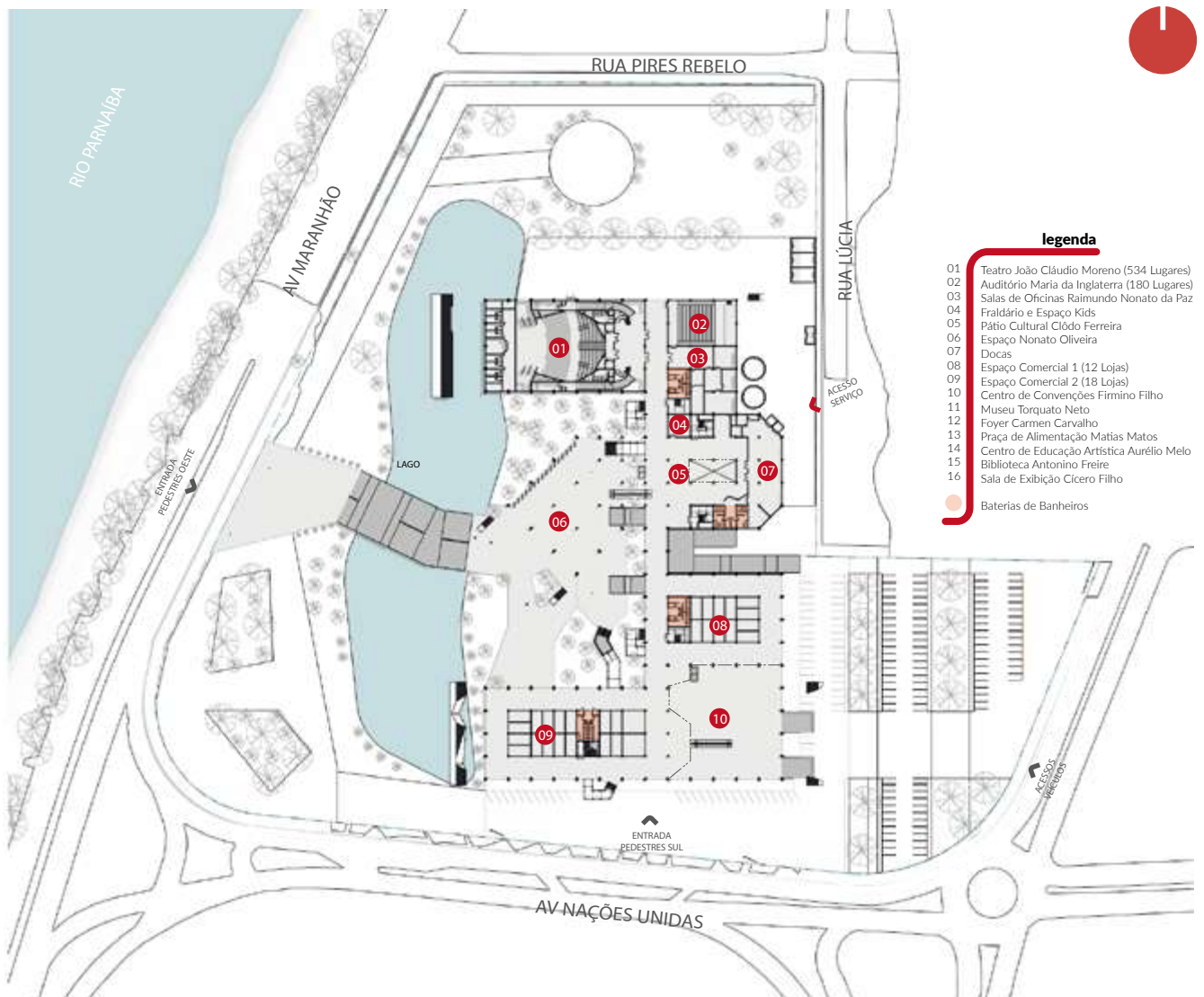
Do mesmo modo, os ambientes de serviço, como banheiros, depósitos e docas, foram cuidadosamente pensados para melhor atender aos usuários. Pensando nos acessos, os estacionamentos foram determinados em três níveis, sempre próximos às circulações, como elevadores ou escadas. Tal disposição pode ser mais bem compreendida nas plantas a seguir.

DISPOSIÇÃO EM PLANTA

Para melhor entender a conformação das plantas é importante ressaltar que no projeto foi trabalhada a modulação de 8 por 8 metros, dessa forma, há um padrão na disposição dos ambientes. Também, o projeto segue um eixo central que interliga todos os setores, e está dividido em dois pavimentos principais, um subsolo e a cobertura.

Pensando numa maior integração, os setores foram dispostos de forma a atrair os fluxos, assim, ao acessar um ambiente o usuário pode percorrer todas as partes do empreendimento, por exemplo, o teatro pode ser acessado de forma isolada ou passando pelo grande eixo central. Junto a isso, a praça de alimentação se encontra em posição central, por ser um grande polo atrator, tem fácil acesso a partir de qualquer setor, assim como um acesso direto.

Do mesmo modo, as lojas têm lugar de destaque e fácil acesso, assim como os ambientes anteriormente descritos. Portanto, os ambientes encontram-se locados de forma integrada, sempre com possibilidade de acesso rápido e direto ou acesso agradável, percorrendo os demais setores.



Planta do Pavimento Térreo

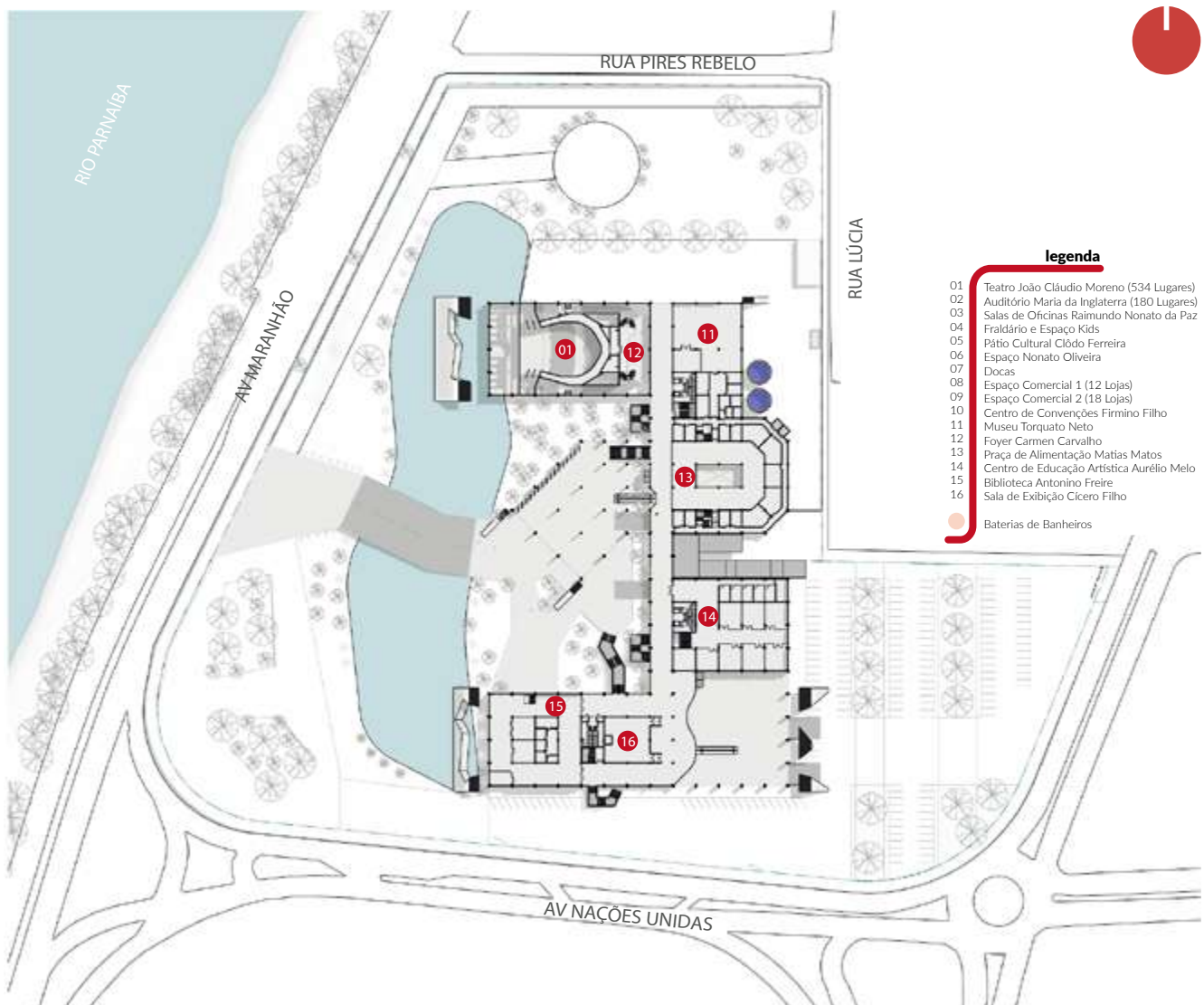
QUESTÕES PROJETUAIS

Os acessos foram distribuídos de forma que os veículos entrem pela Avenida Pedro Freitas, enquanto os pedestres acessam pela Avenida Maranhão e pela Avenida Nações Unidas. Já o acesso de serviço se dá pela Rua Lúcia.

Quanto aos materiais foram utilizados blocos de concreto, com 18 centímetros de espessura, paredes de vidro, divisórias móveis, pilares de concreto, podendo ser circulares ou retangulares, telhas termoacústicas, laje de concreto protendi - do e forro de gesso, além de outros de acordo com a necessidade do ambiente.

Quanto as soluções, pensando em atrair o fluxo de pessoas existente no Centro Administrativo, as lojas foram dispostas próximas a ele, chamando atenção para o projeto. Além disso, optou-se por uma construção mais baixa, para diminuir a quantidade de escadas de emergência enclausuradas exigidas pela legislação. Também, respeitando as condições ambientais existentes, o lago foi mantido, atuando na estabilização das águas pluviais, e favorecendo o conforto térmico na realização de atividades na Plaza próxima a ele.

Junto a isso, para melhor aproveitamento da iluminação natural, foi posicionado um átrio na praça de alimentação. Conjuntamente, acrescentou-se uma casca de ACM (Alumínio Composite Material) em alguns volumes, para proteger da insolação oeste, e adicionar dinamismo, movimento, à fachada principal.



Planta do Pavimento Superior

VILLA POTY

Larissa Rafaella, Raniel Cardoso, Sarah Freitas

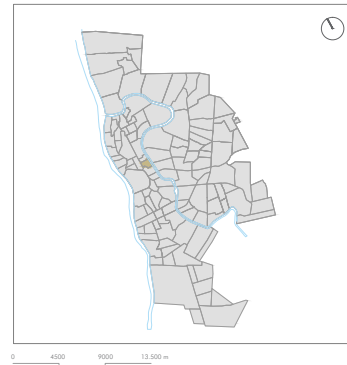
FICHA TÉCNICA

Título: Habitação de Interesse Social
Professores: Roberto Montenegro e Marcelo Furtini
Tipologia: Residencial
Localização: Av. Marechal , Bairro Por Enquanto, Teresina-PI
Área: 11.335m²

Habitação de Interesse Social têm como objetivo viabilizar à população de baixa renda o acesso à moradia adequada e regular, bem como o acesso aos serviços públicos, reduzindo a desigualdade social e promovendo a ocupação urbana planejada. Se trata de fornecer o local de direito básico à vida urbana nas grandes cidades.

O projeto teve como fatores predominantes e decisivos o terreno, que fica localizado a poucos metros do centro da cidade de Teresina-PI e conta com uma infraestrutura preexistente. Dessa forma assegura-se que os moradores dessa HIS poderão usufruir do seu direito básico de cidadãos vivenciando a cidade. A ideia central do conjunto habitacional proposto é ser uma construção que responda a toda a problemática que envolve a cidade alinhando os objetos arquitetônicos de interesse, respeitando aspectos do terreno como topografia e caminho das águas pluviais, além de ordenação espacial através do sistema viário proposto.

A construção foi dividida em 05 blocos adequados à geografia e com um desenho que produzisse diferentes modalidades de convivência, tanto para os moradores como para a comunidade já existente na região. Esses espaços de convivência foram divididos em locais de lazer para habitantes da edificação e para comunidade local, afastados dos blocos, além de espaços para caminhada e contemplação distribuídos por toda extensão do terreno.



Fonte: Autores, 2020.



Volumetria Final/Fonte: Autores, 2020.

- 01. espaços de convivência
- 02. academias comunitárias
- 03. playground
- 04. quadras poliesportivas
- 05. anfiteatro
- 06. mirante
- 07. passarela
- 08. deck
- 09. lago
- 10. estacionamento
- 11. restaurantes
- 12. hospital meduna
- 13. shopping rio poty
- 14. comunidade



Implantação/Fonte: Autores, 2020.

À primeira vista, é possível perceber que conjunto foi implantado na porção mais ao sul do terreno, visando maior proximidade com o shopping Rio Poty e com as casas ao redor - por meio disto, além dos futuros moradores do condomínio, a população que já vive na região pode ter acesso aos equipamentos e vias quem compõe o espaço público da proposta.

Buscou-se evitar o área nordeste do terreno, por conta do seu potencial de alagamento, já que é a parte mais baixa do relevo. Nesse local, ao invés de prédios e caminhos, foram dispostos pontes e vias que conectam o condomínio à avenida Marechal Castelo Branco, já que a mesma é o principal meio de conexão da região com o resto da cidade. Nos cortes, vê-se que o desnível natural do terreno foi aproveitado tanto quanto possível, visando mitigar a interferência no perfil topográfico existente: o lago foi mantido, decks, passarelas e um mirante foram criados para vencer os desníveis e oferecer utilidade por meio de espaços de convivência, contemplação e transição. Quadras poliesportivas, playgrounds, academia comunitária e anfiteatro dispostos homogeneamente no condomínio

compõem o conjunto de equipamentos oferecidos aos futuros moradores e à população circundante. As quadras foram dispostas suficientemente distantes para minimizar perturbações sonoras aos moradores, sem criar distâncias desnecessárias que pudessem dificultar o acesso e reduzir a usabilidade de tais equipamentos.

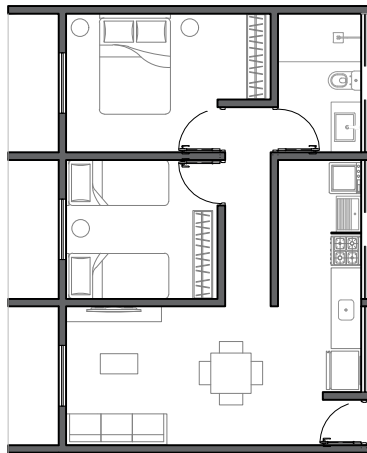
O traçado geral da composição e angulação dos prédios buscam permitir caminhos mais fluidos, que propiciam às pessoas circularem por eles mais livremente. Além disso, optou-se por preservar o máximo de áreas verdes ao invés de transformá-las em espaços áridos e abertos, adequando o microclima local à necessidades apresentadas pelo clima da cidade, que exige maior número de áreas preservadas que forneçam sombra e temperaturas frescas.

No térreo, foram dispostas salas comerciais que podem ser alugadas pela população do condomínio. A ideia é fomentar o empreendedorismo dos moradores e assim melhorar a qualidade de suas vidas: vale lembrar que fachadas ativas e voltadas à rua também oferecem maior segurança entorno.

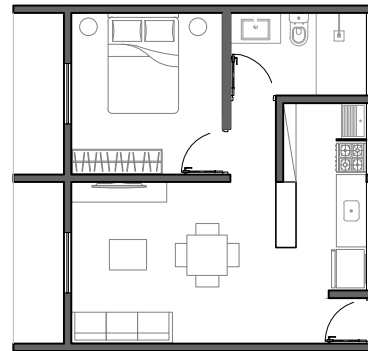


CORTE A-A

Fonte: Autores, 2020.



Planta Baixa Tipo A
 01. sala de estar 8,65m²
 02. cozinha 7,60m²
 03. circulação 3,55m²
 04. quarto 8,25m²
 04. suíte 10,00m²
 05. bwc 4,53m²



Planta Baixa Tipo B
 01. sala de estar 10,80m²
 02. cozinha 6,15m²
 03. circulação 1,45m²
 04. suíte 9,60m²
 05. bwc 4,41m²

Há dois tipos de apartamentos no projeto: modelo com um quarto e com dois quartos, distribuídos em quantidades equivalentes nos prédios. A moradia segue o padrão formal de projetos de moradia popular nacionais, que prezam pela construção eficiente. O apartamento de um quarto possui 42m², enquanto o de dois possui 54m². Brises foram colocados para alveolar as janelas das fachadas e proteger as moradias da insolação predominantemente forte da cidade. No térreo, foram colocados pequenos restaurantes e lanchonetes para estimular o convívio público no condomínio e possível integração com o resto do bairro.

Vale ressaltar que as unidades foram pensadas no entendimento do que seria um espaço mínimo para diferentes tipos de família. Considerando que os núcleos familiares estão cada vez menores, pressupõe-se que o público principal do empreendimento seria dividido em grupos de até 04 pessoas, configurando dois adultos e duas crianças. Para garantir esse espaço da construção e a diferenciação de unidades foi adotada uma modulação rígida entre blocos, espaços de convivência, unidades e outros usos. Outro recurso estrutural foi o aproveitamento de vigamentos para aberturas de esquadrias.



Fonte: Autores, 2020.



Volumetria Final/Fonte: Autores, 2020.

Na figura acima, é possível ver que os prédios possuem uma configuração que não bloqueia a circulação de ar e contribui positivamente para a melhoria do microclima do condomínio. Os corredores dos prédios foram afastados das paredes dos apartamentos, abrindo vários "fossos" ao longo do cerne dos prédios e, nas brechas de volume, permitindo integração visual com a rua e os caminhos interiores das quadras. A comunicação visual também é liberada pelo espaço em pilotis do prédio.

Também optou-se pela implantação de poucos estacionamentos para otimizar o uso do terreno. Por meio disto, o objetivo foi procurar estimular o uso de meios de transporte alternativos na região (bicicleta, caminhada, transporte público, etc). No entanto, há espaço livre suficiente para aumentar a oferta de estacionamentos e outros aparatos viários em reformas e ampliações futuras caso seja necessário.

O projeto da Villa Poty, se trata de uma tentativa de resolver problemas relacionados não só a arquitetura, mas principalmente a fatores oriundos dos estudos urbanos e de como os projetos de habitação de interesse social no Brasil vem acontecendo. A ideia não foi planejar um objeto arquitetônico que possui como objetivo único o próprio êxito, mas a tentativa de entender diferentes narrativas sobre o assunto e responder da melhor forma construtivamente.

CO.HAB. PIÇARREIRA

Larissa Mesquita, Lucas Campos,
Marcos Martins, Ruth Faustino

FICHA TÉCNICA

Título: Conjunto Habitacional Piçarreira
Orientador: Roberto Alves de Lima Montenegro Filho
Tipologia: Habitação de Interesse Social
Localização: Rua Médica Emília Martins
Bairro Piçarreira, Teresina.
Área: 52.781,3m²

O projeto tem por objetivo desenvolver um Conjunto Habitacional no cenário urbano de Teresina-PI visando atender os moradores do município.

Pretende-se elaborar um planejamento de tipologia vertical que permita a organização espacial das plantas baixas para atender aproximadamente 700 famílias e, para além das intervenções de requalificação do desenho urbanístico, formular a melhoria da problemática habitacional de modo a garantir a qualidade de vida cidadã.

A concepção busca garantir o reconhecimento dos moradores com o local fazendo com o que se sintam pertencentes às suas habitações, atendendo a demanda de alcançar pontos de convergência em meio a multiplicidade das realidades de maneira a preservar a identidade desses indivíduos. E para que essa interação seja possível foi considerado que a relação de pertencimento se desse através de aspectos plásticos e da materialidade aplicados ao edifício, assim como mediante paisagismo de espécies regionais e por meio de ambientes comuns onde devem ocorrer interações.



Fonte: Autores, 2021.



TERRENO E IMPLANTAÇÃO

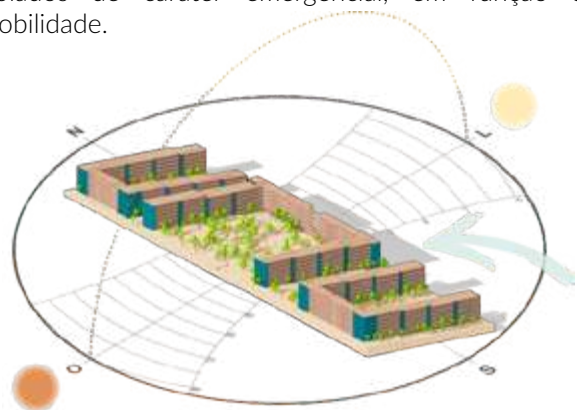
Proveniente da conjugação de quatro lotes pré-existentes, possui 40553,63 m² de área, e uma topografia relativamente acidentada com desníveis de mais de 6,0 m na região a Nordeste do terreno, optando-se nivelar esta área por terraplanagem e, onde possível, tomar proveito de seu relevo natural.

Está localizado no Bairro Piçarreira, zona Leste de Teresina, mais precisamente no cruzamento das ruas Médica “Emília Martins” com “Osima Mendes” e ruas “Médico Jairo Paiva” com “Raul Serrano” próximo a av. Presidente Kennedy, uma das principais avenidas da cidade. Majoritariamente residencial, o distrito possui uma infraestrutura deficiente, mas que, todavia, apresenta grandes potenciais, onde o Conjunto Habitacional pode servir como articulador do desenvolvimento desta área através de serviços voltados a população que criem centralidade e pela reestruturação do perímetro urbano.

A disposição dos blocos se deu de maneira a permitir o aproveitamento da ventilação natural proveniente do Sudeste, buscando proteger as aberturas das unidades habitacionais da insolação direta, oriunda da região Oeste. Pretendendo proporcionar maior privacidade para os apartamentos, sobretudo nos andares inferiores, os conjuntos foram organizados de modo a criar pátios no pavimento térreo que foram destinados ao lazer contendo espaços sombreados, harmoniosos e atrativos.

Foi considerado no andar térreo, além dessas extensas áreas de convivências, espaços voltados a serviços de maneira que fosse possível promover integração e que pudessem ser acessadas tanto pelos moradores do conjunto quanto pelos habitantes do bairro, fazendo do conjunto um verdadeiro equipamento urbano.

A implantação ainda buscou requalificar vias existentes entre os lotes para que priorizasse o acesso de pedestres e ciclistas posto que possibilitasse a entrada de veículos motorizados de forma restrita, em casos isolados de caráter emergencial, em função da mobilidade.



SETORIZAÇÃO E BLOCOS

O programa estará dividido em 5 pavimentos com quatro blocos de apartamentos, no qual o pavimento térreo será destinado as moradias acessíveis bem como as atividades de serviço e uso comum, seguido do pavimento tipo que se repete até o 5º pavimento. A circulação vertical se dará por meio de escadarias, localizadas nas extremidades e entre os pavimentos tipo dos conjuntos levando até as residências através da circulação horizontal. Quanto a setorização das unidades habitacionais, estas possuem o acesso através da área social, seguida do serviço até chegar no setoríntimo, sendo acessadas diante corredor central.

Optou-se por distribuir o número de unidades em quatro blocos justapostos ao longo dos quatro lotes que compõem o conjunto, com adiferença na organização dos agrupamentos de forma a permitir o dinamismo da forma bem como proporcionar vazios entre os conjuntos para o melhor aproveitamento da ventilação e para implantação das áreas de convívio impedindo ainda queo volume se torne uma barreira de passagem para o outro lado. Os conjuntos de habitações serão interligados por passarelas entre os blocos para além de permitir a circulação, manter a integração entre os residentes, garantir o dinamismo da fachada e dar unidade ao volume e assim o edifício possua identidade.

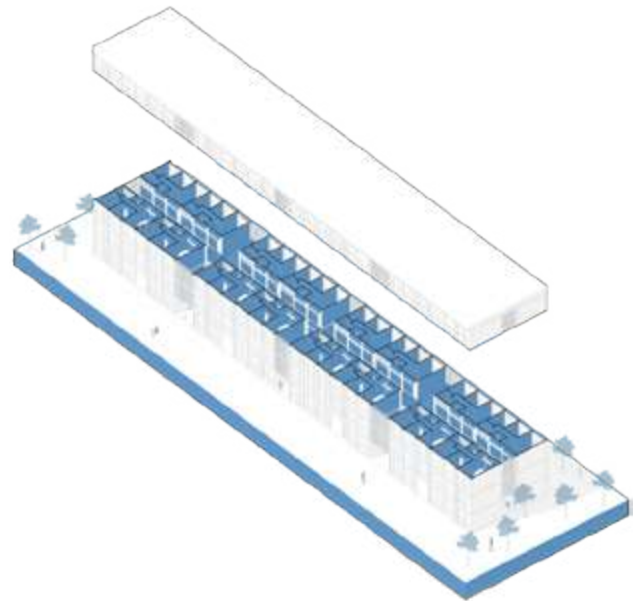


Diagrama do Bloco Padrão. Fonte: Autores, 2021

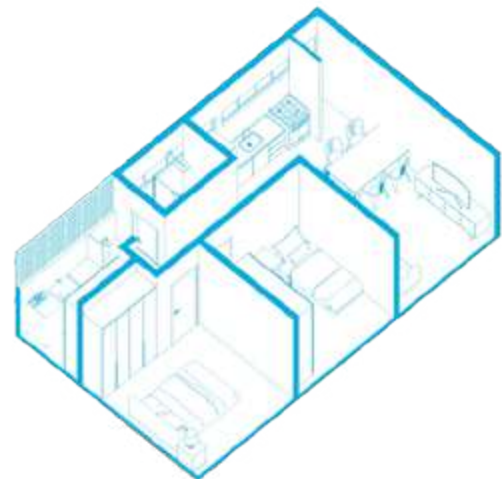


Diagrama Apto. Padrão. Fonte: Autores, 2021.

ACESSOS E PLANTA BAIXA

A ideia é de que o acesso possa ocorrer por todo o contorno do terreno através das áreas comuns devidamente acessíveis dando autonomia aos moradores durante a entrada em seus respectivos blocos através de fluxos lógicos e inteligíveis tendo em mente um edifício acolhedor e atraente, desprovido de muros que permita a aproximação da vizinhança.

Cada bloco conta com 04 andares tipo e 01 térreo, onde a unidade foi determinada a partir das dimensões mínimas estabelecidas pela Secretaria de Planejamento do Município (SEMPPLAN) para que garantissem aos moradores residências salubres e confortáveis, chegando a uma planta tipo de área útil igual a 48,5m² que acomoda até 04 pessoas por habitação, com dois dormitórios, um banheiro social, cozinha e área de serviço integradas junto a sala de estar.



Fonte: Autores, 2021.

ELEVAÇÕES

Embora a verticalidade seja inevitável, pretende-se conceber uma edificação que não possua uma altura tão elevada de modo a não destoar de seu entorno imediato, adaptando seu volume ao relevo do terreno e a skyline do bairro. A intenção é destacar as relações com o pavimento inferior, uma vez que a população em sua grande maioria é oriunda de edificações térreas.

MATERIAIS E REVESTIMENTOS

Os materiais adotados para o projeto foram utilizados em todos os blocos visando garantir a unidade entre eles. Os principais materiais adotados foram o concreto aparente proveniente da própria estrutura, o granilite em todos os pisos internos, o vidro transparente para as aberturas e todos os acabamentos metálicos em preto. Além disso foram adotadas duas cores principais para o projeto, o cinza claro em todas as paredes e o azul em todos os cobogós para conferir um maior destaque a esse elemento.

MUIM - MUSEU DA IMPRENSA

Carla O. Castro, Maria P. Soares,
Mateus Moura, Rewlysom Leite, Yuri Nepomuceno.

FICHA TÉCNICA

Título: MUIM - Museu da Imprensa
Orientador: Dra. Amanda C. Moreira
Tipologia: Institucional
Localização: Rua Coelho Rodrigues, Centro, Teresina-PI

O Museu da Imprensa - MUIM é uma proposta de requalificação para um antigo casarão de referência localizado na rua Coelho Rodrigues, no centro da cidade de Teresina-PI. A residência encontra-se atualmente sem uso e é uma das poucas edificações que resguarda características do patrimônio eclético da capital.

Considerando sua importância histórica no contexto da arquitetura de Teresina, este projeto respeitou as pré-existências da edificação e do entorno/ da inserção urbana e da história da edificação e propôs um novo museu para a cidade.

Com o resgate histórico da edificação identificou-se que o edifício em análise foi residência do influente jornalista Alberoni Borges Lemos que atuou como correspondente, redator e editor em praticamente todos os jornais piauienses de sua época.

Outro fator que reforça a temática do acervo do museu é a quantidade de material jornalístico teresinense, assim como equipamentos tradicionais, que possuem potencialidade de exposição, mas não estão disponíveis para acesso da comunidade.



Fachada do Edifício Histórico. Fonte: Os autores

HISTÓRICO

Construída por volta de 1920, a residência foi comprada/adquirida em 1952 pela família do jornalista Alberoni Lemos. A edificação possui características do estilo eclético, como é possível perceber a partir da combinação de seus elementos no coroamento, base e ornamentação da fachada. Tem seu programa distribuído em dois pavimentos e uma organização interna com jardins que favorecem a ventilação e iluminação natural nos ambientes.

No fim dos anos 1980, a edificação passou por grande uma reforma, na qual houve a ampliação dos ambientes de serviço para atender às necessidades da família Lemos. No entanto, ao final da reforma, o jornalista Alberoni faleceu e poucos anos depois a família deixou a residência, que posteriormente passou a ter uso institucional para sediar a Associação dos Policiais Cíveis do Estado do Piauí – APOCEPI.

As alterações, no entanto, mantiveram as características originais da fachada, recebendo apenas intervenções do ponto de vista funcional com a criação de novos ambientes no fundo da residência e nos materiais de acabamento.

1932

Construção da casa

1952

Compra da casa pela família

1981

Grande Reforma na casa e ano da Morte de Alberoni Pai

1999

Último membro da família deixa a casa (Dona Verônica)

1999-2008

Casa alugada para a APOCEPI

MAPA DE DANOS

Apesar das alterações no uso, a residência ainda manteve os elementos originais na fachada, tendo sofrido maiores danos em decorrência da exposição a intempéries e falta de manutenção de sua estrutura.

Assim, as principais patologias identificadas foram umidade, vandalismo, ação de fungos e sujidades, que ocasionaram o desgaste notável na superfície da fachada. A troca de alguns elementos também foram significativos, como a implantação de ar-condicionado e a troca do portão de acesso.

[- - -] Interferências construtivas	— fissuras superficiais
//// esfoliação	■ corrosão metélica
■ umidade ascendente	■ perda de material
■ umidade descendente	■ alteração cromática
■ vandalismo	■ presença de vegetação
■ descolamento	■ colonização biológica
■ sujidades	



Mapa de Danos. Fonte: Os autores

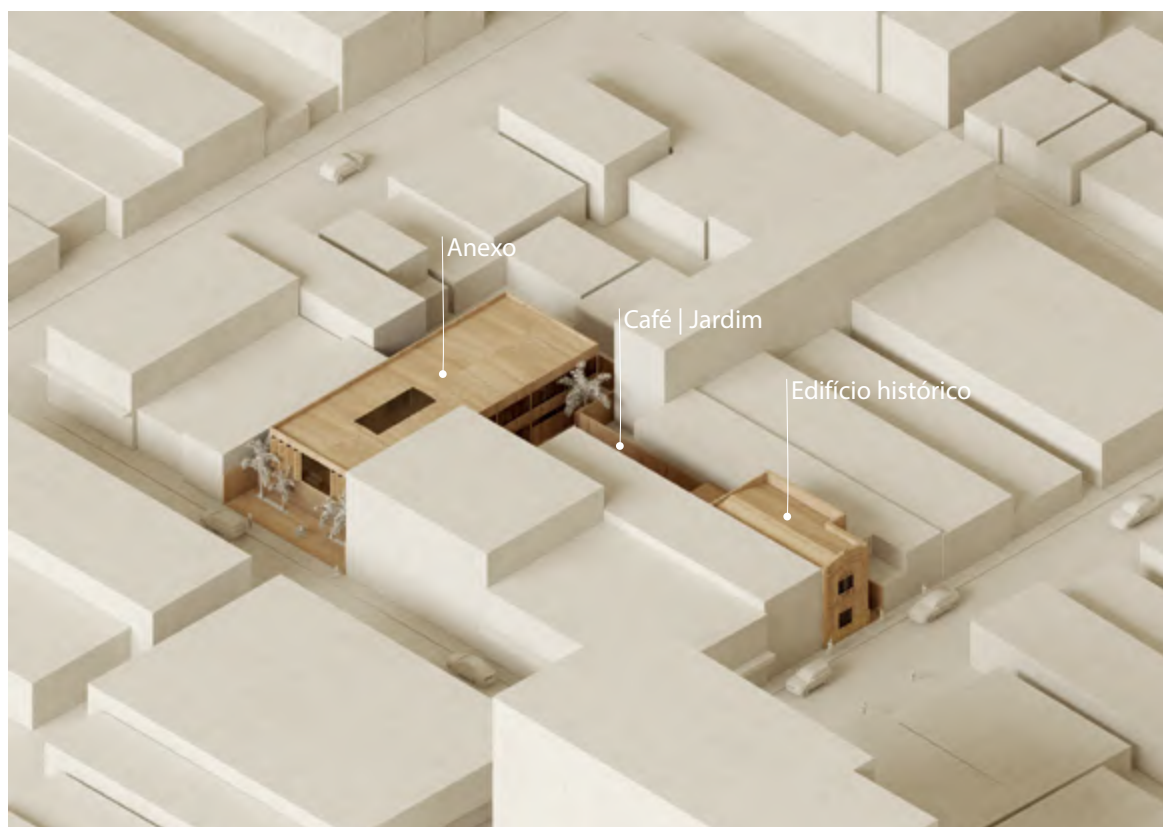
O PROJETO

Com o levantamento histórico da edificação, o projeto partiu do aproveitamento da estrutura existente e buscou fazer um diálogo temporal entre o antigo e o novo a partir da história dos seus moradores para preservar a memória, bem como da importância da residência para o patrimônio da cidade, além de potencializar o acervo jornalístico existente para criar um novo espaço cultural.

Para comportar os novos usos necessários para um museu contemporâneo, foi criado um anexo à edificação histórica localizado no terreno posterior à residência com entrada para a rua 24 de Janeiro. O aproveitamento intra-lote da intervenção permitiu maior permeabilidade da quadra e conexão entre os dois edifícios por meio de um pátio central, que conforma um espaço de convivência para os visitantes. Dessa forma, criou-se a possibilidade de acessar o museu pelas duas ruas e realizar o percurso permeando a quadra e contemplando as estruturas do novo e do antigo da proposta, criando assim novos cenários de visitação.

Para responder ao desafio da intervenção de se inserir em uma edificação pré-existente, o anexo foi criado com estrutura, organização e materiais contemporâneos, respeitando ainda as características da edificação histórica. O anexo oferece novas funções, tendo em vista as limitações da estrutura da residência, como um auditório com capacidade para 50 pessoas, salas para cursos e áreas para exposições temporárias, além de comportar todas as atividades administrativas do museu.

Já na residência foi necessária a abertura/demolição de alguns ambientes e restauração de materiais originais, como as esquadrias. A edificação recebe o acervo do jornal de Teresina, espaços para exposições temporárias, permanentes e uma biblioteca por sua limitação de espaço residencial. Enquanto o anexo foi estruturado para abrigar os espaços novos e amplos para atividades diversas e abertas distribuídas ao longo de seu átrio.



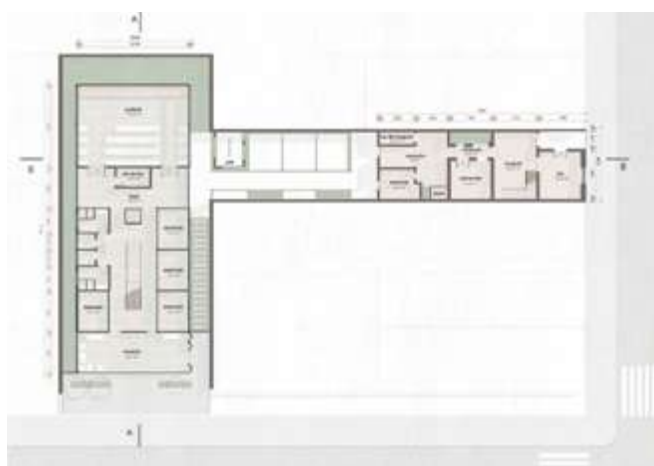
Vista em Perspectiva Superior. Fonte: Os autores

MATERIAIS

Na residência, os elementos arquitetônicos originais foram mantidos e alguns restaurados. Optou-se por usar madeira em móveis e elementos decorativos e tons neutros nas paredes, remetendo aos materiais pré-existentes. O piso, também em madeira, buscando restaurar o original, e quando não foi possível, houve o incremento de material novo, no entanto deixando clara a distinção entre as intervenções atuais e o piso original.

No novo anexo foram utilizados tons sutis e materiais naturais que remetem à edificação existente, como a madeira e a pedra natural. Na entrada do anexo também foram aproveitadas as palmeiras existentes para ornar a nova intervenção.

PLANTA BAIXA



Planta Baixa - Térreo. Fonte: Os autores



Planta Baixa - Pavimento Superior. Fonte: Os autores

FACHADAS



Fachada do Edifício Histórico. Fonte: Os autores



Fachada do Anexo. Fonte: Os autores

COZINHA LUZ

Viviane Amorim

FICHA TÉCNICA

Título: Cozinha Luz

Orientador: Ma. Nayane Áurea Santiago Costa

Tipologia: Arquitetura de Interiores

Localização: Travessa Timbiras, Parnaíba

Área: 9.30m²



Vista frontal da proposta de reforma Cozinha Luz

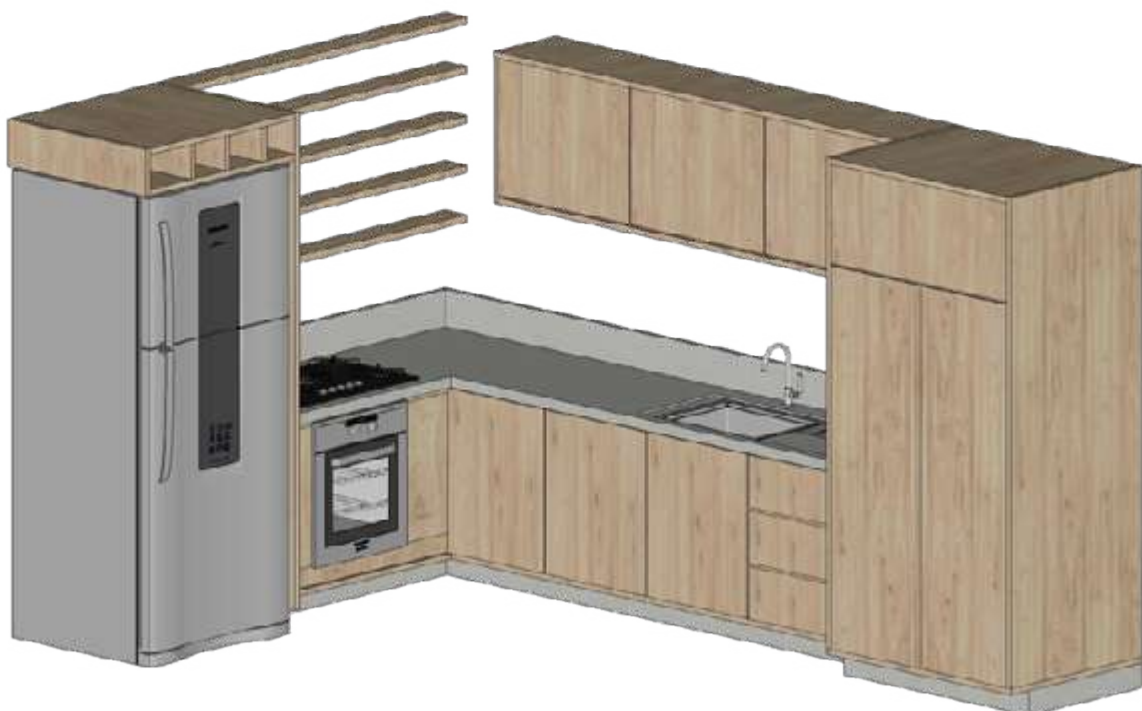
PROGRAMA DE NECESSIDADES

Os elementos da Cozinha Luz foram projetados de maneira a atender as necessidades da cliente, garantindo praticidade no dia a dia. A demanda por melhor iluminação e ventilação do ambiente foi solucionada com a abertura de uma janela na parede antes cega, onde também foram instalados os armários e a bancada de serviço. As áreas para higienização, refrigeração e cocção dos alimentos foram dispostas de modo a facilitar os fluxos no ambiente.

Antes havia pouco espaço para armazenamento, então optou-se pela criação de armários tanto inferiores quanto suspensos. Contudo, a principal demanda nesse projeto é que o ambiente também funcione como lavanderia. Nesse sentido, a marcenaria foi projetada de modo a abrigar a máquina de lavar, além de ter prateleiras para o armazenamento de produtos de limpeza e objetos como baldes, vassouras, etc.

MATERIAIS CONSTRUTIVOS

A sobriedade do estilo escandinavo foi obtida através do uso de materiais como quartzo cinza nas bancadas, MDF imitando madeira clara na marcenaria, porcelanato imitando cimento queimado no piso, teto e paredes brancas e elementos decorativos na cor preta.



Perspectiva da marcenaria e da bancada de serviços

REFORMA QUARTO LACJ

Maria Juliane

FICHA TÉCNICA

Título: Proposta de reforma (quarto LACJ)

Orientador: Nayane Áurea Santiago Costa

Tipologia: Projeto residencial de interiores

Localização: Santa Maria da Codipe

Área: 8,58m²



Vista da bancada de estudo

CONCEITO

O Estilo usado no ambiente foi o Industrial junto com elementos do mundo Geek e Gamer, criando um conceito industrial Gamer. A partir dessa proposta, foi pensado um partido que tornasse o local de características marcantes e de forma agradável.

COMPOSIÇÃO VISUAL

Foram empregados no projeto três tipos de composições visuais: agrupamento, tração e o negativo. Essas composições podem ser observadas a partir da posição dos quadros e nas cores usadas no quarto.



Vista lateral com elements geeks



Vista dos móveis existentes e reformados



Moodboard materiais



Planta humanizada

MATERIAIS

Para deixar o estilo industrial marcante foram utilizados madeira, ferro e tubulação elétrica aparente. Na bancada, prateleiras e porta foi usada a madeira do tipo freijó em sua textura natural. O guarda-roupas foi reaproveitado passando por uma reforma que se adequasse melhor às necessidades, na parte externa foi usado pintura preto e na parte interna pintura branca, as portas foram colocadas telas que também foi usada para o painel que fica na parede atrás da cama.

As cores usadas são escuras, o cinza elefante e o azul marinho da Suvini, já o piso antigo foi removido e substituído por porcelanato, munari cimento 60x60. A iluminação do quarto se dá por um trilho de lâmpadas LED's direcionais com cor neutra voltadas para área de estudo e cor quente para área de descanso, já embaixo da prateleira que fica em cima da bancada, tem uma luz de LED na cor azul. Para complementar o estilo Industrial com o Gamer e Geek foram utilizados elementos decorativos como quadros, bonecos e livros de séries e filmes, computador e cadeira Gamer.





projeto
urbanismo

ANÁLISE URBANA DO BAIRRO POTI VELHO

Gianluca Spíndola, Guilherme Moura,
Maria Juliane Machado e Maria Letícia Melo

FICHA TÉCNICA

Título: Análise Urbana do Bairro Poti Velho
Orientador: Anna Karina Alencar
Tipologia: Estudos Iniciais de Proposta de Intervenção Urbana
Localização: Poti Velho

Um dos bairros mais tradicionais da cidade, e a mais antiga das ocupações, o Poti Velho é lembrado pelas características marcantes da pesca, turismo e artesanato. Tem registro de ocupações datadas de 1760, passando a categoria de vila em 1832, tornando o primeiro aglomerado urbano teresinense, a Vila do Poti.

Desde os primeiros zoneamentos da cidade de Teresina o bairro é mencionado, porém viu a urbanização crescer ao redor do Plano Saraiva (1852) e ficou sendo lembrada apenas como uma região de grandes inundações desconexas da malha urbana. Por esse fato, até as últimas décadas do século XX se viu a parte da cidade, herdando as características de vida regadas de tradicionalismo e subsistência da condição de vila, além de um traçado colonial.

Com condição predominantemente residencial, tinha sua como espaços coletivos a praça da igreja, o cais e o famoso mercado do peixe, apresentando uma relação comunitária

entre seus habitantes, indicando uma boa urbanidade (relação entre as pessoas e o meio), porém, com a implantação dos planos urbanos de Teresina, e a construção em 1991 da Ponte Mariano Gayoso, na Rua João Isidoro França, o pequeno bairro se viu em uma nova posição: principal acesso para uma nova região da cidade.

Com a construção da ponte houveram grandes mudanças nos usos espaciais do bairro. Novos empreendimentos surgiram na rua principal, houve um maior tráfego de pessoas e principalmente de veículos, provocando grandes mudanças no cotidiano dos moradores. Estes, acabaram por sofrer uma grande reestruturação dos seus principais espaços de trabalho, comércio e lazer, como a mudança da localização do cais, do mercado do peixe e da implantação de terminais de ônibus na praça principal, mudanças que até hoje são alvos de reclamações, apontando a falta de participação popular para com o planejamento urbano feito para aquela área.



Cais do Poti Velho. Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO

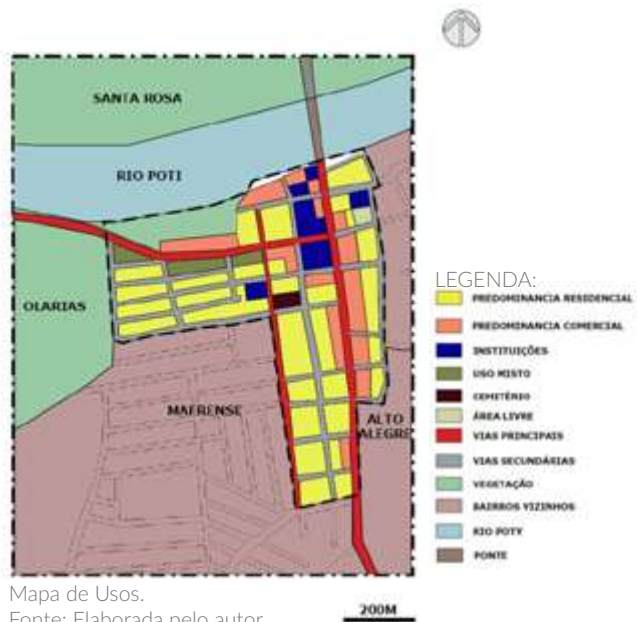
O bairro Poti Velho é caracterizado por sua importante tradição histórica, mas diferente de vários bairros tradicionais que acabaram prosperando, viu-se parado no tempo.

A população em sua grande maioria é de baixa renda, com casas simples, muitas sem reboco ou pinturas, ruas estreitas e com baixas condições de infraestrutura urbana. Por sua estreita relação, acabou por ser dependente do rio Poti, sejam pelas atividades de pesca ou de olarias, adquirindo um estilo de vida bem simples, sem grandes retornos financeiros, principalmente por causa da falta de apoios e incentivos governamentais para o turismo e desenvolvimento da região.

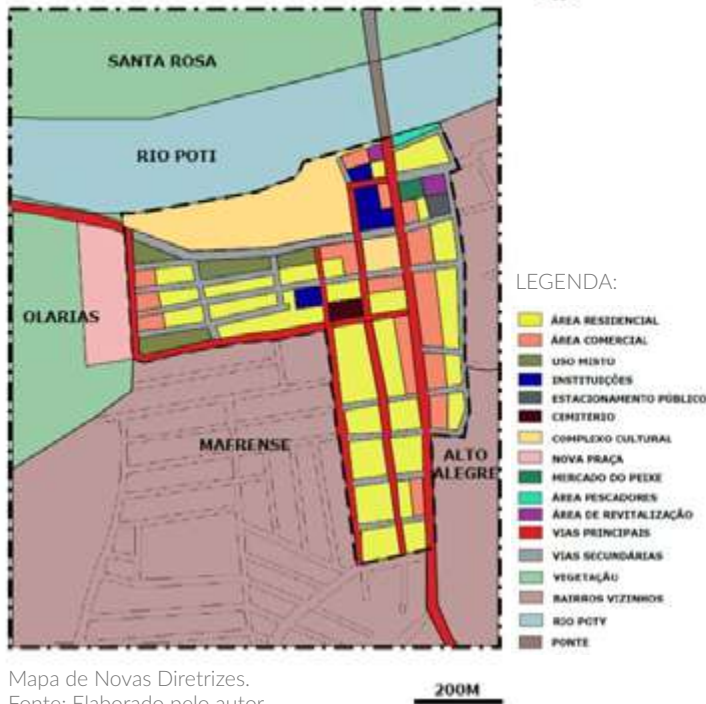
Atualmente, o pequeno bairro apresenta características modernas bem definidas, apesar de ter historicamente herdado o traçado de vila. As concentrações de usos comerciais de serviço estão presentes no eixo da sua rua principal (Rua João Isidoro França) e da Rua Desembargador Flávio Furtado, que ganhou em 2006 o Polo Cerâmico do Poti Velho (hoje, principal fonte de renda do bairro), como se pode observar no Mapa de Usos.

Nota-se, a falta de espaços de lazer no bairro. Os seus espaços públicos (como as margens ribeirinhas), hoje, abrigam usos que afastam quem busca o lazer, tornando as praças espaços livres essenciais para a população.

Os fluxos de veículos e de pedestres se cruzam nas suas ruas principais, ocasionando um eterno trânsito de pessoas. Essas ruas, por sua vez, acabam por serem perigosas, visto que apresentam altas velocidades, não há a proteção de pedestres (provocados pelo estacionamento irregular nas ruas), calçadas estreitas e mal acabadas, fazendo com que tenham baixos atrativos para a caminhabilidade. As demais, em sua maioria residenciais, apresenta pouco fluxo de pedestres e más condições de calçadas, o que aumentam a sensação de insegurança da população (ver mapa de fluxos de veículos e pedestres).



NOVAS DIRETRIZES



Mapa de Novas Diretrizes.
Fonte: Elaborado pelo autor.

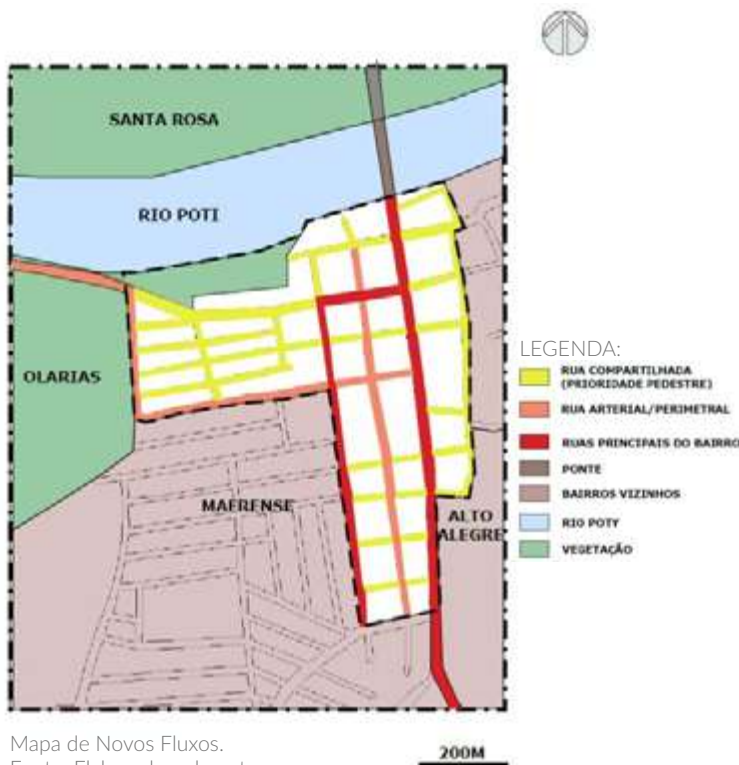
Jan Gehl, em sua obra «Cidades para Pessoas»(2013) afirma o poder de influência que o planejamento físico têm sobre o padrão de usos em áreas e regiões. O convite da urbe para a caminhabilidade e permanência dos espaços públicos é uma questão de extrema importância para o desenvolvimento de uma boa relação dos espaços para com as pessoas.

Bauman, grande filósofo contemporâneo, também aponta em sua obra «Amor Líquido»(2004) que é necessário a interação dos diferentes para a universalidade da sociedade, visando o intercâmbio de mensagens pessoais, culturais e políticas.

Vendo essa extrema necessidade de criar cidades para as pessoas, e observando que o espaço público da cidade é que garante verdadeiramente o acesso e oportunidades de expressão de todos buscou-se iniciar o estudo de soluções para uma maior urbanidade do bairro, através de apontamentos e ideias iniciais, resultando propostas em primeiros croquis a serem debatidos e aprofundados.

Propõe-se alternativas que valorizam o pedestre, com fluxos melhores resolvidos, criação de novos espaços públicos, além da reorganização de espaços existentes, como o mercado do peixe, tão pedido pelos moradores (observar nos Mapa de Novas Diretrizes).

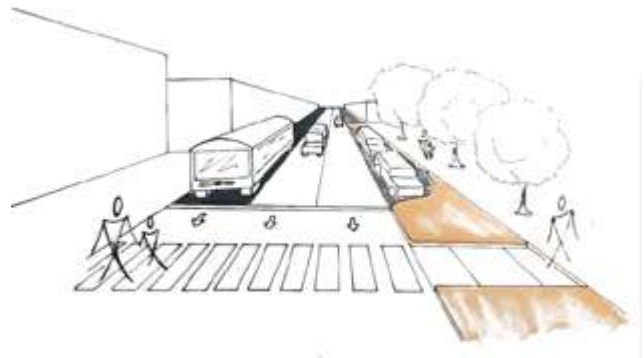
Objetivou-se também a reorganização de fluxos, criando novos trajetos que ajudam todo o bairro na distribuição de pedestres, ciclistas e motoristas. Propõe-se uma nova hierarquia, na qual há uma distribuição equilibrada, com a proposta de uma nova metodologia de ruas compartilhadas para valorizar a relação das pessoas com a sua vizinhança, ruas compartilhadas, cuja prioridade seja para pedestres. Também sugere-se uma implantação de um sistema binário de ruas principais a fim de diminuir o intenso tráfego de veículos na Rua João Isidoro França, herdado pelo urbanismo moderno implantado pelos planos urbanos anteriores da capital (ver Mapa de Novos Fluxos).



Mapa de Novos Fluxos.
Fonte: Elaborado pelo autor.

RUAS PRINCIPAIS DO BAIRRO

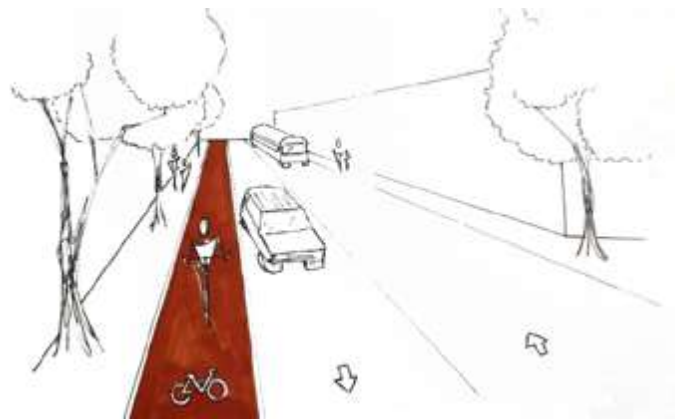
Buscou-se aqui a implantação de uma proposta de um sistema binário, com grandes vias de mão única para um bom fluxo de veículos. São vias de intensa atividade comercial, mercados locais e tráfego de passageiros. Idealiza-se uma redistribuição do espaço, de maneira equilibrada e igualitária. Introduziu-se uma faixa dedicada ao transporte coletivo, assegurando o bom uso das calçadas através da implantação de faixas de estacionamento.



Fonte: Elaborado pelo autor.

RUAS ARTERIAIS/PERIMETRAIS

São ruas com grande fluxo de veículos, normalmente utilizada como vias de passagem, não como o destino em si. Propõe-se para essa tipologia usos ativos visando a o aprimoramento da experiência do pedestre. Buscou-se diversas opções de mobilidade, principalmente com a implantação das faixas de ciclovias.

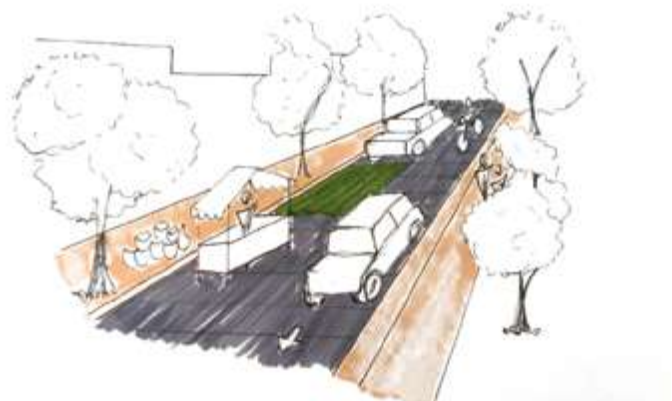


Fonte: Elaborado pelo autor.

RUAS COMPARTILHADAS

(prioridade para pedestre)

Propõe-se aqui um desenho de ruas compartilhadas para que se operem intuitivamente como espaço de uso comum, mas que a prioridade seja dos pedestres. São vias de velocidade reduzida, que propiciam pessoas caminhando, andando de bicicleta, crianças brincando, dividindo sem problemas com os motoristas de automóveis. Propõe-se o uso de texturas e pavimentos diferentes.



Fonte: Elaborado pelo autor.



Bairro Sací

BAIRRO SACÍ

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO

Aléxia Sá, Lara Santos, Lucas Santos, Júlia Basílio, Ramon Araujo.

FICHA TÉCNICA

Título: Bairro Sací, proposta de requalificação.
Orientador: Anna Karina Borges
Tipologia: Urbano
Localização: Bairro Sací-Teresina
Área: 1.18km²

CONTEXTUALIZAÇÃO

O bairro Sací foi originalmente um conjunto habitacional construído pelo programa Companhia de Habitação Popular (COHAB) no ano de 1978 na Zona Sul da cidade de Teresina. Duas análises foram realizadas antes das propostas de requalificação. Na primeira, buscou-se entender o processo de estruturação do bairro e a

TERESINA- PI



■ Bairro Sací

influência do urbanismo moderno, bem como da colonização europeia sobre o mesmo. E na segunda, analisou-se mais de perto, ao nível dos olhos, os problemas, as relações de pertencimento e formas de apropriação dos espaços pela população.



PRAÇAS

O Saci é um dos bairros com a maior quantidade de praças da cidade, logo um dos primeiros estudos se concentrou nessas áreas verdes. Pelas análises anteriores se percebe que as praças do Saci, apesar da grande quantidade, provavelmente não foram planejadas. Assim, algumas são bem mais usadas que outras, e isso se reflete na manutenção das praças.

Para solucionar essa questão vem a proposta de ligar todas as praças por um corredor planejado para a caminhabilidade, substituir o piso asfáltico por um calçamento mais permeável e convidativo às pessoas e implantar entre as praças locais de descanso e sombreamento nas ruas, substituindo a prioridade do carro para a do pedestre.

COMÉRCIOS

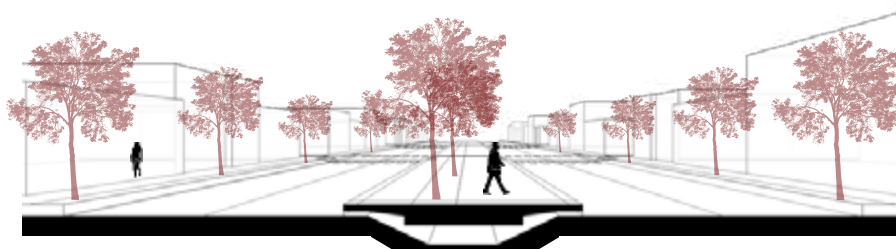
Busca-se, através da implementação de equipamentos comerciais integrados às praças, um melhor aproveitamento delas, através de uma apropriação mais contínua e agradável desse ambiente. Esses equipamentos, oferecerão um incremento no lazer tanto durante o dia, quanto à noite e também oferecerão uma área para vendas em espaços abertos.

Mapa: Integração de praças





Av. principal do bairro Sací



Corte Av. principal do bairro Sací

RUAS

As ruas do Sací estão atualmente em bom estado de conservação, mas não são convidativas ao passeio, conseqüentemente são pouco frequentadas pelos moradores com a finalidade de socialização e vivência. Nesta proposta, implantamos Parklets em pontos estratégicos, criando espaços convidativos e verdes, que dispõe equipamentos urbanos como bancos e lixeiros, plantas e árvores, promovendo sombreamento, conforto e segurança para a comunidade.

AVENIDA PRINCIPAL

A avenida principal onde estão localizados o comércio e alguns serviços do bairro, concentra grande fluxo de pedestres e transportes. Além disso, em período chuvoso a área ainda é passível a alagamentos. A proposta para a avenida consiste na reconstrução das calçadas, alargamento do canteiro central para que esse comporte uma ciclovia bidirecional, faixa de serviço e faixa de passeio e implantação de um sistema de drenagem subterrâneo. Promovendo assim a qualidade efetiva do uso do espaço, priorizando a escala humana e o uso do transporte ativo.

PARQUE

O Bairro se estrutura a menos de 300m da margem do Rio Parnaíba, mas apesar da relativa proximidade com o curso d'água, observa-se que a população não estabelece conexão com o Rio. Isso se deve ao fato de a área de preservação ambiental existente entre o rio e o bairro ser um terreno ocioso que amplifica a sensação de insegurança em seu entorno. Além disso, o único eixo de aproximação com o rio é rodoviário (Av. Maranhão), não havendo estímulos a caminhabilidade, nem ao transporte ativo.

Em resposta a essa problemática, propõem-se a implementação de um parque que, respeitando as características do solo alagadiço, da área de preservação ambiental, bem como a vegetação existente, atribua qualidades a região e estimule a apropriação e senso de responsabilidade ambiental sobre a área pela população. Sugere-se ainda a implementação de um píer circular na margem do rio, objetivando uma aproximação da população ao curso d'água, provendo lazer ativo e contemplativo.

Mapa: Conexão com o Rio



■ área de implementação do parque e píer na margem do rio Parnaíba

CONCLUSÃO

Todas as propostas apresentadas buscam priorizar a escala humana, que no processo de estruturação do bairro, influenciado pelo urbanismo moderno, foram colocados em segundo plano. Acredita-se, que a qualidade dos espaços públicos, reflete a qualidade de vida dos moradores, e espaços que respeitam e priorizam os pedestres, o transporte ativo, o transporte coletivo e o individual, nessa ordem, tendem a ser bons lugares para se viver.



Vista do parque

DIAGNÓSTICO PROPOSITIVO ZONA NORTE

Alexandre Honório, Arthur Pedrosa, Carla Ohana Araújo,
Isabel Eustorgio e Rewlysom Leite

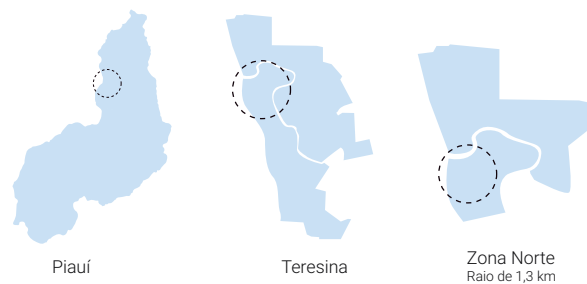
FICHA TÉCNICA:

Título: Diagnóstico Propositivo - Zona Norte
Orientador: Drª Anna Karina Borges de Alencar
Localização: Teresina-PI
Área: 5,30 km²

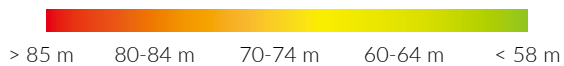
O diagnóstico apresentado no presente trabalho embasa-se nos dados obtidos através de pesquisas sobre a região de análise desenvolvidas de modo remoto. Em consonância aos estudos realizados nessa produção, tem-se o uso associado de dados e experiências de visita realizadas durante a disciplina de Teoria e História do Urbanismo II.

Situada na Zona Norte da capital piauiense, a região de estudo abarca 12 distritos municipais internos total ou parcialmente ao perímetro circular de raio igual a 1,3 Km utilizado no trabalho.

A região da Zona Norte, mais precisamente o bairro Poty Velho, foi a primeira a ser ocupada do território que hoje se conhece como a capital piauiense. Devido a suas características topográficas, a expansão dessa região foi dificultada e logo a sede da cidade foi transferida para o atual bairro Centro. A região possui bairros com uma densidade populacional acima da média de Teresina (2014) de 72,53 Hab/ha, chegando a 139,8 hab/ha como no caso do bairro Vila São Francisco. Contudo, tem-se como exceção, o bairro Olarias, o que se deve, em parte, a grande porção de terra alagável.



Mapa 1. Recorte de análise e topografia



- | | | |
|----------------|----------------|----------------|
| 1. Olarias | 4. Olarias | 7. Olarias |
| 2. São Joaquim | 5. São Joaquim | 8. São Joaquim |
| 3. Olarias | 6. Olarias | 9. Olarias |



Mapa 2. Áreas Verdes
 ■ ZEUS
 ■ Praças e Parques



Mapa 3. Renda, Aglomerados subnormais e Áreas de risco
 // Área de risco
 □ Aglomerados subnormais
 Renda Média Mensal dos Domicílios:
 ■ 600 - 900 R\$
 ■ 901 - 1300 R\$
 ■ 1301 - 2000 R\$



Mapa 4. Área de inundação e alagamento
 ■ Área de inundação
 ■ Lagoas
 ■ Área de alagamento

Outro aspecto marcante da região é sua grande extensão de áreas vegetais que atravessam a maioria dos bairros e se encontram principalmente nas bordas das lagoas e rios (conforme mapa 2). E, apesar da existência de alguns parques e praças a população ainda carece de áreas de lazer comunitárias e espaços para crianças que valorizem e protejam os espaços vegetados, principalmente ao redor das lagoas e em áreas mais precárias.

Com relação à infraestrutura básica, a região é majoritariamente bem servida de iluminação pública e abastecimento de água, mas ainda assim existem alguns trechos mais precários onde há falta desses serviços. Já com relação a rede de esgotamento sanitário percebe-se que a região é desprovida desse serviço na maior parte do território analisado. Por conta dessa falta de infraestrutura a grande maioria das residências despejam seus resíduos nas lagoas que muitas vezes estão próximas aos quintais.

Assim, somado aos canais de esgoto a céu aberto e sua ligação aos corpos hídricos da área, tem-se um cenário e paisagem marcados pela insalubridade que recorta diversos trechos dos distritos da região. Evidenciando um cenário, onde o direito a um espaço urbano salubre não é salvaguardado.

No mapa 3 ao lado é possível perceber a relação entre a renda local, a existência de aglomerados subnormais e as áreas de risco que se apresentam em um número exacerbado, gerando além da vulnerabilidade social e financeira, a ambiental. A renda média mensal é inferior a um salário mínimo, e nos aglomerados subnormais esse valor chega a cerca de 300 reais por domicílio. A topografia local apresenta-se como uma extensa área plana inundável, com solos arenosos permeáveis e grandes corpos d'água interligados, sendo constantemente atingida por inundações e alagamentos.

Neste mapa 4 ao lado são apontadas as áreas de inundação ao redor dos corpos d'água, e áreas de alagamento. Esse é provocado tanto pela urbanização que avança sobre áreas ambientalmente frágeis e naturalmente alagáveis, como também pela carência de investimentos do poder público em sistemas de infraestrutura e drenagem na região. Vale ressaltar, no entanto, a existência do Programa Lagoas do Norte (PLN) criado como um sistema de ações que buscam solucionar questões de drenagem urbana na região, mas que na prática se torna também um gerador de problemas de ordem social.

CENÁRIO INERCIAL

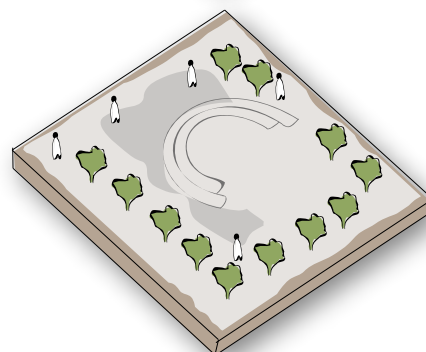
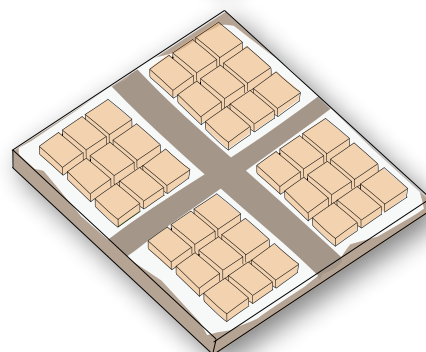
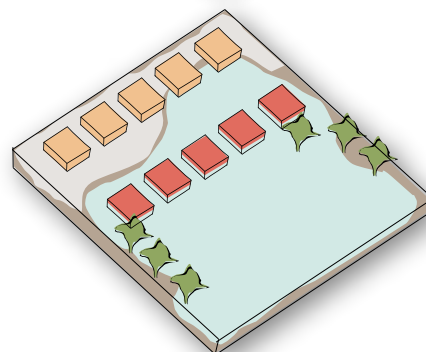
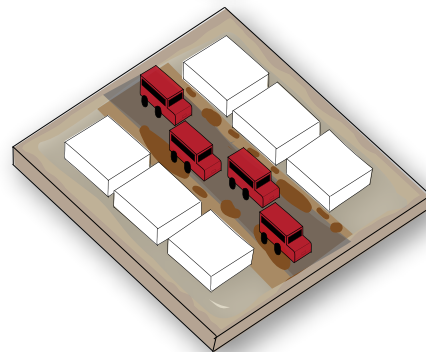
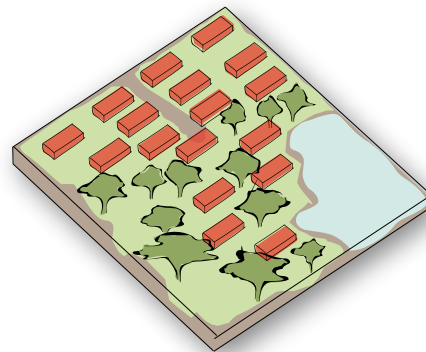
Em vista das análises realizadas, ressalta-se a falta de moradia digna como um dos conflitos mais evidentes no território. Assim, um cenário alheio a mudanças estruturais relativas à promoção de moradia digna reverbera a manutenção da *precariedade habitacional*, bem como dos riscos de desapropriação - intensificados pela sobreposição de interesses privados sobre os interesses coletivos das comunidades locais.

Associado, de modo estreito, ao *panorama habitacional*, salienta-se que - no que tange à *mobilidade urbana* - a expansão do sistema viário e o protagonismo do veículo automotor frente a escala humana potencializam os processos de desapropriação, além de afetar de modo negativo as dinâmicas da região. Isso, em razão do aumento do fluxo de veículos, intrinsecamente relacionado à implementação em larga escala de pavimentação asfáltica.

Esta, não somente restrita a impactos em mobilidade urbana e habitação expande-se também, à ordem do *patrimônio ambiental e infraestrutura urbana*. Isso, porque a crescente impermeabilização das vias implica diretamente no agravamento do cenário regular de *alagamentos* na região. Além disso, diante da localização do território - próximo a diversos corpos d'água - soma-se ao panorama da infraestrutura urbana uma notória carência em estruturas de saneamento básico. Situação esta, que reforça a paisagem urbana recortada por canais de esgoto à céu aberto, bem como direcionados, sem tratamento, aos corpos hídricos do território.

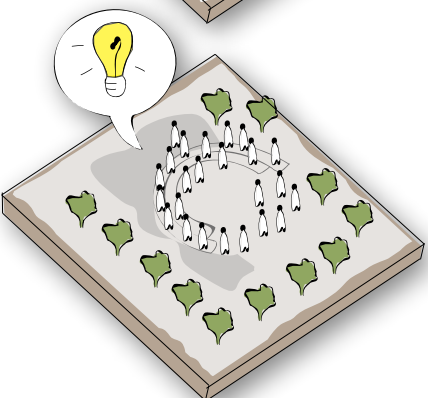
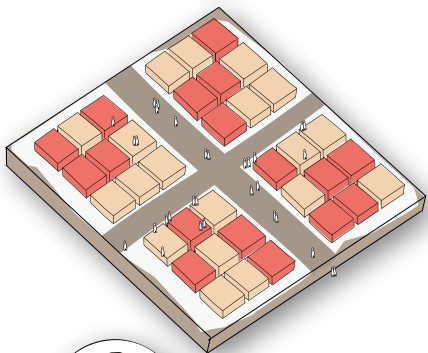
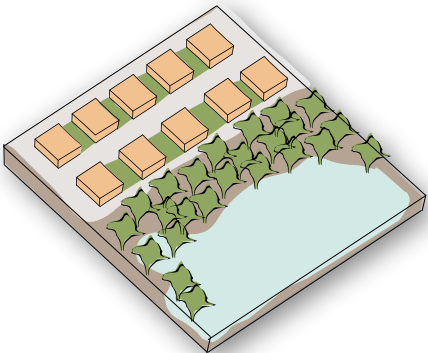
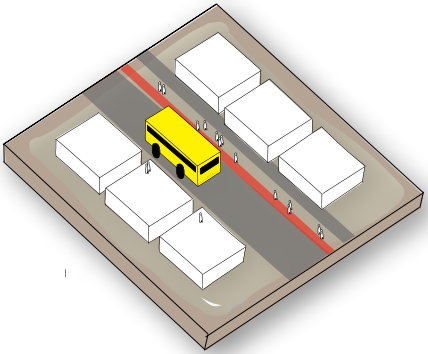
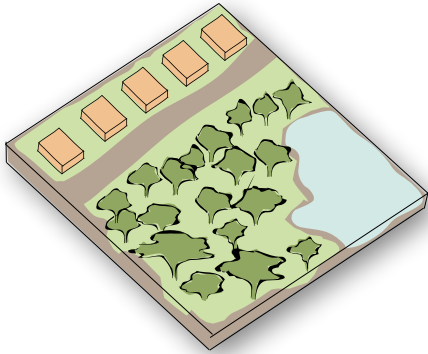
Ademais, em paralelo a esse cenário de escasso compromisso com a preservação dos ecossistemas naturais e combate aos alagamentos, tem-se a intensificação dos processos de desigualdade socioespacial. Este panorama, associado a escassez de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico e inclusão social e à infraestruturação e regularização dos aglomerados subnormais da região soma-se também a rigidez da legislação quanto ao uso do solo. Intensificando assim, um *homogeneidade urbana*, que reforça a insegurança nos percursos urbanos em diversos locais do território.

Além disso, salienta-se que a continuidade de um cenário com baixo diálogo entre o Poder Público e a população local, bem como com baixos investimentos para a infraestruturação dos espaços públicos da região, reforça os processos de *desterritorialização*, abraçados no escasso reconhecimento da história e identidade territorial das comunidades locais do espaço. Nesse cenário, as dinâmicas locais e os traços culturais característicos mantêm-se frente a um sistema que refuta as governanças locais e pouco se compromete em incentivar a educação patrimonial e histórico cultural da região para as gerações presentes e futuras.



Ilustrações cenários inerciais. Fonte: os autores

CENÁRIO IDEAL



Orientada a um processo de promoção de densidade urbana controlada e a processos de requalificação - com ajuda multidisciplinar em ações de ATHIS - o *panorama habitacional* ideal associa-se à *regularização fundiária*, de modo a defender legalmente o território das comunidades locais. Além disso, em alternativa ao processo de autoprodução de moradia em áreas de risco de inundação, ou destinadas à preservação, deve-se identificar e legalizar Zonas Especiais de Interesse Social próximas das centralidades urbanas e que possam receber a população de baixa renda residente em áreas justificadas como áreas de risco ou destinadas à preservação.

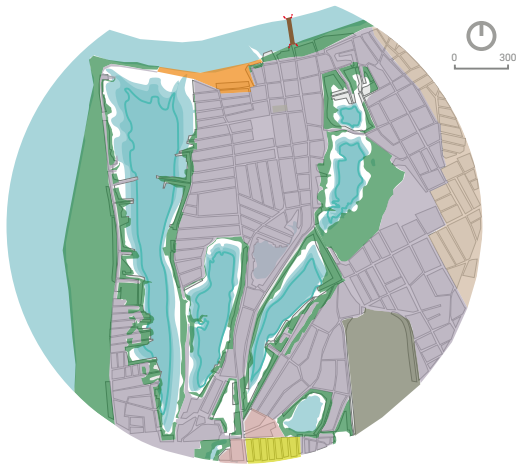
Sob o ponto de vista da *infraestrutura e mobilidade urbana*, é imprescindível o investimento em modais sustentáveis coletivos e ativos, associado a sua infraestruturação no território - ao exemplo de ciclovias. Ademais, para evitar os cenários regulares de alagamento, deve-se quebrar a primazia da pavimentação asfáltica, e valorizar tecnologias que permitam a infiltração da água no solo. Isso, associado a projetos de drenagem de água pluvial, bem como à ampliação do sistema de esgotamento sanitário, de modo a evitar a poluição dos corpos d'água e a disseminação de problemas de saúde endêmicos.

Além disso, a fim de salvaguardar o *patrimônio ambiental* do território, devem ser promovidas ações de *educação ambiental*, associadas ao fortalecimento da legislação ambiental, bem como de maior fiscalização das áreas verdes e corpos hídricos. Associado a isso, salienta-se que em um cenário ideal, a promoção de espaços permeáveis dentro dos lotes urbanos é valorizada.

Para impulsionar o *desenvolvimento econômico e inclusão social*, o Poder Público deve estruturar ações que visem a criação de uma nova centralidade urbana e de programas de assistência social. Em paralelo a isso, a desburocratização da legislação urbana quanto a implementação de atividades de baixo impacto deve ser promovida, de modo a permitir uma maior "vida urbana". Esta, relativa a heterogeneidade de usos do solo urbano, implica estreitamente na diminuição da sensação de insegurança.

Ademais, em um panorama ideal, o diálogo entre as comunidades locais e os demais agentes urbanos é fortalecido. Nesse sentido, dando, também, maior protagonismo às pautas da população e reconhecendo a sua intrínseca *identidade territorial*, a região direciona-se a processos de desenvolvimento que defendem os interesses coletivos, bem como a história da região. Processos estes, que devem ser compostos por ações estruturantes - infraestruturação dos espaços públicos, por exemplo - como também ações legais e educativas que visem a preservação do patrimônio histórico cultural, bem como o reconhecimento das organizações de moradores locais e suas respectivas pautas.

ESTRATÉGIAS



Mapa 5. Zoneamento PDOT 2019

	Zona de Interesse Ambiental ZIA		Zona especial de Interesse social ZEIS
	Zona especial de uso sustentável ZEUS		Zona especial do polo cerâmico ZEICP
	Zona de ocupação moderada 2 ZOM 2		Zona especial de Interesse institucional ZEII
	Zona de Desenvolvimento de Corredor de Manejo Sustentável ZDCS		Projeto Especial de Urbanização PEU



Mapa 6. Microzoneamento

	Corpos Hídricos
	Zona de Preservação dos Recursos Naturais
	Zona de Redução da Vulnerabilidade Urbana e Recuperação Ambiental
	Lotes Vazios ou Subutilizados

1. MICROZONEAMENTO

Associado ao zoneamento vigente no recorte de análise - conforme o mapa 5 - propõe-se um microzoneamento, a fim de reforçar a orientação de políticas públicas em direção a processos de preservação dos ecossistemas naturais e promoção de desenvolvimento socioespacial. A seguinte proposta é apresentada no mapa 6.

Para a Zona de Redução de Vulnerabilidade Urbana e Recuperação Ambiental, mapeada a partir do diagnóstico desenvolvido, são indicadas políticas ambientais, associadas a efetivos projetos para recuperação dos corpos d'água e ecossistemas verdes da região, bem como ações de Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS). Estas, associadas a criação de políticas habitacionais que, em defesa da função social da propriedade urbana, impliquem na aquisição de lotes vazios ou subutilizados pelo Poder Municipal, para fins de criação de Zonas Especiais de Interesse Social ou projetos de moradia popular de menor escala destinadas à população de baixa renda e residente em áreas de risco de inundação do território em análise.

Já para a Zona de Preservação dos recursos Naturais, foram feitos ajustes no perímetro da então ZEUS, ora para dar espaço para a microzona de redução da vulnerabilidade urbana e recuperação ambiental, pois são regiões que já

possuem habitações e necessitam de estratégias específicas e diferentes das de proteção ambiental, ora para englobar novas áreas, como as regiões das lagoas, que não são contempladas no PDOT, mas entende-se sua importância para a drenagem e o sistema verde.

2. APLICAÇÃO DE INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS

Sob viés socioespacial, a fim de legitimar direito à moradia digna às comunidades locais residentes em territórios alheios aos serviços urbanos básicos, bem como a uma efetiva regularização fundiária - no caso de territórios fora de área de risco e passíveis de um processo de regularização - recomenda-se a efetiva aplicação dos instrumentos de regularização fundiária previstos no Estatuto da Cidade. Em específico, considera-se como fundamental a implementação de Zonas Especiais de Interesse Social, previamente espacializadas no território em análise.

Além disso, tem-se como imprescindível a aplicação de instrumentos de democratização da gestão urbana, tais como Audiências e Consultas Públicas, bem como Gestão Orçamentária Participativa, a fim de orientar os processos de planejamento e gestão urbanos em direção a um desenvolvimento socioespacial de acordo com as demandas e particularidades locais.

3. IMPLEMENTAÇÃO DE UMA NOVA CENTRALIDADE

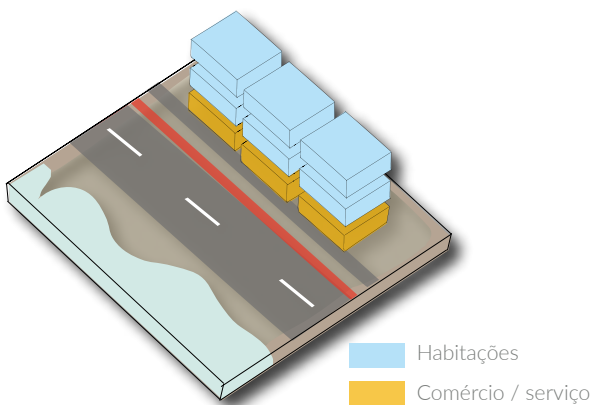
Com estratégia busca-se valorizar as dinâmicas de comércio e serviços próximos as residências, entendidas como uma força local, aumentar o fluxo de pessoas nas ruas durante todos os períodos do dia de forma a gerar a segurança na região, aliada a uma melhoria na mobilidade urbana. Dessa forma pretende-se que a população local reduza a necessidade de fazer longos deslocamentos e, principalmente, que não dependam de veículos motorizados para acessar comércio, serviços, empregos e lazer.

Por isso, também há o incentivo para a verticalização de até três pavimentos - coloca-se esse limite máximo pra evitar a especulação imobiliária e a descaracterização da região que é, quase que completamente, composta por construções de apenas um pavimento.

Nesse processo de verticalização é importante que os pavimentos térreos sejam destinados preferencialmente ao comércio e serviço - estimulando um fluxo contínuo de pessoas pelas calçadas - e os pavimentos superiores destinados a habitações.

4. PROMOÇÃO DE ATHIS E AÇÕES EDUCATIVAS EM TORNO DO PATRIM. AMBIENTAL E HIST. CULTURAL

Sob o intuito de salvaguardar o direito à moradia digna, ao encontro às recomendações técnicas para ventilação, conforto térmico, bem como para salubridade das habitações, faz-se jus à implementação de Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS).

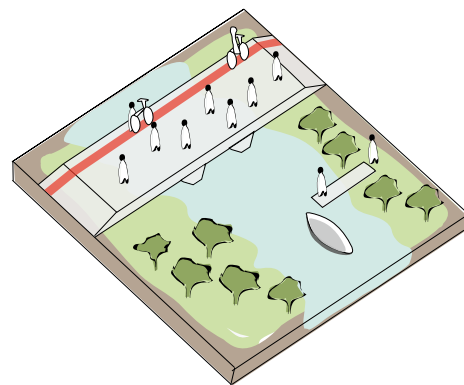


Ressalta-se, também, a imprescindibilidade de ações educativas voltadas ao patrimônio ambiental e histórico cultural. Isso, a fim de defender os ecossistemas naturais e o patrimônio material e imaterial da região, através da conscientização e sensibilização da população, associado, evidentemente, a um efetivo apoio governamental, o qual, sob uma perspectiva ambiental, salvasse os territórios destinados à preservação, através de fiscalização e restrição de ocupação, bem como, sob uma perspectiva sociocultural, promova espaços públicos equipados e de manutenção regular.

5. PLANO DE MOBILIDADE URBANA

Propõe-se a criação de um modelo multimodal, integrando ciclovias, passeios para pedestres, eixos de transportes coletivos, bem como hidroviários. Assim como a pavimentação de vias precárias, a construção e adequação de passeios para pedestre e iluminação e sinalização de vias e passeios.

Notadamente, um ponto importante para o sucesso desta estratégia é a inversão do protagonismo dado ao transporte automotivo individual. Em resposta a esse movimento propõe-se que, ao se manter a construção de uma nova ponte, esta seja destinada ao percurso de pedestres, ciclistas e outros meios de mobilidade ativa, e, além disso seja implementado um percurso hidroviário integrado ao sistema de transporte coletivos e ciclovias, de modo que a população possua outras alternativas para a travessa do rio, e não somente o transporte automotivo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, em vista das análises desenvolvidas sob o território em estudo, tem-se a necessidade da realização de transformações no espaço urbano com o intuito da oferta da qualidade de vida para a população. Para isso, é imprescindível a orientação de políticas públicas a processos de desenvolvimento socioespacial e sustentável, bem como de promoção de justiça social na região. Evidenciando-se ainda a prioridade de aplicação destas estratégias nas áreas mais precárias e historicamente excluídas.

PLANO DIRETOR DISTRITAL - POTI SUL

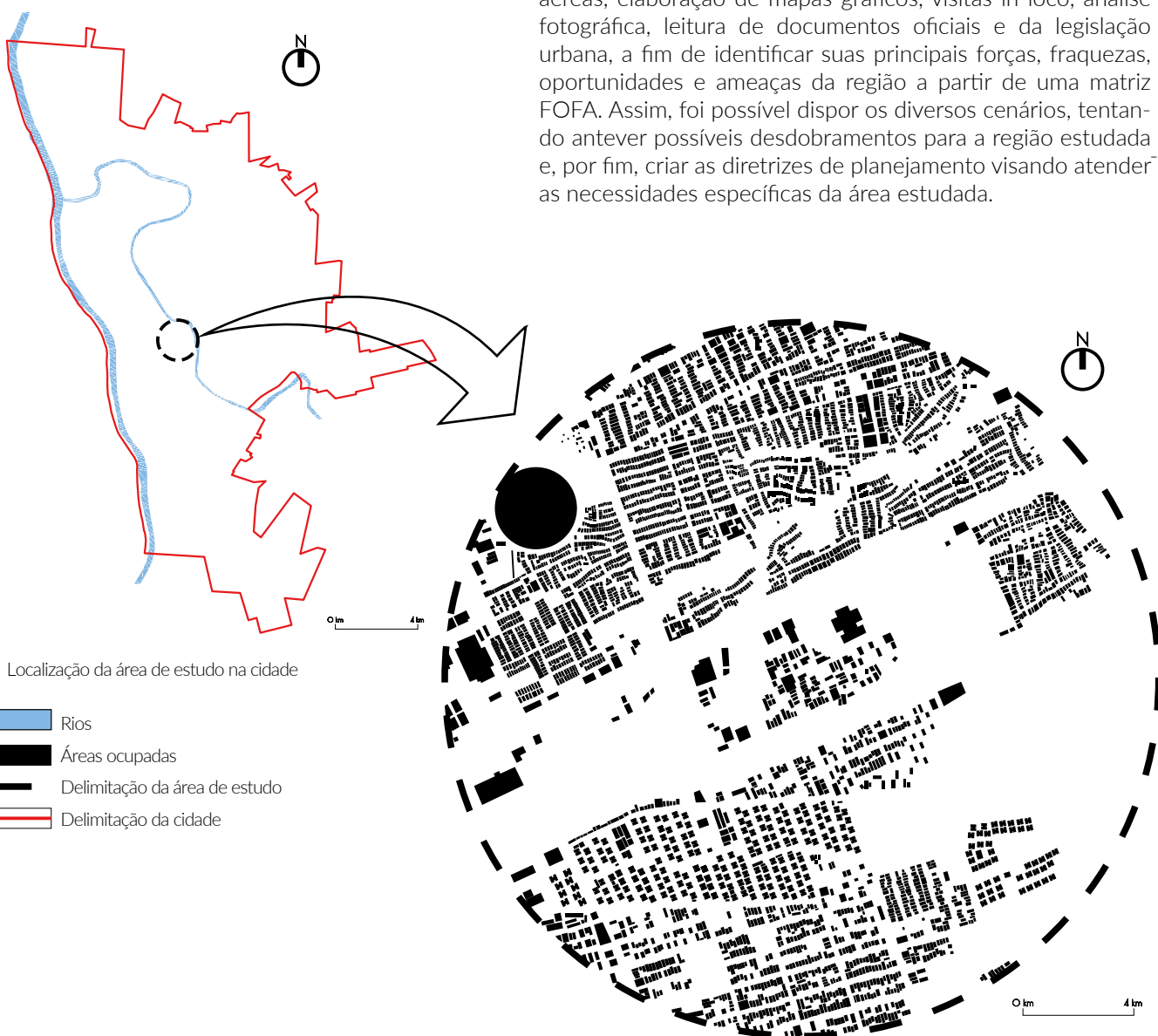
Ariel Santos, João Melo, Marcus Reis, Nayra Lustosa, Pedro Ferreira

FICHA TÉCNICA

Título: Plano Diretor Distrital - Poti Sul
 Orientador: Anna Karina Borges de Alencar
 Tipologia: Urbano
 Localização: Zona Sul, Teresina
 Área: 3 km²

O planejamento urbano busca efetivar um processo de desenvolvimento de soluções que visem melhorar a qualidade urbana, partindo da leitura, análise, prospecção de cenários e proposição de diretrizes de planejamento. Assim, o propósito deste trabalho foi a proposição de um Plano Diretor Distrital para uma região circular localizada na Zona Sul de Teresina, com limite norte na Av. Industrial Gil Martins, leste no rio Poti, oeste na Av. Prefeito Wall Ferraz e sul nas imediações do bairro Lourival Parente. Tal região compreende um círculo com 1 km de raio, 3 km² de área, aproximadamente, e engloba os bairros: Três Andares, Redenção, Catarina, Morada Nova e Lourival Parente.

Para isso, buscou-se efetivar uma análise profunda do território objeto de estudo, partindo do estudo de fotos aéreas, elaboração de mapas gráficos, visitas in loco, análise fotográfica, leitura de documentos oficiais e da legislação urbana, a fim de identificar suas principais forças, fraquezas, oportunidades e ameaças da região a partir de uma matriz FOFA. Assim, foi possível dispor os diversos cenários, tentando antever possíveis desdobramentos para a região estudada e, por fim, criar as diretrizes de planejamento visando atender as necessidades específicas da área estudada.



Fonte: Elaborado pelos autores

ANÁLISE DE CAPAS E CENÁRIOS

Para iniciar a análise da região foram feitos dois tipos de estudos: um físico-ambiental, contendo os mapas de topografia, microbacias, inundação, áreas livres e áreas vegetas; e outro antropológico e social, abrangendo capas com análise de renda, densidade, usos do solo, equipamentos urbanos, evolução urbana, rede de iluminação, rede de saneamento, linhas de ônibus, planos e projetos para a área, aglomerados subnormais e zoneamento.

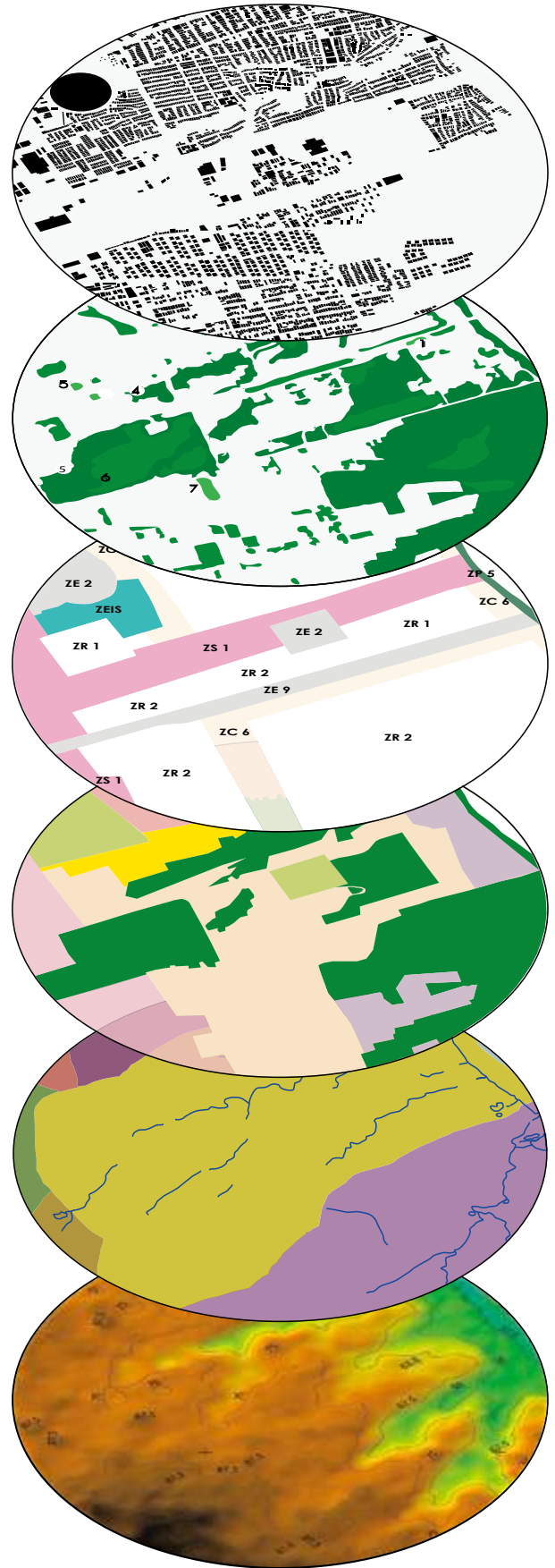
No que diz respeito ao estudo físico-ambiental, constatou-se que a topografia da região estudada é bastante acidentada, principalmente nas imediações do rio e dos corpos d'água, áreas estas que possuem um alto índice habitacional e que estão propensas à alagamentos em algumas épocas do ano.

Quanto aos estudos antropológicos e sociais, nota-se que há uma quantidade considerável de zonas informais na região, isto é, zonas em que a população não possui posse da terra ou se encontra em situação de precariedade, ocasionando então a formação de aglomerados com pouca infraestrutura e muitos riscos sociais, urbanos e habitacionais.

Quanto aos estudos antropológicos e sociais, nota-se que há uma quantidade considerável de zonas informais na região, isto é, zonas em que a população não possui posse da terra ou se encontra em situação de precariedade, ocasionando então a formação de aglomerados com pouca infraestrutura e muitos riscos sociais, urbanos e habitacionais.

De modo geral a área é considerada bastante adensada, variando de 10hab/há até 116 hab/há, devendo ressaltar o bairro Três Andares por ser uma região de adensamento desordenado e o bairro Morada Nova por ser um conjunto habitacional vertical. Inclusive, com base na análise dos dados de renda média per capita, não há uma grande disparidade de renda entre os bairros, havendo uma predominância de renda em torno de 1,5 salários mínimos.

Já em relação as redes de infraestrutura, observou-se que a região apresenta uma rede de distribuição de energia elétrica, iluminação e abastecimento de água bastante abrangentes, no entanto, não possuem uma boa manutenção. Quanto à rede de esgotamento sanitário, há uma deficiência nessa região, que tem apenas uma parcela da população servida desse serviço.



Sequência de capas urbanas: cheios e vazios; áreas verdes; zoneamento de 2016; zoneamento de 2019; inundação e corpos d'água; e topografia

Fonte: Elaborado pelos autores

DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS DE PLANEJAMENTO



Zoneamento elaborado para a área de estudo

Fonte: Elaborado pelos autores

Com o objetivo de melhorar a qualidade urbana, facilitar o planejamento e organizar as principais medidas a serem desenvolvidas no território analisado, a região foi dividida em duas grandes zonas, considerando características sociais, urbanas, aspectos físico-naturais e a Legislação Urbana vigente. Dessa forma, cada zona será dividida em microzonas e, assim, poderiam ser determinadas as principais diretrizes a serem aplicadas nas diversas escalas urbanas, de acordo com os eixos de estruturação urbana.

Contudo, durante a análise do território, percebeu-se um conjunto de déficits urbanos que estão evidentes em, praticamente, toda a área estudada. Assim, optou-se pela criação de diretrizes e estratégias gerais, que seriam aplicadas em todas as zonas estudadas ou, pelo menos, em grande parte delas: concessão de assistência técnica e jurídica gratuita às comunidades e grupos sociais menos favorecidos; revisão e execução dos planos setoriais já existentes (Mobilidade Urbana, Ciclovário, Drenagem Urbana); modernização da rede

de iluminação pública, sob critério de eficiência e luminância; Expansão e modernização da rede de drenagem de águas pluviais, com ênfase na aplicação de sistemas de infraestrutura verde em função da sua eficiência, caráter multifuncional, baixo impacto negativo e grande potencial paisagístico; Qualificação das vias públicas, com modernização de calçadas e melhoria da infraestrutura do leito carroçável; Implantação de mobiliário urbano para a coleta seletiva de lixo; Execução das diretrizes de Limpeza Urbana e manejo de resíduos sólidos, além de fiscalização; Modernização da frota de ônibus e dos abrigos de passageiros; Implantação de ciclovias nas vias de maior porte e, nas vias locais, em função do leito carroçável de menor, adoção de velocidade reduzida, de modo que o fluxo de veículos motorizados ofereça menor risco aos ciclistas; Estímulo à novas Centralidades a partir do reconhecimento de comércios informais, capacitação de micro e pequenos empreendimentos, fortalecimento de pequenos negócios, projetos de incentivo aos MEI's.

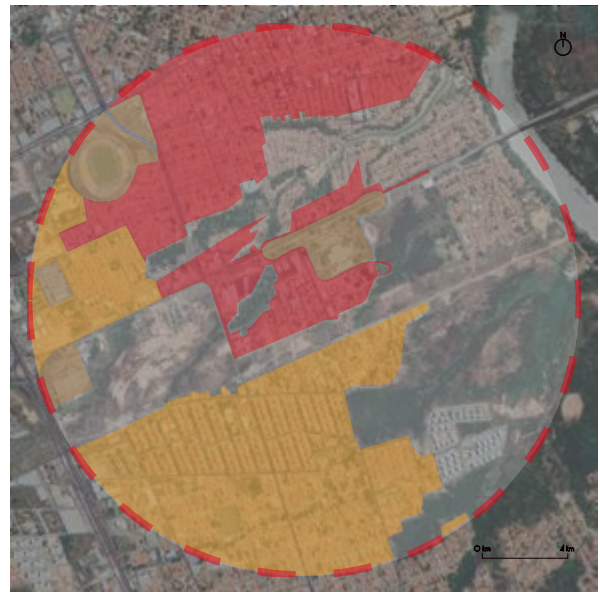
Zona de Interesse Ambiental



Fonte: Elaborado pelos autores

- Microzona de Preservação
- Microzona de Conservação
- Microzona de Vulnerabilidade Socio-Ambiental
- Delimitação da área

Zona de Interesse Socio-Econômico



Fonte: Elaborado pelos autores

- Microzona Institucional
- Microzona de Qualificação da Infraestrutura
- Microzona de Miscigenação e Verticalização
- Delimitação da área

Dessa forma, partindo para o zoneamento da área analisada, a primeira zona proposta é a “Zona de Interesse Ambiental (ZIA)”, ela compreende toda a região caracterizada como de fragilidade ambiental ou de interesse ambiental e ecológico, seja essa área ocupada ou não pela população, e é subdividida em 3 microzonas: a Microzona de Vulnerabilidade Socio-Ambiental compreende toda a porção da ZIA que está ocupada pela população e, conseqüentemente, está urbanizada. Logo, nesta microzona as diretrizes visam proteger o meio ambiente natural, evitar um processo de urbanização ainda maior, qualificar a área para que não haja problemas físico-ambientais, reduzir a vulnerabilidade socio-ambiental e realocar a população em situação de risco; a Microzona de Conservação contempla as áreas que não apresentam elementos que configurem uma situação crítica para o uso do terreno, mas que ainda precisam ser protegidas. Assim, configurou-se diretrizes que permitissem o “uso flexível”, como ocorre nas ZEUS previstas no PDOT (2019), podendo haver uso dessas áreas desde que haja o atendimento a certos critérios de ocupação; por fim, a Microzona de Preservação possui as áreas com elementos que configuram situação crítica ao uso no terreno (topografia acidentada, declividade alta, corpos hídricos e afins) e que ainda não foram alvo da urbanização. Por tanto, as diretrizes desta microzona visam a preservação do meio ambiente natural, evitando que ele seja alvo da urbanização.

Já segunda zona é a “Zona Desenvolvimento Econômico e Social (ZDES)”, que compreende todas as demais áreas que não possuem os elementos de ordem natural, social ou legislativa mencionados na Zona de Interesse Ambiental. Dessa forma, serão todos os espaços majoritariamente ocupados pela urbanização, com seus diversos usos e tipologias construtivas. A ZDES foi subdividida em 3 microzonas: a Microzona Institucional é aquela que apresenta as instituições de forte relevância urbana e a sua área de influência imediata. Logo, foram planejadas diretrizes visando estimular o uso e apropriação desses locais pela população, a efetivação de sua função social, a requalificação da área e aumentar o desenvolvimento econômico na região como um todo; a Microzona de Qualificação da Infraestrutura engloba as regiões da ZDES que possuem a situação mais crítica no que diz respeito às questões de precariedade habitacional, infraestrutura urbana e mobilidade urbana, sendo, majoritariamente, as áreas de aglomerados subnormais e/ou áreas com critérios de informalidade. Logo, as diretrizes visam a qualificação urbana, melhorias de infraestrutura, melhoria das habitações e regularização fundiária; por último, a Microzona de Miscigenação e Verticalização é aquela que não possui problemas urbanos tão fortes quanto os da Microzona de Qualificação da Infraestrutura, mesmo que eles também existam. Assim, suas diretrizes buscam estimular o desenvolvimento econômico, verticalização e promoção de uso misto.

REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO SATÉLITE

Isabela Nunes, Emmanuelle Araripe, Pedro Aquino, Viviane Amorim, Wellington Amorim

FICHA TÉCNICA

Título: Requalificação Urbana do Bairro Satélite

Orientador: Dr^a Anna Karina Alencar

Tipologia: Urbanismo

Localização: Bairro Satélite, Teresina

Área: 509.481,45 m²

MAPA CONCEITUAL

O projeto tem como foco uma área localizada no bairro Satélite, na Zona Leste de Teresina. Na fase inicial, foi realizado um diagnóstico social, ecológico e urbanístico para ter-se uma boa compreensão da área. Após o levantamento desses dados, foi possível elaborar um mapa conceitual que iria reconhecer as principais potencialidades do recorte, identificando os 5 eixos da *Figura 1: Diagnóstico Inicial*.

Após a elaboração do mapa conceitual, foi desenvolvido um Masterplan, com o detalhamento e localização das estratégias selecionadas a partir de cada eixo. As propostas se pautaram em intervenções pontuais ao longo do recorte, tais como a utilização de terrenos ociosos, criação de novos pontos atrativos de lazer, cultura e educação, proposição de circuitos ciclovitários, biovaletas, calçadões contínuos, vias exclusivas para pedestres, etc. Também se pensou em propostas para a requalificação de vias, tanto na pavimentação, quanto na retirada de certas vias e implantação de escadaria lúdica.



DIAGNÓSTICO INICIAL

- Zonas de Moradia Urgente
- Requalificação de Vias
- Eixos Atrativos
- Proteção de Encostas
- Zonas de Requalificação Ambiental



MAPA CONCEITUAL

- | | | | |
|--|------------------------------------------------------------------------------|--|-----------------------------------------------------------------------------|
| | Via de Tráfego Rápido | | Implantação de Mobiliários de Descanso e Convivência |
| | Via de Tráfego Moderado | | Criação de Mirante |
| | Pavimentação Permeável e Acessível | | Criação de Quadra de Esportes Multifuncional |
| | Remoção de Via | | Criação de Hortas e Pocket Parks |
| | Ponte Baixa de Pedestres e Veículos | | Escadaria Pública com Patamares de Descanso e Mobiliário Lúdico |
| | Redução do Leito Carroçável com Requalificação e Alargamento das Calçadas | | Demarcação de Áreas Verdes para Tratamento Paisagístico / Criação de Parque |
| | Vias Fechadas para Tráfego Exclusivo de Pedestres Automóveis não-motorizados | | Muro de Arrimo de Pedra Gabião |
| | Criação de Nova Via | | Proteção de Morro por Cobertura Arbórea |
| | Eixo Binário com Indicação de Sentido | | Proteção de Morro por Cobertura Gramínea/Geomanta |
| | Circuito Ciclovitário | | Implantação de Taludes |
| | Bolsão de Estacionamento | | Implantação de Hortas/ Jardins Escalonados |
| | Faixa de Pedestre | | Área Ampla de Mirante no Morro |
| | Faixa de Pedestre Elevada | | Valetas Escalonadas |
| | 359 Edificações para Assistência Técnica | | Bacias de Retenção |
| | 185 Edificações a serem Desapropriadas | | Biovaletas |
| | Revitalização da Praça Santa Teresinha | | Canteiros Pluviais |
| | Revitalização com Arte Urbana | | Jardins de Chuva e Pocket Parks |
| | Qualificação de Calçadas Largas | | |



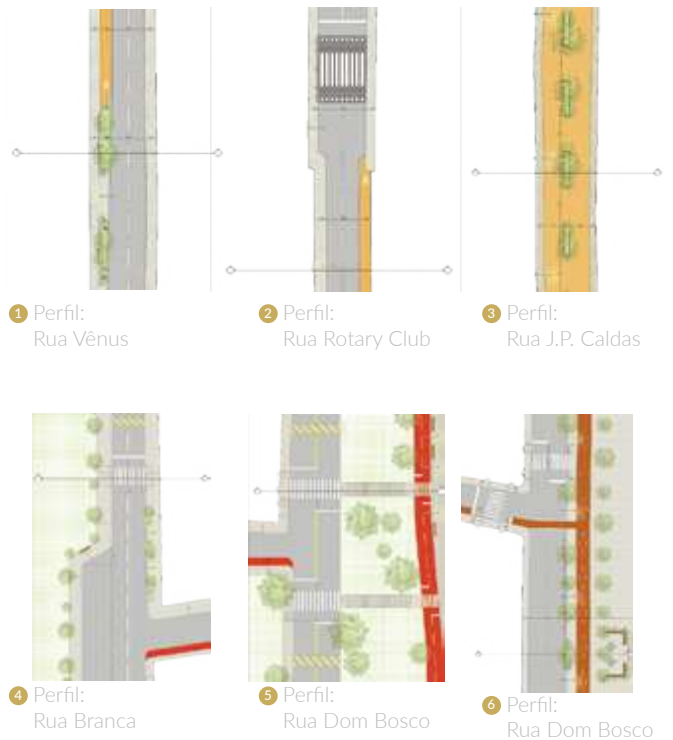
MASTERPLAN
GERAL

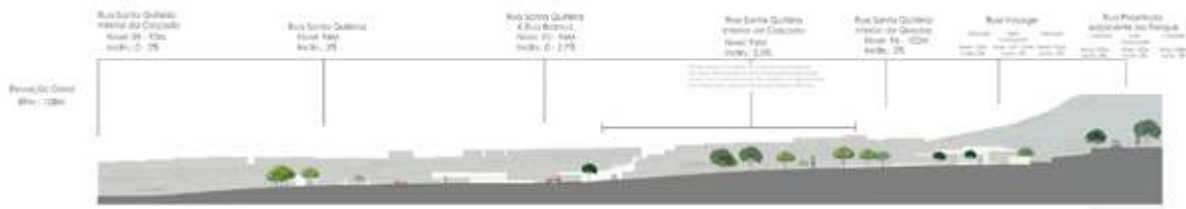


ESTUDO PRELIMINAR

A malha urbana foi trabalhada para dar prioridade aos usuários de modais ativos, estruturando as vias com adição de ruas exclusivas para o transporte pedonal e/ou uso e convivência. Reestruturaram-se calçadas e adicionaram-se faixas exclusivas para pedestres em calçadas estreitas, criou-se escadarias com hortas, canteiro, áreas de descanso e convivência.

Criou-se um circuito de espaços verdes com a implantação de parques, calçadas arborizadas, pocket parks, hortas comunitárias, mini trilhas, que amenizariam os alagamentos no recorte, amortecendo o escoamento superficial de chuvas e com uso de bacias de retenção associadas a estratégias como canteiros pluviais, biovaletas e canaletas. Além disso, potencializou-se o uso do espaço social com a criação de quadras esportivas, revitalização da praça existente e de ruas com arte urbana.





1 Corte Geral 1



2 Corte Geral 2



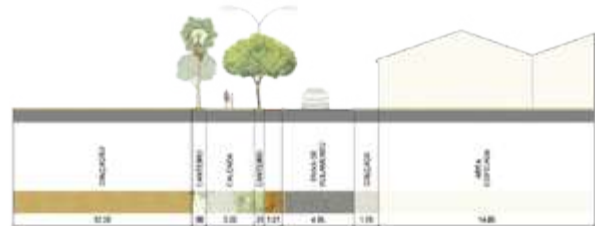
3 Corte A



5 Corte B



4 Corte C



6 Corte D

ANTEPROJETO

Para a concepção do anteprojeto foi feito um recorte que vai, no sentido Norte - Sul, da R. Vênus até a R. Apolo XI, e no sentido Leste - Oeste, da R. Eng. Edgar Gaioso até a nova via proposta ao redor do parque, com seus bolsões de estacionamento. Esse recorte permitiu o detalhamento de várias estratégias ambientais e sociais aplicadas.

Por fim, o território estudado se mostrou complexo e trouxe desafios muito atuais e condizentes com uma realidade recorrente nas cidades brasileiras: uma área densa, de topografia irregular e serviços de drenagem e saneamento insuficientes. Uma vez que a intervenção deve respeitar as ocupações existentes, as principais propostas utilizaram-se do urbanismo tático e da infraestrutura verde.



PERSPECTIVA GERAL DE RECORTE



Masterplan
Fonte: Os autores.

PROJETO SÃO CRISTÓVÃO

Andressa Mota de Oliveira, Arthur Pedrosa Rocha, Luana Soares e Andrade, Luís Eduardo Carvalho de Moura

FICHA TÉCNICA

Título: Projeto São Cristóvão
Orientador: Dr^a Karenina Cardoso Matos
Tipologia: Intervenção Urbana
Localização: Bairro São Cristóvão, Teresina
Área: 1,84 km²

O projeto São Cristóvão é apresentado como atividade da disciplina de Projeto de Urbanismo I, ministrada pela Profa. Dra. Karenina Cardoso Matos para o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí, semestre letivo 2020.2. No projeto avaliaram-se as atuais conformações do bairro São Cristóvão, Zona Leste de Teresina, a fim de desenvolver diagnóstico a ser utilizado na proposta de intervenção urbanística no local.

A proposta foi pautada em uma setorização estratégica, na qual 5 setores foram definidos, sendo eles, setor estratégico 1: processos de revitalização intra-quadra mais continuidade na Rua Antonieta Ferraz; setor estratégico 2: desenvolvimento de um centro de inovação noroeste; setor estratégico 3: desenvolvimento de centro de inovação sudeste; setor estratégico 4: maior fomento à identidade urbana pela articulação de

intervenções de escalas variadas; setor estratégico 5: revitalização nos canteiros da avenida João XXIII e nova ordenação na rotatória do São Cristóvão.

Além disso, foram definidas diretrizes gerais como maior incentivo à fachadas ativas/permeáveis, maior incentivo à miscigenação do solo, desenvolvimento de estratégias para drenagem urbana e infraestrutura verde, melhorias na infraestrutura das vias e passeios públicos e melhor aproveitamento dos canteiros, promoção de legibilidade e continuidade das vias, melhoria na sinalização mais fiscalização no tráfego urbano. Fazem-se, de antemão, ressalvas quanto à atualização dos dados levantados, haja vista a impossibilidade de pleno acesso às fontes oficiais por conta da pandemia de COVID-19, ficando o grupo de pesquisadores atado aos dados disponíveis online.

Dadas as condições adversas da pandemia, não se conseguiram dados precisos acerca da ocupação do bairro. Contudo, as diferentes morfologias e composições de quadra encontradas sugerem ocupações de diferentes momentos e tipos. Por meio do estudo de imagens aéreas dos anos de 2005, 2009, 2017, 2020 e 2021 confeccionou-se o mapa apresentado a seguir, onde se observam dois aspectos principais: (1) o desaparecimento de clubes aquáticos, agora ocupados por redes de supermercados e edificações de serviço e o (2) grande número de lotes ainda ociosos. O primeiro fenômeno, ocorrido na ao longo dos anos 2010, coincide com um período de expansão econômica da cidade de Teresina, quando empresas se instalaram na cidade, mas buscavam grandes lotes a preços mais atrativos. O segundo pode ser justificado pela especulação imobiliária e os problemas de drenagem urbana encontrados no bairro

No mapa abaixo, percebe-se o reflexo das averiguações anteriores: entendida como uma subcentralidade da zona leste da cidade, e abrangida pelo raio de influência do bairro Jôquei Clube, a parte à esquerda da Avenida Presidente Kennedy tem mais áreas ocupadas, e conseqüentemente menos vegetação. No caso da parte leste, percebe-se a desocupação de lotes que ficam no decurso das águas pluviais.



Evolução da ocupação
Fonte: Os autores.



Ocupação e Vegetação
Fonte: Os autores.



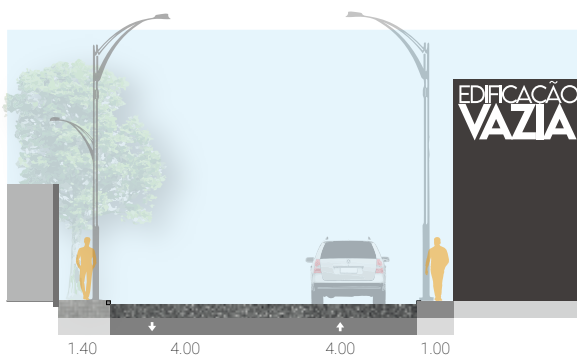
Perspectiva do cruzamento entre a Rua João Marquês, Rua Isolete Ferraz e Rua João Jorge Tajra - Situação Atual.
 Fonte: Os Autores (2021).

BUSCA PELA VIDA URBANA

Materializando diretrizes projetuais relativas à estruturação viária, promoção de fachadas ativas e de identidade urbana - principalmente pelo uso da cor - a alteração no cruzamento entre as Ruas João Marquês, Isolete Ferraz e João Jorge Tajra foi uma das ações catalisadores do projeto São Cristóvão que alcançou melhorias em nível urbano, social e ambiental. De encontro à situação atual, na qual tem-se um panorama de baixo convite à urbanidade, a intervenção proposta procura renovar a área através de algumas medidas, como a implementação de via compartilhada elevada que permite a conexão entre as praças Engenheiro Paulo Marques e Profº Paulo Sena - as quais recebem novo planejamento paisagístico - bem como com o Centro de Inovação (proposto na região).

Essa conexão permite a criação de uma subcentralidade à qual segue devida sinalização a fim de corroborar o ordenamento do tráfego. Além disso, entre o Centro de Inovação e uma das praças tem-se a implementação de bollards (balizadores retráteis), os quais são acionados digitalmente de modo a proibir o fluxo de veículos no trecho aos domingos e em outros dias específicos destinados a comemorações/eventos nas praças e entorno imediato.

Passeio público
 Faixa de Serviço
 Leito Carroçável



Corte esquemático na Rua João Marquês - Situação Atual e Situação Proposta
 Fonte: Os Autores (2021).



Perspectiva do cruzamento entre a Rua João Marquês e Rua Isolete Ferraz - Situação Proposta.
 Fonte: Os Autores (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, o projeto para o bairro São Cristóvão busca aplicar diversos os conceitos urbanísticos a fim de se constituir um bairro tecnológico, conectado, caminhável e que promove a urbanidade através de seus pontos de encontro, facilidades, espaços para arte urbana, calçadas e passeios acessíveis além de mitigar problemas supracitados com estratégias de infraestrutura verde, revitalização intra-lote para os vazios urbanos, além da criação de calçadas com cafés, bares e restaurantes devolvendo qualidade ambiental a esses espaços públicos que atualmente apresentam pouca ou nenhuma vitalidade.

Assim, o distrito que já é considerado uma centralidade na capital, poderia também tornar-se um modelo de urbanidade e de estruturação de espaços públicos para outros bairros de Teresina.



Revitalização intra-lote.
 Fonte: Os Autores (2021).



projeto
paisagismo



PRAÇA RODOLFO TEÓFILO

Gianlucca Spíndola, João Pedro Melo e Mariana Rodrigues

FICHA TÉCNICA

Título: Praça Rodolfo Teófilo
Orientadora: Wilza Gomes Reis Lopes
Tipologia: Proposta de Intervenção Urbana
Localização: Rua Assis Veloso/ Morada do Sol, Teresina
Área: 10,674,68m²

O projeto descrito trata-se da idealização de uma Praça para a região do bairro Morada do Sol, entre as ruas Assis Veloso e Sebastião Saraiva. O nome escolhido foi em homenagem a Rodolfo Marcos Teófilo, o inventor da Cajuína, além de escritor brasileiro de estética literária regional-naturalista, poeta, documentarista, contista, articulista e médico farmacêutico.

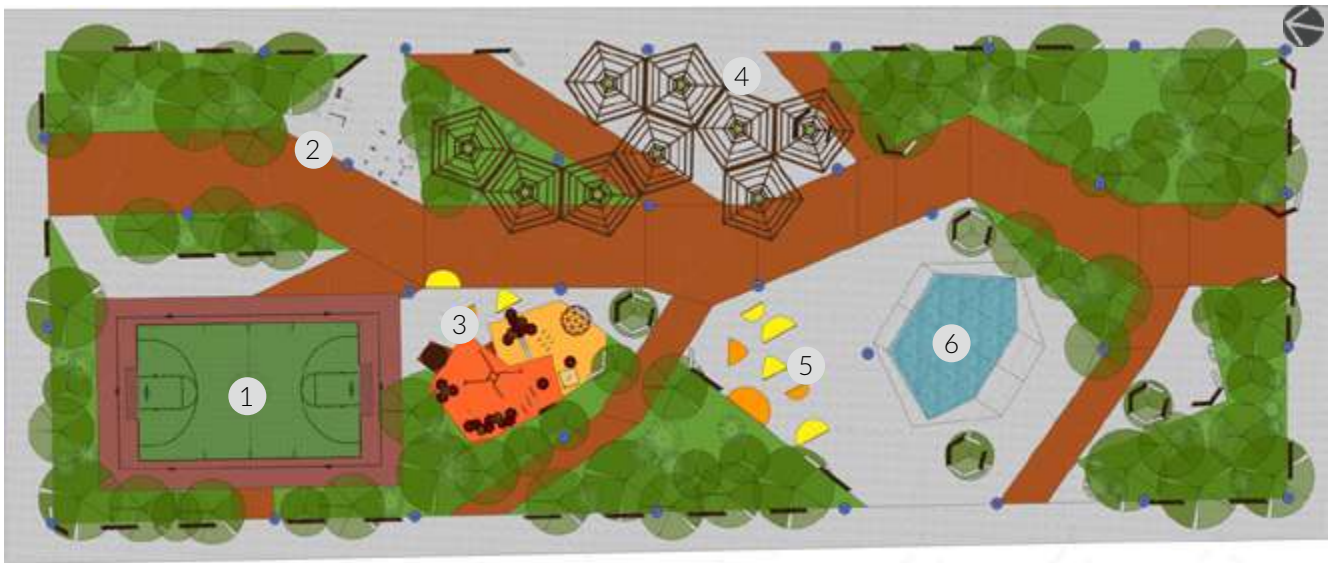
O conceito adotado foi ressaltar a importância econômica, cultural, social da árvore Cajueiro para a cultura nordestina. Para a realização deste trabalho foram realizadas pesquisas sobre todas as partes que constituem o cajueiro e os seus usos e trazendo isso para o projeto. Assim como do caju se aproveita tudo, na praça também foram utilizadas todas as partes do cajueiro como inspiração. De seus galhos tortuosos surgiu o traçado dos caminhos que permeiam a praça Rodolfo Teófilo, de sua delicada flor surgiu o pergolado, sua madeira foi utilizada no mobiliário, suas cores quentes e vibrantes estão presentes por toda a praça.

Sendo uma árvore de formato anômalo, o cajueiro possui galhos retorcidos e escultóricos, que serviram de inspiração para a paginação de piso escolhida para o projeto. Foram destacados “galhos” principais e secundários, com diferença de espessura, diferenciando também do piso de concreto utilizado no restante da praça.



Vista de uma das entradas da Praça Rodolfo Teófilo. Fonte: Render Autoral

PLANTA BAIXA GERAL



Planta Baixa Geral

LEGENDAS:

- 01. quadra poliesportiva
- 02. academia popular
- 03. playground «CajuPlay»
- 04. área para *foodtrucks*
- 05. espaço das artes
- 06. espelho d'água

grama sintética (quadra poliesportiva)		grama	
água		piso processado	
árvores (pequeno e médio porte)		tijolo semipermeável	
arbustos tropicais		piso emborrachado amarelo (CajuPlay)	
raio de incidência de iluminação (10m)		piso emborrachado laranja (CajuPlay)	
postes de iluminação		piso de concreto (quadra poliesportiva)	



Vista da Área Central da Praça Rodolfo Teófilo. Fonte: Render Autoral



Pérgola Flor do Caju. Fonte: Render Autoral

PERGOLA "FLOR DO CAJU"

Os pergolados foram inspirados na delicada flor do cajueiro e possuem formato composto por 5 “pétalas”. Feitos de estrutura de ACM com revestimento que imita a madeira laminada, possuindo um canteiro central para crescimento de plantas trepadeiras, além da possibilidade de intercalar criando grandes espaços sombreados.



Bancos Paramétricos. Fonte: Render Autoral

BANCOS PARAMÉTRICOS

O mobiliário da praça é constituído por bancos parametrizados, de concreto em madeira do cajueiro nos assentos e encostos. Seu formato proporciona diversos layouts e formas de uso que são exploradas como “ilhas” em torno de canteiros ou associadas aos pergolados, sempre criando espaços sombreados. De acordo com pesquisas feitas pelo Secitece (Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior), ensaios mecânicos comprovaram a qualidade da madeira de cajueiro, com boa resistência a pragas e ótimo custo-benefício o material já é utilizado na fabricação de móveis no Ceará. Outra inspiração para a modulação dos bancos foi a Praça da Fonte Nova, em Lisboa, do escritório José Adrião Arquitetos.



Caju Play. Fonte: Render Autoral

PLAYGROUND "CAJUPLAY"

As cores e formato do fruto foram bastante explorados para a concepção desse espaço infantil. O amarelo, rosado ou vermelho se misturam de forma lúdica em módulos intercalados, montados em diferentes configurações.



Muretas para Artes. Fonte: Render Autoral



Espelho das Artes. Fonte: Render Autoral

ESPAÇO DAS ARTES

As muretas, também inspiradas no pseudofruto do cajueiro, são destinadas ao Graffiti, como modo de valorizar a arte local e se integra ao playground de forma lúdica.

ESPELHO D'ÁGUA

A água do caju é aqui representada pelo espelho de água, sendo também sazonal, cujo uso adapta-se às diferentes estações climáticas da região, comportando atividades como: arquibancada e palco quando desligada e servindo como estratégia bioclimática para os meses do ano mais quentes. A inspiração da ideia veio da tecnologia cenográfica apresentada na Abertura das Olimpíadas de Atenas em 2004. Com reservatório próprio para armazenamento de água de água, tem tecnologia prevista para esvaziar-se e encher-se rapidamente.



Espelho D'água cheio. Fonte: Render Autoral



Espelho D'água sem água - Novas Possibilidades. Fonte: Render Autoral



PRAÇA PELAGUS

Cássia Cardoso, Isabela Figueirêdo,
Julie-Ane Lima Santos

FICHA TÉCNICA

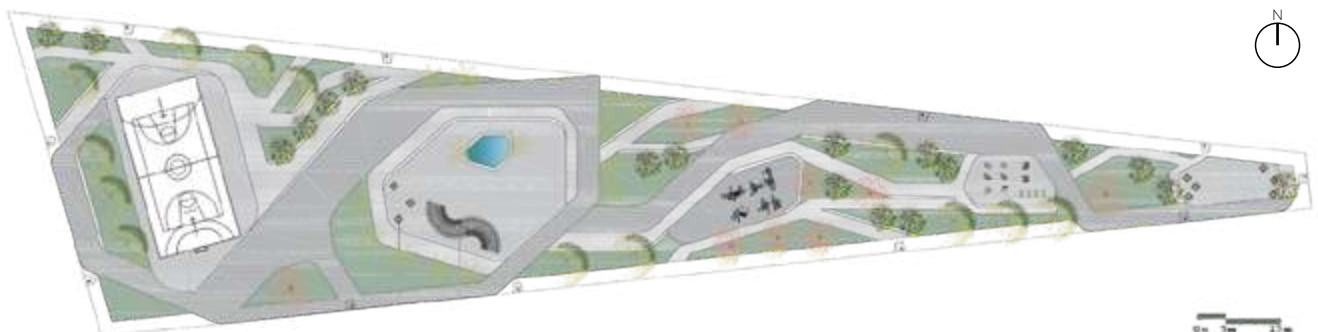
Título: Praça Pelagus
Orientador: Dra. Wilza Gomes Reis Lopes
Tipologia: Projeto Paisagístico
Localização: Jacinta Andrade, Teresina
Área: 7.717m²

CONCEITO

O conceito de Pelagus surgiu da análise da função agregadora que a praça necessitava assumir no contexto local. O Jacinta Andrade é um conjunto habitacional em cujo território há poucos equipamentos urbanos, é uma área afastada do resto de Teresina e detém de quase nenhum ponto de lazer ou de encontro. A praça precisava ser uma espécie de protagonista do espaço, entretanto, de modo silencioso, um instrumento discreto que unirá a comunidade e condensará sorrisos, insere-se na paisagem e mantém o equilíbrio. Pelagus vem do latim, "protagonista".

PARTIDO

A principal característica do desenho de Pelagus é a subdivisão de caminhos, representando a multiplicação de pontos de encontro e possibilidades de interação, com uma estética contemporânea paisagística que se diferencia e promove interesse. A sensação na altura do olho humano que a variação da paginação de piso provoca é a de múltiplas opções e de hierarquia de espaços. O traçado proporciona abundância de espaços verdes de forma natural, com poucas barreiras, sendo convidativo cortar caminho pela grama.



Planta baixa ilustrativa da praça.



LEGENDA

■ Delimitação do terreno

Planta de situação.

IMPLANTAÇÃO E ENTORNO

O terreno escolhido se encontra na Avenida de entrada do bairro Jacinta Andrade, o qual se configura como um grande conjunto habitacional, criado a fim de suprir a necessidade de moradia. No entanto, é de ocupação recente, possuindo grandes áreas vazias, pouca vegetação, quase inexistência de equipamentos urbanos. Há pouca diversificação de usos, sendo a predominância de residências. A ideia de uma praça justamente na entrada do bairro, em um terreno em que o movimento é levemente mais intenso por ser um caminho importante entre equipamentos urbanos essenciais, como os poucos pontos de comércio e parada de ônibus, foi com o objetivo de revitalizar a região e aproximar a vizinhança.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Foi realizada uma pesquisa com moradores do bairro com o intuito de suprir os maiores desejos e necessidades relatadas. A quadra poliesportiva foi citada como de suma importância, portanto, o projeto de atentou a desenvolver um espaço para uma poliesportiva de tamanho semi-profissional. A proximidade da praça com uma unidade escolar definiu uma área especial de playground com paginação de piso diferenciada. Em busca de incluir mais atividades e pessoas de todas as faixas etárias, uma academia ao ar livre, um espaço cultural central e um jardim zen também foram adicionados ao programa.



Render. Vista da quadra poliesportiva.



Render. Vista do playground.

VEGETAÇÃO

As espécies escolhidas para a cobertura vegetal são de uso frequente em Teresina, adaptadas ao clima e que compõem uma identidade regional e fornecem grande área de sombra. Foram selecionadas árvores que pudessem formar um leque de cores interessantes, o Flamboyant, ou Acácia-rubra, fornece coloração vermelha intensa permanente, e possui copa generosa por conta do seu porte majestoso e mais horizontalizado e sombra adequada para a região, já a Faveira e o Caneleiro têm coloração amarela em alguns períodos do ano, são árvores de porte entre 6 e 18 metros que fornecem sombra e uma cobertura vegetal bastante intensa. Por fim, a Carnaúba foi escolhida como elemento diferenciado, podendo chegar até os 20 metros de altura e com seu visual mais tropical, elas foram alocadas próximas à área central, criando uma estética única e arrojada de ponto de encontro. O gramado é de grama esmeralda, uma espécie resistente ao calor, insolação e ao pisoteamento.



Caneleiro (*Cenostigma macrophyllum Tul.*)



Faveiro (*Dimorphandra mollis.*)



Carnaúba (*Copernicia prunifera.*)



Flamboyant vermelho (*Delonix regia Raf.*)



Grama Esmeralda (*Zoysia japonica.*)



Vista superior do Pergolado Spine.



Perspectiva do Pergolado Spine.

MOBILIÁRIO

O mobiliário de Pelagus conta com o Pergolado Spine, feito de madeira, construindo a unidade visual baseada na justaposição de materiais. O pergolado é curvo, dinâmico e original, encontra-se na área central da praça, proporcionando um local de encontro mais aconchegante e vívido.

Os bancos são longos e feitos de concreto assim como a paginação de piso, acompanhando o desenho da planta baixa, misturando-se e possibilitando muito mais espaços para descanso. Finalizando a composição do mobiliário, as mesas da praça misturam madeira e pedra, também fazendo parte da unidade visual, com um modelo contemporâneo, possuindo tabuleiro de xadrez desenhado no centro, sendo uma proposta de atividade passiva que retoma o uso de praças públicas de décadas atrás. A equipe buscou trazer cores aconchegantes, materiais resistentes e detalhes pensados para conectar a comunidade com a praça.



Vista superior da mesa em madeira.



Perspectiva da mesa em madeira.



Vista superior do banco em concreto.



Perspectiva do banco em concreto.

PARQUE UNIVERSITÁRIO UNITÀ

Isaac Moretz-Sohn, Lys Marina Santos Sousa, Paulo Augusto de Freitas Sousa, Yara Maria de Oliveira Feitosa

FICHA TÉCNICA

Título: Parque Universitário Unità

Orientador: Karenina Matos

Tipologia: Paisagismo

Localização: Universidade Federal do Piauí
Ininga, Teresina-PI

O projeto do Parque da UFPI foi elaborado a partir do conceito de conexão e união, no qual propõe-se a criação de um ambiente que conecte tanto pessoas, quanto locais do campus universitário, gerando uma maior integração. Para tanto criou-se uma “rota de conexão” na UFPI, que consiste em uma grande rota que circula a área trabalhada, sendo a principal ligação entre os prédios e espaços da universidade. Além disso, para aumentar a conexão entre os espaços e diversificar as rotas, foram criados novos caminhos internos, aproveitando alguns que já são utilizados por estudantes e funcionários.



Perspectiva Rota Ambiental



0 50

Masterplan

1

A nova Reitoria foi locada atrás do bloco do C.C.N. 2. A transferência de locação foi realizada visando tanto oferecer um novo ambiente para a UFPI, bem como para utilizar uma área que hoje se encontra ociosa. Não obstante, pretende-se também atrair um maior fluxo de pessoas para a região, trazendo assim mais vida para uma área que carece de movimento e passa bastante sensação de insegurança.

2

O novo Centro de Estudo Integrado, localizado entre o CCN 2, C.C.H.L e a nova Reitoria, foi idealizado como um ambiente no qual diferentes disciplinas de diversos cursos da UFPI fossem ofertadas, permitindo uma maior interação entre estudantes de vários cursos distintos.

3

O R.U. 4, locado ao lado do Setor de Esportes, foi proposto no intuito de oferecer um novo ambiente de alimentação no campus, dividindo melhor a demanda e otimizando o tempo gasto por estudantes e funcionários que dependem do sistema, uma vez que o mesmo se encontra saturado, resultando em grandes filas com tempos de espera que podem ultrapassar de 1 hora.

4

O Centro de Pesquisa Ambiental surge para sanar uma deficiência do campus no que diz respeito a locais voltados majoritariamente a atividades de pesquisa. O caráter ambiental do centro relaciona-se tanto à importância da área de pesquisa, quanto pela localização, visto que este está localizado ao lado Setor de Esporte, estando próximo a duas áreas de proteção ambiental, sendo elas a margem do rio Poty e o terreno onde se encontram as lagoas.

5

O grande deck circular na área das lagoas origina-se da proposta de garantir uma maior e melhor visibilidade das mesmas, que se encontram escondidas pela vegetação. Nesse sentido, o deck surge como um espaço tanto de lazer quanto de contemplação, servindo ainda como uma proteção adicional à área de proteção ambiental na qual se encontram as lagoas, uma vez que a presença da construção no local inibiria eventuais tentativas de ocupação.

6

Deck rio Poty.

Parques lineares.

ROTAS E VEGETAÇÃO



A rota de conexão se caracteriza pelo "infinity loop", sendo um grande caminho que circula pelo terreno da UFPI e liga os ambientes do campus, possuindo faixas exclusivas para ônibus, ciclovias, calçadas para pedestres e faixas, únicas ou duplas, para demais veículos, carros e motos.



A rota ambiental é uma rota exclusiva para pedestres e ciclistas, valorizando a conexão dos estudantes com o ambiente e a sua paisagem, sendo voltada para um caráter mais contemplativo da universidade.



A rota de interligação são os caminhos já percorridos pelos estudantes, porém que passam a receber uma infraestrutura, como calçamento, adição de bancos e postes de iluminação, bem como de um tratamento paisagístico focado na arborização dos percursos.



Mapa de Rotas e Vegetação



Angico Branco



Macaúba e Carnaúba



Ipê Amarelo



Ipê Branco



Ipê Rosa

A composição de vegetação do Parque Universitário Unità se deu a partir de um mix de inspirações na flora regional. O foco foram árvores de grande porte que pudessem proporcionar sombreamento e exuberância, bem como reestruturação de uma vegetação fragilizada, como a mata de cocais. Foram utilizadas em todo o território trabalhado árvores como Caneleiro e Angico Branco, assim como árvores frutíferas que foram representadas pelas Magueiras, Cajueiros e Siriguelas.

Ademais foi realizada setorização do campus em relação a vegetação onde houve a predominância do uso de Ipês e Flamboyants nas imediações dos centros ao leste do mapa, abrangendo por fim o CT – Centro de Tecnologia por suas cores e exuberâncias quando floridos e nos espaços destinados a preservação ambiental que compreendem lagoas e margem ribeirinha, foram adotadas estratégias de reintrodução de palmeiras presentes originalmente na região, como o Babaçu, Macaúba, Buriti e Carnaúba, graças a localização da capital piauiense em meio a mata dos cocais e particular presença de corpos d'água no campus.

PERSPECTIVAS E ZOOM



Perspectiva deck das lagoas



Perspectiva rota de conexão em frente ao Setor de Esportes





trabalho final de
graduação

PLANO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA DO CENTRO HISTÓRICO DE PEDRO II - PIAUÍ

Tiago Feitosa Marques

FICHA TÉCNICA

Projeto: Plano de Requalificação Urbana do Centro Histórico de Pedro II - Piauí

Orientador: Profº Dr. Roberto Alves de Lima Montenegro Filho

Tipologia: Intervenção/Projeto Urbano

Localização: Bairro Centro, Pedro Segundo, Piauí

Área do Projeto: 483.847m² aprox.

Instituição: UFPI



Perspectiva isométrica do cruzamento da Via Turística e do Circuito Cultural. Praça da Bonelle ao fundo.

APRESENTAÇÃO

O plano trata de um conjunto de ações coordenadas e instrumentadas em fases que, juntas, visam requalificar a área compreendendo ao bairro Centro do município de Pedro II (Piauí). A premissa da proposta busca propor melhorias na região central da cidade através de três principais frentes de trabalho: *desenvolvimento urbano e turístico - equidade de gênero - valorização e proteção patrimonial*. No bairro Centro está localizada a região histórica da cidade, com um acervo arquitetônico datado de meados do século XIX do período de fundação da cidade no ano de 1854.

A relevância desse acervo junto ao potencial turístico pouco explorado da cidade - com atrativos voltados para o ecoturismo, arqueologia, culinária, artesanato e arquitetura; os problemas de mobilidade que a região enfrenta, o negligenciamento desse patrimônio presente na região, a ocupação desordenada e a ausência de políticas inovadoras e que promovam o desenvolvimento sustentável da região são fatores que evidenciaram e justificaram a importância da proposta de elaboração do plano de requalificação urbana para a área compreendente.



Área de intervenção inicial, em colorido.
(Google Earth adaptado por Tiago Marques, 2020)



Área de intervenção final, em colorido.
(Google Earth adaptado por Tiago Marques, 2020)

A área de intervenção inicial possui cerca de 363 mil metros quadrados e compreende a todo o bairro Centro de Pedro II. Por se tratar de um projeto de intervenção urbanística, faz-se necessário realizar uma análise do bairro, como também os bairros do entorno imediato que geram influências diretas na área.

O bairro Centro é margeado por seis bairros, entre eles estão os bairros Campestre e Capelinha em sua porção inferior, os bairros Cruzeiro e Caixa d'água na porção Superior e os bairros Saborá e Cristo Rei em suas laterais. Durante a análise do entorno e das suas influências geradas no Centro, houve a necessidade de ampliar a área de intervenção no sentido do bairro Cristo Rei. Este aumento é justificado pela presença de uma área de preservação ambiental localizada no bairro e que gera influência direta não só no bairro Centro como também em todo o perímetro urbano de Pedro II.

Nesta área de preservação ambiental encontra-se o Parque Municipal do Pirapora, que abriga diversos olhos d'água e riachos que alimentam o rio Corrente e o açude Joana, responsáveis pelo abastecimento de água de 90% dos imóveis da cidade. O elevado estado de degradação da área que resultou no desmatamento da mata nativa, ocupação irregular e redução do fluxo de água que resultaram em frequentes problemas hídricos na cidade, foram determinantes para a ampliação da área de intervenção, buscando preservar e revitalizar a área de proteção. Em consequência, a área de intervenção sofreu um aumento de cerca de 120.000 metros quadrados, passando a ter cerca de 485.000 metros quadrados.

Inicialmente foi realizado um diagnóstico na área de intervenção e para uma melhor organização da implementação e instrumentação das propostas do plano, foram organizadas etapas de curto, médio e longo prazo para garantir uma melhor efetividade de implementação das propostas sugeridas pelo plano. As ações sugeridas nas etapas do plano ainda seguiram diretrizes norteadoras como o Manual de Sinalização Turística do IPHAN atualizado em 2017, a Cartilha de Categorização do Turismo criado pelo Ministério das Cidades, os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, o Plano Diretor Participativo de Pedro II e a Lei Brasileira de Inclusão.



Cartilha de Categorização do Turismo
(Imagem: Ministério do Turismo)



Variações de uso e aplicação do Manual de Sinalização Turística



Identificação da cidade seguindo o Emblema e o Manual de Sinalização Turística do IPHAN



Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável



Mapa de ações à Curto Prazo

- vazios urbanos | novos usos
- construções antigas | uso mantido
- construções antigas | novos usos
- construções recentes | novos usos
- bicicletário
- ecoponto



Mapa de ações à Médio Prazo

- hotelaria
- uso cultural - artesanato
- escola de design
- centro de produção/lojas de opala
- escritório técnico do IPHAN-PI
- uso cultural - culinária
- habitação social



Mapa de ações à Longo Prazo

- museus
- estacionamento público
- serviços de saúde
- serviços de educação
- centro cultural
- serviços comunitários

ETAPAS DE PROJETO

Etapa 01 - diagnóstico

Levantamento da área; análise de problemas, potencialidades, ameaças e atrativos; sobreposição dos mapas do levantamento; mapa conceitual norteando as propostas.

Etapa 02 - instrumentação do plano

Organização das ações do plano (curto, médio e longo prazo); elaboração de cronograma de implementação; levantar ações de implementação imediata; zoneamento de uso e ocupação do solo; reorganização do sistema viário do bairro priorizando pedestres e ciclistas; estação de tratamento de esgoto; proposta de parque urbano na área de preservação ambiental no bairro Cristo Rei; proposta de criação do Circuito Cultural interligando as três praças do bairro com serviços de cultura, artesanato e culinária; capacitação de grupos vulneráveis, como mulheres, artesãos e jovens; implementação de parcerias; infraestrutura turística dos mais variados segmentos (cultura, artesanato, culinária, hotelaria, centro de informações turísticas, transfer).

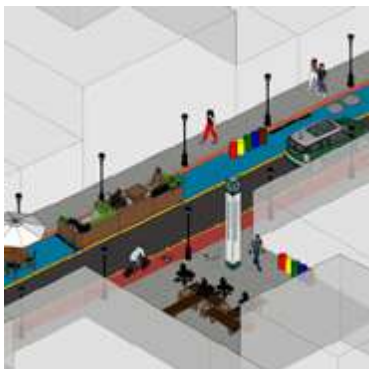
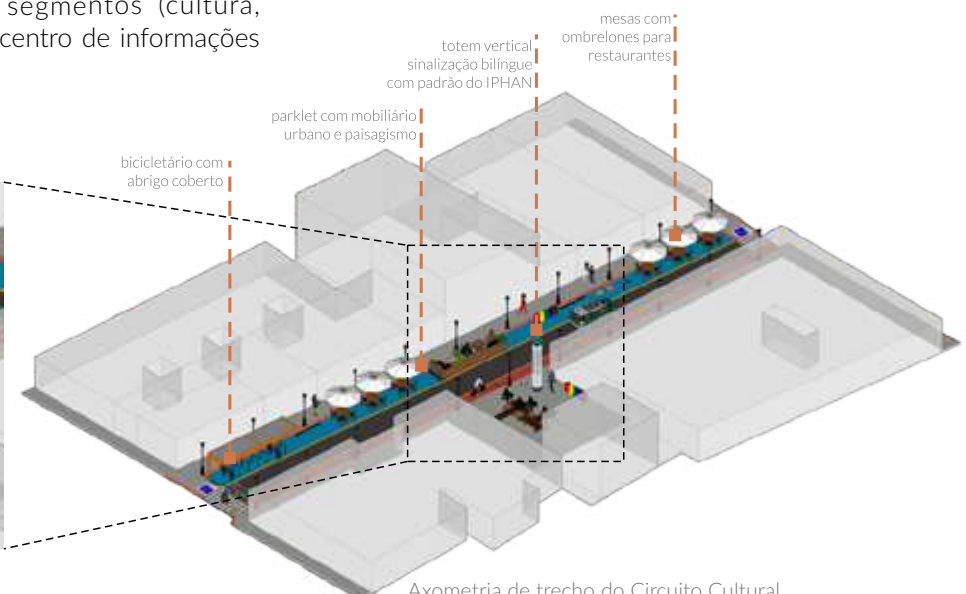


Imagem aproximada da área



Axometria de trecho do Circuito Cultural.

CIRCUITO CULTURAL

O circuito cultural é uma das propostas de alterações no sistema viário do bairro cujo objetivo principal é a criação de um eixo interligando as três principais praças do bairro Centro através de um grande circuito voltado para o turismo através de atividades como artesanato, cultura, lazer e culinária.

O circuito, que possui cerca de 820 metros de extensão e visa reduzir a circulação de veículos priorizando pedestres e ciclistas. Para isso foram reduzidos os leitos carroçáveis destinados ao tráfego de veículos para a implantação de mobiliário urbano voltada para o circuito como parklets, áreas de descanso, mesas com ombrelones para os restaurantes, abrigos para ciclistas, dando um atrativo turístico para o coração do Centro Histórico de Pedro II.

MASTERPLAN



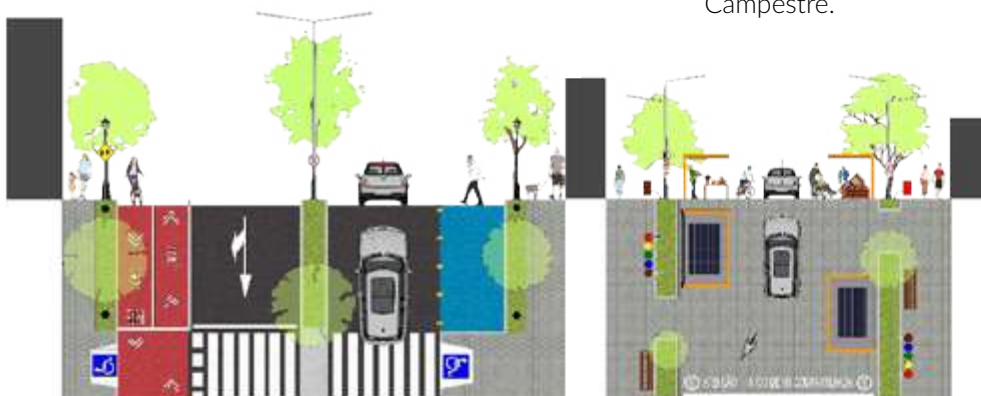
PROPOSTAS VIÁRIAS

No que diz respeito às propostas viárias, é possível notar no masterplan as vias aos quais passaram por tratamentos urbanísticos, a exemplo das vias turísticas, do corredor cultural e das principais vias que geram influência no bairro – a avenida Coronel Cordeiro e a rua Corinto Andrade. Vale ainda destacar a proposta de criação da via compartilhada, com nivelamento e pavimentação únicas na área próxima ao Mercado Municipal onde estão instalados camelôs e feirantes.

MASTERPLAN

O resultado da união das ações gerou o masterplan do projeto. Através desta visão geral é possível perceber quais edificações foram utilizadas no processo de uso e ocupação do solo, atingindo o objetivo principal que este trabalho visa realizar.

Através do masterplan é possível ainda perceber o resultado das ações propostas no entorno imediato que acabaram sendo inclusas na área de intervenção, como a criação do Parque Urbano do Pirapora no bairro Cristo Rei e a Estação de Tratamento de Esgoto no bairro Campestre.



Perfis viários da Avenida Coronel Cordeiro, à esquerda; e da Via Compartilhada, à direita

PARA MAIS DETALHES DO PROJETO escaneie este qr code





Perspectiva do conjunto

RE HABITAR

Edilson Melo

FICHA TÉCNICA

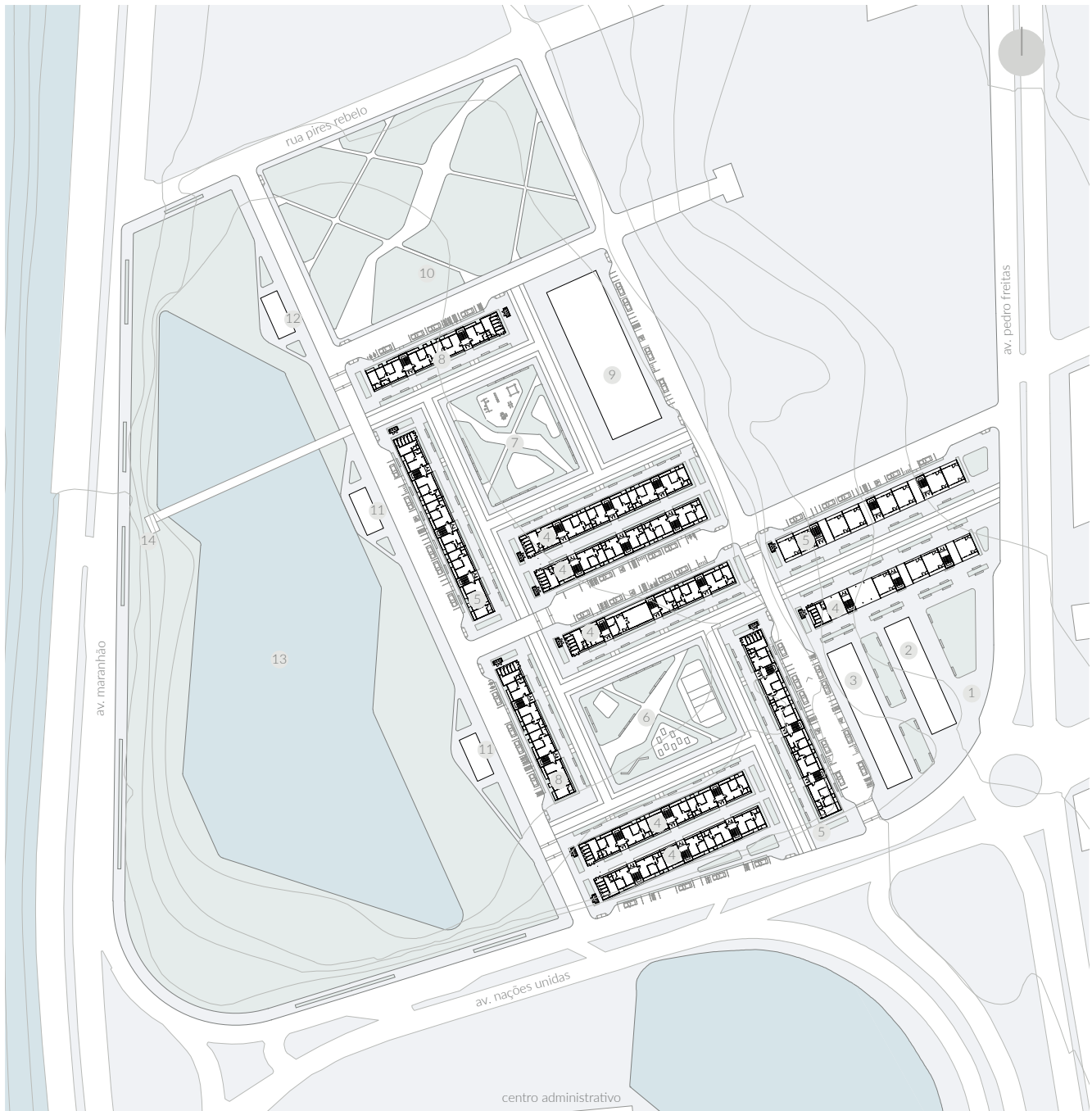
Título: Re Habitar: Conjunto habitacional de interesse social para Teresina-PI
Orientador: Roberto Montenegro
Tipologia: Habitação de Interesse Social
Localização: Bairro Vermelha, Teresina
Área: 22 112,58m²

A urgência das questões habitacionais, em vista da alta demanda por habitação é um dos focos norteadores deste trabalho. Há um número crescente de pessoas em situação de vulnerabilidade social, em razão da ausência completa de moradia, ocupação de áreas de risco, ou por viverem em construções desvaráveis que não atendem as necessidades básicas de seus moradores.

Em contrapartida, observa-se a manutenção de grandes extensões de terra em áreas centrais, à mercê da especulação imobiliária, enquanto programas habitacionais são instalados em áreas periféricas das cidades, distantes de toda a infraestrutura preexistente, dificultando não apenas a instalação destes serviços, mas aumentando o tempo de deslocamento, em vista do distanciamento dos pontos de trabalho.

Dessa forma, o trabalho em questão tem como objetivo o desenvolvimento de um conjunto habitacional de interesse social para a cidade de Teresina, tendo em vista a relevância da questão e a necessidade de se buscar soluções adequadas para enfrentar a problemática da habitação. Buscou-se investigar, através de um projeto, o enfrentamento de soluções específicas e universais, que se enquadrem ao contexto social e climático de Teresina; apoiando-se em conhecimentos da arquitetura regional, e critérios de sustentabilidade.

O terreno de implantação do projeto fica localizado no Bairro Vermelha, região central da cidade de Teresina, capital do Piauí. É uma área com extensão de 62 298,12m², que atualmente se encontra sem uso. Tendo em vista a dimensão do terreno, foi proposto uma divisão e parcelamento do solo, seguindo os aspectos definidos no Plano Diretor de Teresina, como a separação de áreas destinadas ao uso público, áreas para locação de equipamentos urbanos, áreas de uso institucional, definição das vias de circulação.



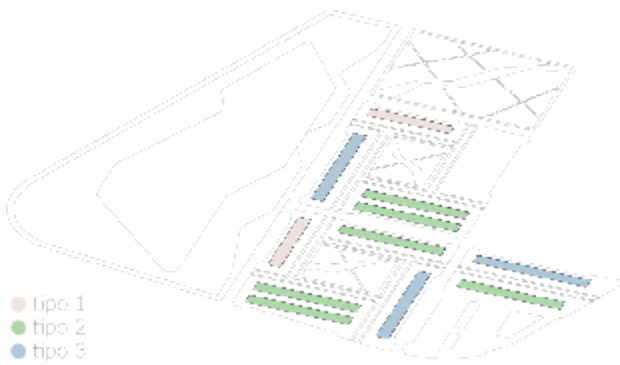
Implantação do conjunto

LEGENDA

1. Praça 1
2. Edifício Multifuncional
3. Restaurante
4. Bloco Tipo 2
5. Bloco Tipo 3
6. Praça 2
7. Praça 3
8. Bloco Tipo 1
9. Escola
10. Parque
11. Quiosque
12. Administração
13. Lago
14. Mirante

O projeto do conjunto habitacional foi inserido no contexto urbano da cidade, buscando fazer uso de áreas ociosas nas zonas centrais urbanizadas, com a inclusão de equipamentos urbanos que permitam uma variabilidade de usos, servindo aos moradores do novo conjunto, e a população que já habita o entorno.

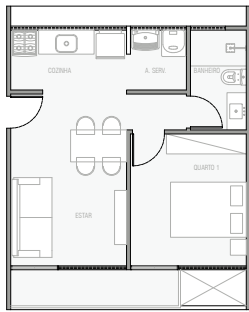
O terreno fica localizado no Bairro Vermelha, região central da cidade de Teresina. É uma área com extensão de 62 298,12m². Foi proposta uma divisão e parcelamento do solo, seguindo os aspectos definidos no Plano Diretor de Teresina (2019). As áreas destinadas ao uso público são em sua maioria áreas verdes, que ficam principalmente situadas na ZEUS, em forma de parque urbano totalizando 21 828,79m², enquanto as áreas verdes privadas, em que estão situadas as praças, ocupam área de 3 240m². As áreas edificáveis, que ocupam área em torno de 12 714,62m².



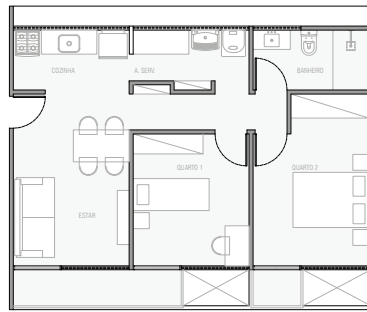
Distribuição dos edifícios no conjunto

O partido adotado no projeto partiu das preexistências do local, como sua geografia, eixos de circulação e forças locais – proximidade a pontos de referência importantes e avenidas de grande circulação –, e suas limitações. O traçado inicial do desenho começa a partir da extensão desses eixos de circulação da cidade para dentro da área do terreno e consequente divisão da área em quadras menores, a partir disso são definidos também os eixos de circulação internos do conjunto, destinados aos pedestres. Adota-se aqui uma proposta de variabilidade de usos, como forma a agregar valor ao projeto e ampliar as possibilidades de uso do terreno.

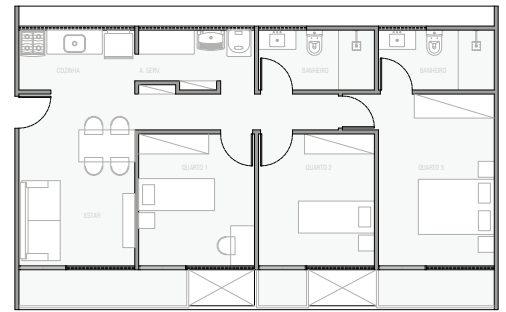
UNIDADES HABITACIONAIS



Unidade tipo 1



Unidade tipo 2



Unidade tipo 3

O conjunto é composto por 3 três tipos de blocos habitacionais. O bloco tipo 1 possui 4 pavimentos, com 4 unidades por pavimentos, sendo 16 unidades por bloco. O programa se divide em zeladoria, com vestiário, lixeiras individualizadas, central de medidores, localizados no pavimento térreo, além de 4 unidades habitacionais, enquanto no pavimento tipo ficam apenas as unidades habitacionais.

O bloco tipo 2 possui 4 pavimentos, com 6 unidades por pavimento, totalizando 24 unidades por bloco. O bloco tipo 3, é o de maior dimensão, com 22 módulos de 6x3, são 6 unidades por pavimento, 24 no total.

As unidades individuais variam em 3 tipos, com um quarto, dois e três quartos, com áreas de 34, 52, 70m² respectivamente. Foram projetadas de acordo com o módulo estrutural proposto, como forma de permitir a variabilidade na disposição das plantas nos pavimentos, de forma a não interferir na distribuição de vigas e pilares.

As unidades térreas são adaptadas para pessoas com deficiência, e possuem vãos de circulação maiores e adequação de layout. Aqui se optou por manter a dimensão dos cômodos iguais, prevendo futuras necessidades de adaptação das plantas não adaptadas.



Corte do conjunto

ESTRATÉGIAS DE PROJETO

Foi adotado no projeto o uso de estrutura metálica, aliada ao uso de material pré-moldado em concreto. A intenção é reduzir o custo e o tempo de execução da obra, e garantir uma obra mais limpa e eficiente do ponto de vista da sustentabilidade. O emprego da estrutura metálica, faz-se necessária também com o objetivo de reduzir o peso nas fundações, dadas as condições do terreno, que se localiza em uma área de possíveis alagamentos.

Entre as estratégias adotadas estão o uso de janelas altas nas duas fachadas, protegidas da insolação direta com marquises em concreto, que permitem a abertura sem a entrada direta de radiação em boa parte do dia. As fachadas são ainda protegidas com elementos em madeira, dispostos em forma de portas camarão, presas a estruturas de apoio dos pisos e lajes de concreto. As portas são corrediças e podem ser acionadas de acordo com a necessidade, seja para abrir ou fechar. As paredes utilizadas possuem lâ de rocha em seu interior, como forma de diminuir o impacto da radiação térmica no interior das unidades.

A implantação buscou priorizar as orientações norte e sul para locação dos edifícios, como forma também de contornar a forte incidência solar da indicação oeste. O conjunto, entre outros aspectos, busca atender diversos pontos defendidos pela Norma de Desempenho (NBR 15575), como conforto térmico e acústico, níveis adequados de iluminação, layout, uso racional da estrutura e aspectos voltados a funcionalidade dos ambientes e acessibilidade.



Vista | Via interna para pedestres



Vista | Bloco tipo 3



Vista | Bloco tipo 1



Perspectiva geral do conjunto



resumos publicações
científicas



A DESCARACTERIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE TERESINA-PI PARA A IMPLANTAÇÃO DE ESTACIONAMENTOS

Autores: Larissa Mesquita; Lucas Campos; Sílvia Lima.

Local de publicação: 6º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação, Belo Horizonte
Mês/ano: 01/2020

Disponível em: even3.com.br/anais/seminarioarqedoc2019

Centros históricos fazem parte da área mais antiga de uma cidade, coincidindo com o núcleo urbano de sua origem, de características próprias sedimentadas pelo tempo. Nesses sítios são encontrados os aspectos mais significativos de uma sociedade, devido sua localização marcante, grande fluxo econômico, administrativo e cultural. Em 1852, Teresina foi criada para ser capital do Piauí, tendo seu traçado urbano desenvolvido num plano rígido em xadrez. Com aspectos de cidade colonial, a maior parte da população ocupava construções simples e rústicas, e as residências nobres e os prédios oficiais localizavam-se, principalmente, no eixo central da cidade. Nas últimas décadas, áreas centrais de grandes cidades, incluindo Teresina, vêm se transformando em espaços descaracterizados e abandonados, dedicando-se quase exclusivamente às atividades de comércio. Essa evasão está relacionada com a especulação imobiliária, expansão urbana e o surgimento de subcentros. Contudo, essas áreas ainda são significativas, pois nelas estão inseridas as primeiras manifestações cívicas e sociais, representadas pelo patrimônio arquitetônico. Todavia, aspectos de mobilidade inerentes à modernidade e às novas tecnologias privilegiaram o automóvel, priorizando o transporte individual em detrimento do transporte público. As transformações econômicas promoveram alterações nas funções e usos do centro histórico de Teresina e nas edificações do seu conjunto urbano, já que os processos sociais redefinem suas necessidades ao longo do tempo. Construções históricas estão abandonadas e descaracterizadas, perdendo o uso original ganhando novas funções; algumas inclusive sendo demolidas para darem espaço a estacionamentos. Portanto, o objetivo dessa pesquisa consiste em apontar o atual processo de descaracterização do centro histórico de Teresina, representado pela substituição de sua malha edificada histórica por estacionamentos que ge-

ram vazios urbanos e modificam a memória da cidade, além de alterar a percepção da população acerca dos valores desse patrimônio edificado, causando impacto na morfologia urbana e no perfil edificado e seu entorno. A área analisada para ilustrar esse fenômeno consiste na Rua Senador Teodoro Pacheco, localizada no núcleo original do centro de Teresina, próxima da Praça Rio Branco e a Praça Mal. Deodoro da Fonseca. A via foi escolhida devido à grande presença de estacionamentos e edificações do estilo eclético, datadas do início do século XX.

Com a implantação das rodovias federais e consolidação do transporte terrestre, houve a diminuição do fluxo em transportes fluviais em nível significativo, além da expansão territorial cidade. Esses fatores provocaram o esvaziamento da área central da cidade e conseqüentemente a degradação de sua arquitetura e região urbana. Ao longo do tempo, os prédios históricos presentes na rua Sen. Teodoro Pacheco sofreram acelerado processo de desgaste e demolição, culminando na posterior implantação de estacionamentos onde antes esses edifícios estavam localizados.

Ao longo desse estudo, observamos o processo de descaracterização do centro de Teresina, onde estacionamentos passaram a ocupar áreas onde anteriormente haviam edifícios históricos, resultando num quadro preocupante, motivado por interesses econômicos individuais, que representam ameaça as unidades restantes. Ademais, dos poucos prédios do Centro de Teresina que são tombados, muitos não tem os resultados esperados e o que encontramos são prédios abandonados em estado de deterioração. Assim, podemos concluir que a certificação de um edifício como patrimônio não garante seu reconhecimento ou sua conservação.



01. Vistas da rua Sen. Teodoro Pacheco no início do séc. XX e no ano de 2019

PLANEJAMENTO E ORDENAMENTO TERRITORIAL URBANO NO CENÁRIO PÓS PANDEMIA DA COVID 19. PREVISÕES E CONSIDERAÇÕES

Autores: Larissa de Fátima Ribeiro Mesquita, José Mário Pacheco Júnior, Pedro Marcelo de Sousa Ferreira, João Pedro de Sousa Melo, Vitória Naelle Sousa Galvão, Antônio Rubens Fernandes Chaves

Local de publicação: 7º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável - PLURIS 2016 pequenas cidades, grandes desafios, múltiplas oportunidades. Bauru, São Paulo

Mês/ano: Abril/2021

Disponível em: <https://pluris2020.faac.unesp.br/Paper1370.pdf>

Este trabalho discute possíveis efeitos da Covid-19 para o planejamento e projeto urbano pós-pandemia. Foram elencados princípios de ordenamento urbano futuro e discutidas as suas consequências à dinâmica urbana, contrapondo aspectos positivos e negativos e considerando visões a curto, médio e longo prazo. São esses princípios: compactação e dispersão urbana, alta e baixa densidade e ocupação do solo, uso dos espaços públicos, acesso a áreas verdes e modos de transporte urbano.

Constatou-se que determinados princípios correntemente podem desconsiderar a dinâmica urbana a médio e principalmente longo prazo, enquanto outros se mostram mais adequados ao ordenamento urbano futuro, devendo haver, entretanto, adaptações à implementação. Os efeitos da Covid-19 são potencializados, mais que pelas características da estrutura urbana, pelas consequências das desigualdades socioeconômicas vigentes. A estrutura urbana, entretanto, atenua os efeitos provocados pelo contexto social vigente, cabendo ser revisada. A expansão urbana dispersa teve como consequência a redução do hábito de caminhar, o aumento do uso do transporte individual e a ineficiência do transporte coletivo e da distribuição de serviços urbanos, especialmente os de saneamento. Áreas urbanas periféricas são especialmente fragilizadas por políticas urbanas que reforçam desigualdades e injustiças ambientais. Ao discutir condicionantes e efeitos da Covid-19 é necessário que se leve em conta, além da densidade, aspectos socioeconômicos e urbanos como infraestrutura urbana ausente ou ineficiente, precariedade econômica e de moradia e a própria negação do

direito à cidade aos cidadãos.

Quanto à prevenção e controle do contágio da Covid-19, a tomada de medidas preventivas é crucial para o controle da contaminação. A porção da população que vive em situação de vulnerabilidade social, por motivo de informalidade no trabalho ou condições de moradia, em geral não consegue adequar-se a todas as estratégias de controle e prevenção, muitas vezes pela ineficiência da infraestrutura urbana necessária e, ou pelas condições de precariedade de moradia. Isto confirma que existem aspectos, urbanísticos e socioeconômicos, mais determinantes para a exposição e consequente contágio de certas porções da população do que a densidade em si, como o trabalho informal que força o trabalhador a manter a rotina, ou a ausência de saneamento básico, impedindo a prática da higiene básica. A densidade não se estabelece prioritariamente determinante para a proliferação dos casos, mas sim o contexto social, econômico e urbano dos cidadãos.

Princípios correntemente criticados e desestimulados para o cenário pós-pandemia se mostram mais adequados ao ordenamento urbano futuro, mais vantajosos à dinâmica urbana a médio e principalmente longo prazo. São exemplos a estruturação compacta das cidades, a mistura de usos urbanos e a provisão, qualificação e uso de espaços livres públicos e áreas verdes urbanas. Em relação a outros princípios, deve haver adaptações nas escalas edilícia e urbana, como é o caso dos sistemas de transporte, fomentando a micromobilidade e a organização dos usos do solo de modo a estimular a mobilidade ativa.

Esses princípios mais vantajosos se pautam no paradigma da sustentabilidade, pregado já desde o final do século XX, vindo a pandemia apenas validar que a sua implementação não se deu por completo. As estratégias a serem tomadas de agora em diante no planejamento e projeto urbano devem idealmente buscar, além de uma melhor organização das cidades e, enfim, a sustentabilidade urbana, também uma redução das desigualdades sociais, geração de empregos e o direito à cidade. Essa “melhor organização da cidade” demandará esforço da gestão pública proporcional aos efeitos da pandemia: de grandes dimensão e impacto.

A pandemia já vem anunciando pautas prioritárias e oportunidades de atuação que possibilitarão ao planejamento e projeto urbano a implementação desses esforços, como por exemplo, o senso de urgência das questões urbanas e ambientais, e mudanças na ocupação de áreas centrais, populacional e por atividades, desdobramentos com impactos diretos no mercado imobiliário, na configuração e na dinâmica urbana. Deve-se prever a multidisciplinaridade das ações de planejamento urbano e os impactos de ações propostas, nas escalas edilícia e urbana, às dinâmicas do funcionamento das cidades.

TERRITÓRIOS NEGROS BRASILEIROS: O URBANISMO DE MATRIZ AFRICANA EM CODÓ (MA)

Autores: José Mário Pacheco Júnior, Valério Augusto Soares de Medeiros
Local de publicação: 8ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana - PNUM 2019
Forma Urbana e Natureza. Maringá, Paraná
Mês/ano: Agosto/2019
Disponível em: <http://https://pnum2019.wixsite.com/maringa>

Os povos africanos trouxeram consigo influências refletidas no Brasil de diferentes maneiras ao longo dos séculos de escravidão. Este artigo parte desta premissa e explora o quadro da organização espacial territorial buscando influências da matriz africana em suas variações. A partir da leitura de padrões morfológicos, são analisadas as características espaciais das comunidades da África Central Ocidental datadas dos séculos XVII e XVIII, especialmente as produzidas pelos povos de origem bantu, e desenvolvido um paralelo com as organizações territoriais brasileiras coloniais e contemporâneas. São tratadas as primeiras comunidades de matriz africana no país – os quilombos – avançando para alguns dos espaços mais emblemáticos que posteriormente surgiram à imagem do negro – os terreiros de umbanda e as favelas.

A pluralidade de culturas dos povos bantu resultou numa pluralidade de organizações espaciais. A mais disseminada no Brasil foi o quilombo, que surgiu como uma solução de resistência ao sistema escravista, com uma matriz urbanística distinta da europeia. À frente na história, muitos dos grandes centros urbanos brasileiros sofreram forte processo de redesenho. Este contexto causou o quase que desaparecimento dos vestígios da matriz africana nas malhas urbanas. O traçado urbano e moradias da população de baixa renda foram removidos e a instalação de novas moradias por estas, proibida. As favelas surgiram quando essa população passou a se instalar nas áreas menos desejadas, de urbanização deficiente e, ou mais distantes do centro urbano, com edificações geravam um grande contraste arquitetônico

entre esses novos assentamentos e a cidade preexistente.

Alguns quilombos construídos próximos de áreas urbanas foram englobados pelas cidades, implicando porções urbanas de arranjo próprio e contrastantes ao entorno, também conformando favelas, de população majoritariamente negra, qualidade urbana interpretada deficiente – contraste social, e agora urbano, advindo do período colonial. Como resposta a um contexto social, enquanto o quilombo respondia a uma fuga do sistema escravista, a favela representava a fuga da urbanização excludente. Tem-se a espacialização da exclusão social trazida pelo modelo de urbanização que forçava a segregação do espaço de moradia negra.

Já os terreiros de umbanda (ou candomblé) representaram uma assimilação da população negra com o território brasileiro. Adiante, passaram a surgir terreiros além dos limites da cidade, quase sempre em mata fechada, tanto em função da simbologia e influência da vegetação e dos rios para a realização dos cultos, como em função de eventuais perseguições por parte de autoridades e da igreja católica, além do encarcimento dos terrenos em áreas centrais. Essa evolução foi importante para que os terreiros assumissem uma estrutura semelhante à das comunidades africanas.

Como estudo de caso do trabalho, é abordado o caso de Codó, cidade maranhense remanescente de quilombos que apresenta vestígios da matriz africana em sua malha urbana. Os terreiros de umbanda são exemplos muito presentes em Codó, e no país. Espaços que promovem a manutenção da cultura negra, no modelo de organização espacial, na religião e no modo de vida, ainda que ressaltadas as transformações e sincretismos ocorridos.

É necessário evitar o tratamento da matriz africana como homogênea. A heterogeneidade de estruturas espaciais de matriz africana expressa a pluralidade e riqueza da cultura, refletidas nos seus espaços urbanos, e podem também ser identificadas nos exemplares brasileiros. O trabalho não pretende discutir todas as contribuições da matriz africana à forma urbana brasileira, mas as mais recorrentes soluções a ela associada, objetivando, a partir de uma perspectiva morfológica, identificar características dos espaços de matriz africana encontrados no Brasil. São perceptíveis as relações entre a estrutura social das comunidades negras e seus modelos de organização espacial, e como estes se vinculam ao status de segregação socioespacial do negro no Brasil, desde o período colonial até a atualidade.

As correspondências entre os modelos de organização espacial africanos e brasileiros torna válido o estudo deste tema. O conteúdo africano ainda se encontra aquém do conhecimento necessário, com baixa quantidade de informações disponíveis, incabível frente à dimensão da participação africana no povoamento do território brasileiro.

ASSENTAMENTOS INFORMAIS EM ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE EM TERESINA (PI): DISCUSSÕES SOB A ÓTICA DAS NORMATIVAS AMBIENTAIS E DA LEI N° 13.465/2017

Autores: Vitória Naelle Sousa Galvão, José Mário Pacheco Júnior, Pedro Marcelo de Sousa Ferreira, João Pedro de Sousa Melo
Local de publicação: XXIII Congresso ARQUISUR - A Produção da Cidade Contemporânea no Cone Sul. Campinas, Brasil
Mês/ano: Outubro/2019
Disponível em:<https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/assentamentos-informais-em-areas-de-preservacao-permanente-em-teresina--p-i---discussoes-sob-a-otica-das-normativas-ambie?lang=e>

Teresina, capital do Piauí, apresentou extenso crescimento territorial e demográfico a partir da segunda metade do século XX. A população migrou para a cidade em busca das amenidades da urbanização, como oportunidades de emprego e melhores educação e saúde. A capital teve seu núcleo urbano implantado à beira do rio Parnaíba crescendo em direção a outro rio local, o Poti, rios configurados eixos do desenvolvimento urbano, levando à formação de diversos assentamentos ribeirinhos. As margens de rios ocupadas se caracterizam Áreas de Preservação Permanente de acordo com o Código Florestal e no zoneamento urbano, destacados os propósitos de preservação dos recursos hídricos, da paisagem e do bem-estar das populações humanas. Os assentamentos informais constituíram uma urbanização precária, com soluções construtivas e materiais inadequados à construção civil, e no caso do rio Poti, sobre fisiografia de alta vulnerabilidade, devido ao solo argiloso e propenso a erosão, dentre outros aspectos ambientais, e localizados em áreas legalmente protegidas e impróprias ao parcelamento para fins de habitação.

O presente trabalho identifica os assentamentos informais em Área de Preservação Permanente do rio Poti e, frente a legislação ambiental relativa e à Lei Federal de Regularização Fundiária nº 13.465/2017, analisa um exemplar localizado no bairro Mocambinho, zona Norte de Teresina. Como método, é feita uma leitura da consolidação do assentamento analisando correspondências aos condicionantes urbanísticos associados à cidade formal. Essa leitura é contraposta às disposições apresentadas nas normas levantadas, elencando conflitos e concordâncias entre contextos real e legal

e os direcionamentos das leis o que, por fim, orienta a apresentação de intervenções possíveis ao assentamento analisado.

Buscou-se apresentar uma ferramenta de auxílio à gestão municipal que, sob ótica normativa, discuta possibilidades de adequado tratamento a assentamentos urbanos informais constituídos em áreas de preservação. Entende-se que a leitura da morfologia de assentamentos urbanos informais constituídos em APP, assim como para outras unidades ambientais, quando consideradas as normativas relacionadas, permite uma análise que auxilia a gestão pública a discutir possibilidades de adequado tratamento destas situações.

No objeto de estudo utilizado, sua localização em Área de Preservação Permanente determina classificá-lo como informal, frente às disposições do Código Florestal Brasileiro e da Lei nº 6.766/1979. Ocorrem na estrutura urbana local aspectos de natureza estética do arranjo urbano produzido que, apesar de insuficientes à tomada de decisão quando avaliados isoladamente, corroboram à atribuição do caráter de informalidade. Entendeu-se, frente ao conjunto de aspectos analisados e nos termos da Lei nº 13.465/2017, que o assentamento se caracteriza um núcleo urbano informal consolidado, pois apresenta internamente um conjunto de características da estrutura urbana formal, estas citadas pela normativa de 2017 e pela Lei nº 6.766/1979 como mínimos para adequação do solo ao parcelamento para fins urbanos.

No entanto, a partir do objeto de estudo analisado, a discussão final se dá na crítica à possibilidade de regularização fundiária de um assentamento informal numa APP urbana. Devido os projetos de Reurb incluírem ações de melhoramento social, urbanístico e ambiental, vê-se que a lei de 2017 demanda ações de intervenção urbana em áreas ambientalmente protegidas por outras legislações. É intenção da Reurb, do ponto de vista social, especialmente a Reurb-S, colaborar à elevação da qualidade de vida da população local. No entanto, as disposições e permissões da Lei nº 13.465/2017 representam, concomitantemente, relevante prejuízo aos esforços de proteção e preservação do meio ambiente localizado em meio urbano, pois apresenta disposições de caráter puramente antropocêntrico, ao colocar o melhoramento do assentamento acima das intenções de conservação do patrimônio ambiental.

Margens ribeirinhas são recorrentemente vistas pela população como estoque de terra para urbanização ou local para atividades comerciais. Observa-se a urgente demanda de conscientização da população quanto ao benefício ecológico das APP urbanas, contribuindo à apropriação desses espaços e à eficácia dos mecanismos de proteção, e elaboração de mecanismos outros de planejamento urbano que equilibrem os valores envolvidos na gestão do espaço urbano.

APLICAÇÃO DA INFRAESTRUTURA VERDE NO TRATAMENTO DA INTERFACE URBANO-AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO NAS CIDADES DE TERESINA (PI) E TIMON (MA)

Autores: Antônio Rubens Fernandes Chaves, José Mário Pacheco Júnior, Pedro Marcelo de Sousa Ferreira, Dennys Esrom Nery Cavalcante Uchôa

Local de publicação: 8ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana - PNUM 2019 Forma Urbana e Natureza. Maringá, Paraná

Mês/ano: Agosto/2019

Disponível em: <http://https://pnum2019.wixsite.com/maringa>

Os modelos de expansão urbana dos sécs. XIX e XX têm acarretado sérios problemas às cidades contemporâneas. Dentre eles, a supressão de áreas de relevante interesse ambiental nos centros urbanos implicam diretamente a carência de serviços ecossistêmicos e infraestruturas urbanas de prestação ecológica. Assim, vê-se a necessidade de recuperar áreas de baixa qualidade ambiental em meio urbano, de modo a resgatar as funções preexistentes, o potencial ecológico e promover um desenvolvimento urbano sustentável.

A adoção de ferramentas de infraestrutura verde surge como uma solução de baixo impacto a paisagem, associável ao tradicional modelo de infraestruturas cinzas e com altos ganhos ambientais ao contexto urbano. Caracterizada por um conjunto de elementos vegetados permeáveis que, interconectados, reconstituem a paisagem, o modelo de infraestrutura verde se pauta na provisão de serviços ecossistêmicos por meio de infraestruturas urbanas baseadas em aspectos ecológicos, caracterizando sua multifuncionalidade, e tendo como benefícios: aumento da permeabilidade do solo, redução do escoamento superficial, recarga de aquíferos, melhorias no saneamento urbano, dentre outros.

Nesse sentido, o trabalho trata como áreas de estudo um conjunto de áreas de servidão de linhas de transmissão de energia elétrica de alta tensão, que atravessa as cidades de Teresina (PI) e Timon (MA), vizinhas. Ambas as cidades são integrantes da RIDE Grande Teresina, apresentaram um crescimento demográfico vertiginoso nos últimos 30 anos e promoveram a

ocupação de áreas de relevante interesse ambiental em descompasso com a implementação de infraestruturas urbanas adequadamente. Assim, o cenário em Teresina e Timon reflete o modelo de expansão de cidades brasileiras inicialmente descrito, com a ocupação de áreas inadequadas à urbanização e supressão de áreas de relevante interesse ambiental.

Por princípio, o projeto urbano precisa estar pautado na cultura e no contexto local, a concepção das diretrizes de projeto deve responder a uma leitura macro, que permita conjugar estratégias que integrem o território e possibilitem uma homogeneização de parâmetros e princípios, o que irá proporcionar uma unidade territorial. Contudo, a implementação de tais parâmetros e princípios guiados pela infraestrutura verde deve buscar soluções que visem o contexto local, representando e respondendo às necessidades da comunidade, seus anseios estéticos e socioeconômicos, de modo a permitir uma sustentabilidade social e a adaptação da população ao território.

Defende-se a infraestrutura verde como ferramenta de projeto para solucionar as problemáticas urbanas com atenção às dimensões social, econômica e ambiental. Logo, partindo de uma leitura da macroescala urbana, pode-se implementar soluções na microescala, estas com características multifuncionais que respondam às deficiências locais e configurem uma rede de espaços interconectados, de múltiplas escalas e funções.

Assim, a implementação das ferramentas de infraestrutura verde na área de estudo se baseia na criação de 5 diferentes soluções que conjugaram as 7 ferramentas de projeto escolhidas: parque urbano linear, biovaleta, pavimentação porosa, interseção viária, rua verde, agricultura urbana e jardins de chuva. Cada uma é criada analisando o eixo da área de servidão de linhas de transmissão, observando topografia, áreas suscetíveis a alagamento, demanda de espaços de lazer para a população, necessidade de infraestrutura, fluxo de pessoas, presença de vias consolidadas ou não, tráfego viário e afins. As propostas buscam ao máximo aproveitar a vegetação nativa existente, a infraestrutura já instalada, a preservação das áreas permeáveis e os elementos preexistentes que a população já tem apropriado.

O atendimento simultâneo aos princípios da ferramenta e sua implementação em escala urbana, entretanto, respondendo às especificidades dos contextos setoriais, deve conceber conexões entre as partes da cidade, entendendo esta como um grande organismo no qual a infraestrutura verde se estabelece como um tecido, importante à ocorrência de atividades básicas de vivência. As soluções propostas devem, partindo de técnicas convencionais ou não, buscar novas possibilidades e interpretações do espaço urbano, estabelecer novas relações entre comunidade e ambiente natural e construído, possibilitar a solução de problemáticas locais e conjugar, de modo equilibrado, as dimensões urbana e ambiental.

ASPECTOS QUALITATIVOS DA FORMA URBANA E USO DO ESPAÇO PÚBLICO. ANÁLISE DE PRAÇAS DO BAIRRO CENTRO DE TERESINA (PI)

Autores: José Mário Pacheco Júnior, Pedro Marcelo de Sousa Ferreira, Antônio Rubens Fernandes Chaves

Local de publicação: Reviste de el Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo (SIU) de la Universidad Politécnica de Cataluña. Barcelona, Espanha

Mês/ano: Fevereiro/2021

Disponível em: <https://revistes.upc.edu/index.php/SIU/article/view/9842>

Grande parte das cidades sofre com problemas oriundos do planejamento urbano inadequado, afetando, entre outros aspectos, os espaços livres de convivência. Estes são essenciais ao alcance da sustentabilidade urbana pois, quando bem planejados, qualificam a paisagem, colaboraram para a manutenção dos serviços ecossistêmicos em meio urbano, agregam qualidade ambiental urbana, qualidade de vida e contribuem para a apropriação pela população. Essas questões estão relacionadas a aspectos que podem ser avaliados a partir de indicadores. Esses indicadores são importantes por contribuírem para a análise das implicações dos aspectos físico-ambientais da forma urbana, além de possibilitarem a compreensão de particularidades dos contextos analisados.

Este trabalho analisa duas praças do Centro da cidade de Teresina (PI): Praça João Luís Ferreira e Praça Da Costa e Silva. São observados aspectos físico-ambientais que possibilitam inferir a qualidade ambiental urbana destes espaços e as suas implicações para o uso pela população, entendidos indicadores de qualidade ambiental urbana. A fundamentação teórica da pesquisa apresenta os conceitos de sustentabilidade e qualidade ambiental urbana, espaços livres, áreas verdes urbanas e apropriação do espaço. Foram selecionados para o estudo os indicadores: arborização, sombreamento, gabaritos, dimensões do espaço, mobiliário urbano, uso do solo, acessos e fechamentos. Objetivou-se compreender em que medida os aspectos observados interferem na qualidade e na apropriação dos espaços.

A análise demonstra que a apropriação possui maior relação com aspectos de uso do solo em detrimento aos de conforto ambiental. Ao discutir relações entre os aspectos físico-ambientais das praças que contribuem à apropriação, concluiu-se que aspectos relativos ao espaço e ao seu entorno que atraem usuários possuem maior contribuição à apropriação espacial que aspectos comumente tidos como propiciadores de conforto ambiental. Por exemplo, um entorno com atividades comerciais e de serviços, ou a existência de um terminal de passageiros são potenciais indutores de fluxos e de uso do espaço, e contribuem para a apropriação do espaço em maior grau que aspectos como vasta arborização, atrativos paisagísticos e mobiliário urbano conservado, como observado nas praças analisadas.

As análises mostram que as características do desenho do espaço público são importantes para o uso do espaço, mas que tão importante quanto, ou mais, é o planejamento do uso do solo no entorno, o qual tem larga influência na apropriação. Como evidenciado, a Praça Da Costa e Silva denota um conjunto mais favorável de indicadores de conforto, em relação à Praça João Luís Ferreira; porém, a falta de variedade de usos do solo que atraem fluxo de pessoas implica a menor apropriação deste espaço que o da Praça João Luís Ferreira.

No âmbito do projeto e do planejamento de espaços públicos urbanos, a discussão apresentada destaca a importância do pensamento conjunto entre o desenho e o uso do solo, do espaço e do entorno, uma vez que o programa de necessidades do desenho do espaço, por si só, pode não vir a ser suficiente à apropriação deste espaço pelos possíveis usuários, não havendo o alcance de todo o potencial de qualidade ambiental urbana naquele espaço. O trabalho contribui à discussão de como aspectos físico-ambientais interferem na qualidade de espaços públicos e a sua resultante à vitalidade das cidades.

galeria
artística





VISS

Victor Israel Silva

Meu processo criativo sempre foi puro reflexo do que sou, do que fui e do que nunca deixei de ser.

Considerando todos os meus progressos pessoais, sempre estive/estou em constante devir, com intervalos mais ou menos demorados, porém sempre genuínos e abrangentes. E nessa vida nunca me considerei bom com palavras faladas, então essa é minha linguagem.

Por constituir algo tão pessoal, produzo considerando e tirando inspiração dos meus principais elos de sustentação: a natureza, o afeto, corpos femininos e tudo aquilo que os olhos não necessariamente veem, mas que a gente sente.



01



02



03

01
Amparo
3080X3600 px, 2020
ilustração digital

02
Erê
3080X3600 px, 2020
ilustração digital

03
Logunedé
3080X3600 px, 2020
ilustração digital



04



05



06

04
Rise in love
5060X7153 px, 2020
ilustração digital

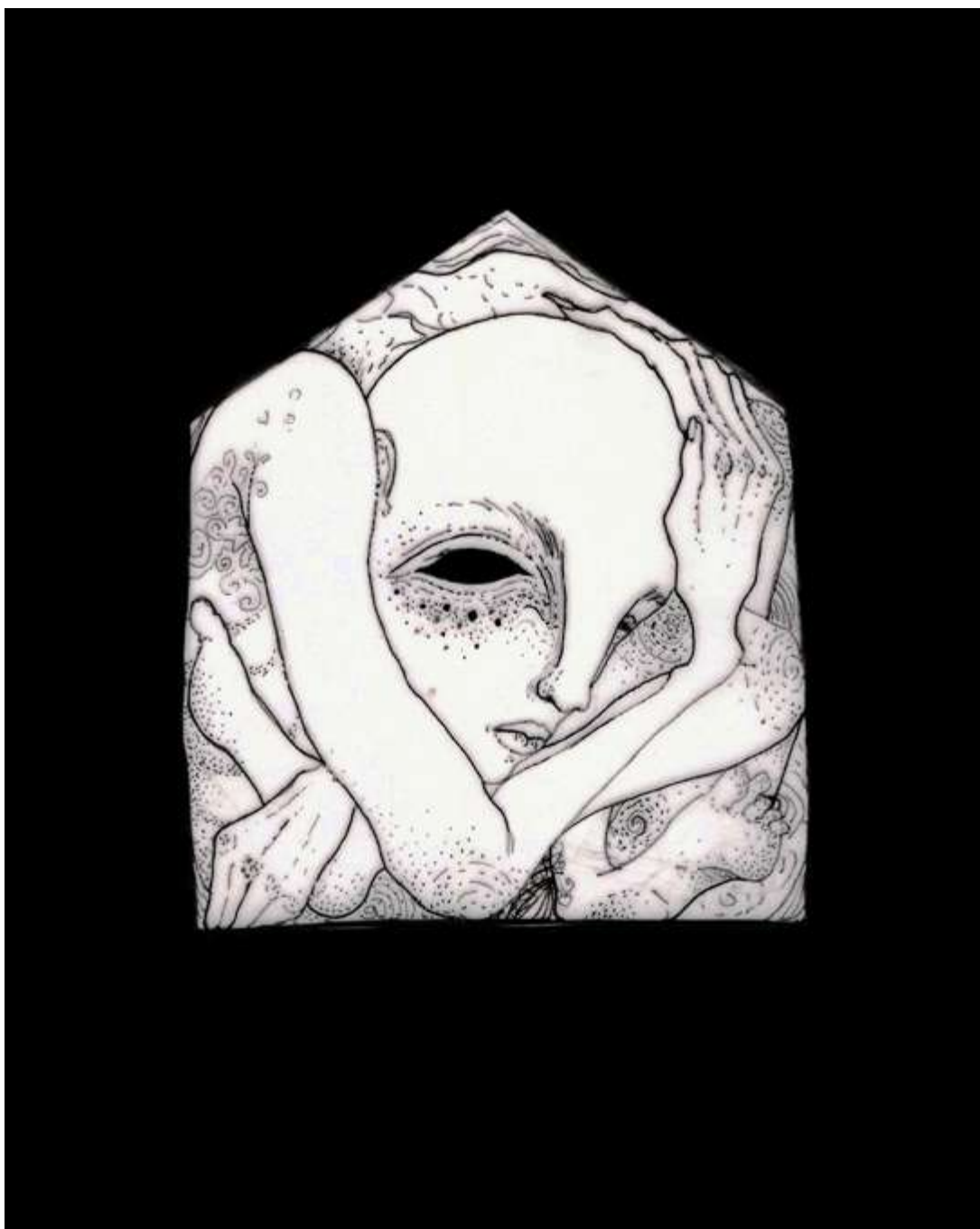
05
Caçador
3080X3600 px, 2020
ilustração digital

06
Amar água
3080X3600 px, 2020
ilustração digital

ARRUASSA

Emmanuelle de Alencar Araripe

Esta é uma seleção de trabalhos e rascunhos, realizados com diferentes técnicas e superfícies, que possuem uma temática em comum, a vida urbana e suas complexidades. A maior parte das obras partiram de momentos de angústia e inspiração, nos quais o curso de Arquitetura e Urbanismo teve grande influência, desde as rotinas intensas e desgastantes, até o aprendizado de diversos assuntos que me impactaram, me mudaram e foram materializados.





VOCE QUER?

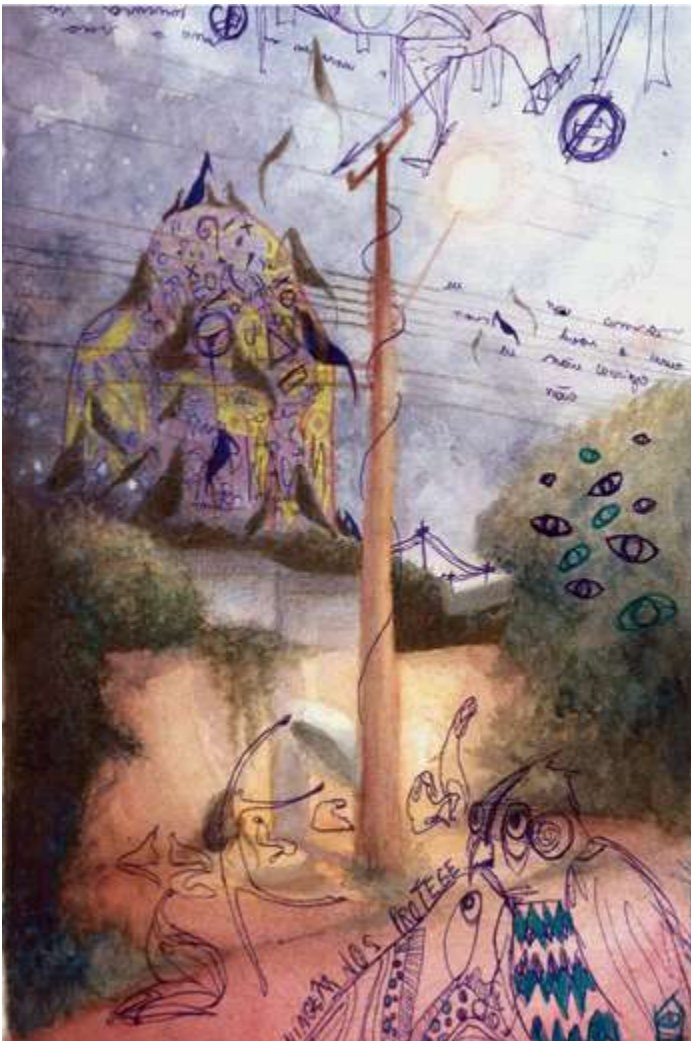
02



03

- 01
Manuário
12x15 cm, 2019
nanquim sobre papel
vegetal e tratamento
digital
- 02
Rascunho da Aula de
Música
17,5x14 cm, 2018
grafite sobre papel
- 03
Estudo sobre
Andaime e Reforma
s/d, 2019
grafite sobre papel e
colagem digital

CERTIFICADO



04

DE AUTENTICIDADE

05



06

04
Don Quixote Vai
25,3 x 15 cm, 2019
caneta esferográfica
sobre papel

05
Ruassa
25,3 x 15 cm, 2019
técnica mista
sobre papel

06
Materialis
1,0 x 1,5 m, 2018
técnica mista sobre tela

QUANTO VALE?



01

AFROPLANTINHAS

Wellington Amorim

Essa série é um experimento formal e ao mesmo tempo uma convergência de situações pessoais. Em 2018, enquanto ainda estudava sobre paisagismo, me surge um interesse pela diversidade de plantas, suas formas e “personalidades”.

Singelamente, nesse mesmo período, eu começo a me identificar dentro da arte afrocentrada, tanto aquilombando minhas relações, como me expressando do modo que conheço: através da arte e do desenho.

Em 2021, após reconhecer e assumir meus traços. Essa série, - irmã do recém-nascido jardim da minha mãe - através das influências que obtive, ferve para surgir e falar de diversidade negra e da suas quilombezas.



02



03

01
Babosa
4000x4000 px, 2021
Pintura Digital

02
Cacto
4000x4000 px, 2021
Pintura Digital

03
Espada-de-São-Jorge
4000x4000 px, 2021
Pintura Digital



04



05



06

04
Comigo-Ninguém-Pode
4000x4000 px, 2021
Pintura Digital

05
Clorofito
4000x4000 px, 2021
Pintura Digital

06
Samambaia
4000x4000 px, 2021
Pintura Digital

O OLHAR PELA ARTE

Maria Vitória Freitas

Maria Vitória percebeu a conexão com a arte desde cedo. Ainda criança, adorava desenhar e sempre as matérias e trabalhos artísticos da escola foram seus preferidos. No entanto, apenas aos 15 anos começou a se aventurar no mundo da pintura e, desde então, nunca parou. Hoje, aos 21 anos, produz obras voltadas a paisagens, quase sempre com a natureza em foco.

O processo criativo envolve o olhar cauteloso ao seu redor. O comportamento das cores, da luz, das sombras... O nascer e pôr-do-sol e como as nuvens se conduzem durante esse processo. Por meio da arte, nasce um mundo diferente.



01



02

01
Campo de Girassois
70x90cm, 2021
Acrilica sobre tela

02
BG SUNSET
50x70cm, 2021
Acrilica sobre paine



03



04



05



06

03
Bosque
60x80cm, 2020
Acrílica sobre painel

04
Lago dos Cisnes
40x50cm, 2021
Acrílica sobre tela

05
Road Trip
40x50cm, 2021
Acrílica sobre tela

06
Ao mar
30x40cm, 2021
Acrílica sobre painel

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às Professoras Ana Rosa Negreiros e Anna Karina Alencar pelo constante apoio durante todas as etapas de produção da revista. Aos demais professores pela indicação dos trabalhos. Aos alunos que disponibilizaram sua produção e também dedicaram tempo e esforço à adaptação para a revista, mesmo num período turbulento de crise sanitária. À toda equipe do +Portfólio que tornou essa edição possível. Ao leitor, que é parte fundamental no processo. E a todos que de algum modo contribuíram com a realização desta 3ª edição, cujo o objetivo maior é o incentivo ao compartilhamento de conhecimento e o fomento a discussão do que é produzido dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPI.

Organizadores





Universidade Federal do Piauí - UFPI
Centro de Tecnologia - CT
Arquitetura e Urbanismo
Departamento de Construção
Civil e Arquitetura - DCCA

Projeto de Extensão MaisPortfólio
Orientadoras: Ana Rosa Negreiros
Anna Karina Alencar

